



# BMEP

---

Boletim Mensal de Economia Portuguesa

N.º 07 | julho 2011



**Gabinete de Estratégia e Estudos**  
Ministério da Economia, da Inovação e do Desenvolvimento

**GPEAR I**  
Gabinete de Planeamento, Estratégia, Avaliação,  
e Relações Internacionais

Ministério das Finanças

## Ficha Técnica

---

**Título:** Boletim Mensal de Economia Portuguesa

**Data:** julho de 2011

Elaborado com informação disponível até ao dia 20 de julho.

### Editores

#### **Gabinete de Estratégia e Estudos**

Ministério da Economia  
Avenida da República, 79  
1050-243 Lisboa  
Telefone: +351 21 7998158  
Fax: +351 21 7998154  
URL: <http://www.gee.min-economia.pt>  
E-Mail: [gee@gee.min-economia.pt](mailto:gee@gee.min-economia.pt)

#### **Gabinete de Planeamento, Estratégia, Avaliação e Relações Internacionais**

Ministério das Finanças  
Av. Infante D. Henrique n.º. 1 – 1.º.  
1100 – 278 Lisboa  
Telefone: +351 21 8823396  
Fax: +351 21 8823399  
URL: <http://www.gpeari.min-financas.pt>  
E-Mail: [bmep@gpeari.min-financas.pt](mailto:bmep@gpeari.min-financas.pt)

**ISSN: 1646-9062**

(Texto escrito ao abrigo do novo acordo ortográfico)

## Índice

<hr/>	
<b>Conjuntura</b>	<b>5</b>
Sumário	7
1. Enquadramento Internacional	11
2. Conjuntura Nacional	14
3. Comércio Internacional	25
<hr/>	
<b>Destaques</b>	<b>31</b>
Evolução do Comércio Extracomunitário de Mercadorias em Portugal: 1993-2011	33
Evolução do Comércio Internacional de Portugal por Grupos de Produtos	39
<hr/>	
<b>Artigos</b>	<b>41</b>
<b>Em Análise</b>	<b>43</b>
Exportações Portuguesas por Produtos e Destinos	43
<hr/>	
<b>Iniciativas e Medidas Legislativas</b>	<b>57</b>
<hr/>	
<b>Abreviaturas Utilizadas</b>	<b>63</b>



**Conjuntura**



## Sumário

### Enquadramento Internacional

- \* Os mercados financeiros internacionais apresentaram uma elevada instabilidade nos meses de junho e julho traduzindo o aumento da incerteza quanto ao ritmo de crescimento futuro da economia mundial; a manutenção do preço elevado das matérias-primas e os receios de contágio para outros países da área do euro, do risco de incumprimento da dívida soberana da Grécia.
- \* Os indicadores disponíveis para os EUA durante o 2.º trimestre de 2011 indicam um abrandamento da atividade económica e uma deterioração do mercado de trabalho. De facto, os indicadores de confiança dos empresários da indústria e dos serviços diminuíram; a produção industrial desacelerou e as vendas a retalho registaram um crescimento menos forte. Em junho de 2011, a taxa de desemprego subiu para 9,2% e a taxa de inflação homóloga situou-se em 3,5% (3,6% em maio).
- \* No 2.º trimestre de 2011, o indicador de sentimento económico diminuiu tanto na UE como na AE, devido sobretudo ao agravamento do indicador de confiança dos empresários da indústria transformadora, no caso da AE, e do comércio a retalho, no caso da UE. No conjunto dos meses de abril e maio de 2011, os indicadores quantitativos para a área do euro indicam um abrandamento da produção industrial e das exportações e, uma ligeira quebra das vendas a retalho. Em maio de 2011, a taxa de desemprego estabilizou tanto na AE como na UE, situando-se em 9,9% e em 9,3%, respetivamente. Em junho de 2011, a taxa de inflação homóloga da AE, manteve-se em 2,7% mas, em termos de variação dos últimos 12 meses, aumentou para 2,3% (2,2% em maio).
- \* Em julho e, até ao dia 20, as taxas de juro a 3 meses prosseguiram o movimento ascendente na área do euro; enquanto diminuíram nos EUA. Em junho, as taxas de juro de longo prazo subiram ligeiramente na AE; enquanto reduziram-se nos EUA, pelo 2.º mês consecutivo, sugerindo a possibilidade de um crescimento económico mais moderado nos próximos anos.
- \* O preço *spot* do petróleo *Brent* subiu em julho, tendo a média do preço do *Brent*, até ao dia 20 deste mês, registado o valor de 116 USD/bbl (82€/bbl), invertendo a tendência descendente dos dois meses precedentes.

### Conjuntura Nacional

- \* No 2.º trimestre de 2011, registou-se uma deterioração do indicador de clima económico face ao trimestre anterior, continuando a trajetória descendente iniciada na 2.ª metade do ano anterior. Também os indicadores de confiança registaram um agravamento em todos os sectores de atividade.
- \* Os dados disponíveis para o 2.º trimestre, mostram um agravamento de todas as componentes do investimento.
- \* No trimestre terminado em maio, os indicadores quantitativos relativos à atividade económica, apresentaram uma evolução menos favorável face ao 1.º trimestre.
- \* Em junho a taxa de variação homóloga do Índice de Preços no Consumidor (IPC) foi de 3,4%, 0,4 p.p. inferior à do mês anterior e o valor mais baixo verificado este ano. A variação média dos últimos 12 meses do IPC subiu 0,1 p.p. para os 2,9%.
- \* Até junho, o défice orçamental provisório da Administração Central e da Segurança Social, na ótica da contabilidade pública, foi de 3964 milhões de euros, representando uma melhoria de cerca de 2023 milhões de euros face ao mesmo período de 2010. Este resultado reflete, no essencial, o comportamento do défice global do Estado, o qual se reduziu em 1647 milhões de euros face ao período homólogo, situando-se nos 6151 milhões de euros. Os Serviços e

Fundos Autónomos (SFA) registaram um excedente de 1106 milhões de euros, mais 264 milhões de euros que em idêntico período do ano anterior. O excedente de execução orçamental da Segurança Social, na ótica da contabilidade pública, foi de 1081 milhões de euros, 133 milhões de euros acima do registado no período homólogo.

- \* No primeiro semestre ano, a execução financeira consolidada provisória do Serviço Nacional de Saúde (SNS) foi de -94,5 milhões de euros, que compara com um défice de 56,8 milhões de euros no período homólogo, refletindo essencialmente o menor valor das transferências recebidas do OE, não compensado integralmente pela redução da despesa.
- \* Até maio, o excedente orçamental da Administração Regional diminuiu 93 milhões de euros face ao valor registado no primeiro trimestre.

## Comércio Internacional

- \* Os **resultados preliminares das estatísticas do comércio internacional** divulgados para o mês de maio<sup>1</sup> apontam para um crescimento homólogo positivo das exportações de mercadorias de 18% nos primeiros 5 meses de 2011, relativamente a igual período de 2010. Por outro lado, as importações de mercadorias cresceram a uma taxa relativamente inferior (10,6%), o que levou a uma recuperação do saldo negativo da balança comercial (fob-cif) de 3,5% (aproximadamente 272 milhões de euros). Ainda neste contexto, as exportações passaram a representar 69,8% das importações, mais 4,4 p.p. face ao período homólogo do ano anterior.
- \* Entre janeiro e maio de 2011 e *excluindo os produtos energéticos*, o crescimento das exportações mercadorias manteve-se superior (18,8%) ao do total das exportações e das importações inferior (6,7%) ao do total das importações. A taxa de cobertura das importações pelas exportações de mercadorias atingiu, neste contexto, os 79,2%, mais 8,1 p.p. face a igual período em 2010.
- \* No último ano a terminar em maio de 2011, as exportações cresceram, em termos homólogos, 16,6% e as importações mantiveram uma variação homóloga positiva inferior à das exportações (10,8%). O défice da balança comercial registou um ligeiro agravamento de 0,7%. *Excluindo os produtos energéticos*, o saldo negativo da balança comercial recuperou, em termos homólogos, 10,1% dado o maior crescimento das exportações (+16,5%) relativamente ao das importações (8,1%).
- \* Nos primeiros cinco meses de 2011, todos os grupos de produtos contribuíram positivamente para o crescimento homólogo das exportações de mercadorias, destacando-se o contributo dos grupos “Material de Transporte” (+3,8 p.p.), “Químicos” (+3,4 p.p.) e “Minérios e Metais” (+3,1 p.p.). Também no último ano a terminar em maio de 2011, todos os grupos de produtos contribuíram positivamente para o crescimento das exportações, destacando-se os grupos “Material de Transporte” (+3,3 p.p.), “Químicos” (+2,8 p.p.) e “Minérios e Metais” (+2,7 p.p.).
- \* Entre janeiro e maio de 2011, as *exportações para o mercado comunitário* cresceram, em termos homólogos, 18,4% e representaram 75,8% das exportações totais de mercadorias. As exportações para os países da UE - 15 registaram uma variação homóloga positiva de 18,5%, superior à das exportações para os países do Alargamento (13,7%). Espanha permanece como principal mercado de destino das exportações de mercadorias (25,9% do total das exportações de mercadorias). As exportações para a Alemanha e para a Espanha foram aquelas que mais contribuíram para o crescimento das exportações nestes cinco meses (3,5 p.p e 3,3 p.p., respetivamente). As exportações de mercadorias para França cresceram, em termos homólogos, 22,8%, contribuindo com 2,8 p.p. para o crescimento das exportações. As exportações para o Reino Unido cresceram, em termos homólogos, 8,1%.

<sup>1</sup> Os dados recentemente divulgados para o mês de maio de 2011 correspondem a uma primeira versão preliminar.

- \* Nos primeiros cinco meses de 2011, as *exportações para os Países Terceiros* cresceram, em termos homólogos, 17%, evidenciando-se o comportamento positivo das exportações para a Argélia (+97,1%), China (+44,6%) e Brasil (+41,3%). Ao contrário do registado no último ano a terminar em maio, as exportações para Angola cresceram 7,4%, contribuindo positivamente para o crescimento das exportações (+0,4 p.p.).
- \* Entre janeiro e maio de 2011, as exportações de produtos industriais transformados registaram uma variação homóloga positiva de 17,5% relativamente a igual período do ano passado. As exportações de produtos de média intensidade tecnológica (alta + baixa) foram as que mais contribuíram para o crescimento das exportações deste tipo de produtos (11,4 p.p.).
- \* De acordo com os dados da Balança de Pagamentos divulgados para o mês de abril de 2011, as **Exportações de Bens e Serviços** registaram um crescimento homólogo positivo de 14,3% no primeiro quadrimestre de 2011. A componente de Bens continuou a crescer a uma taxa superior à da dos Serviços (16,4% e 9,5%, respetivamente). A componente de Bens continua a ser a que mais contribui para o crescimento do total das Exportações (+11,5 p.p.). As Importações de Bens e Serviços cresceram a uma taxa inferior (7,7%), sendo também a componente de Bens (+7,5 p.p.) a que mais contribuiu para este comportamento.

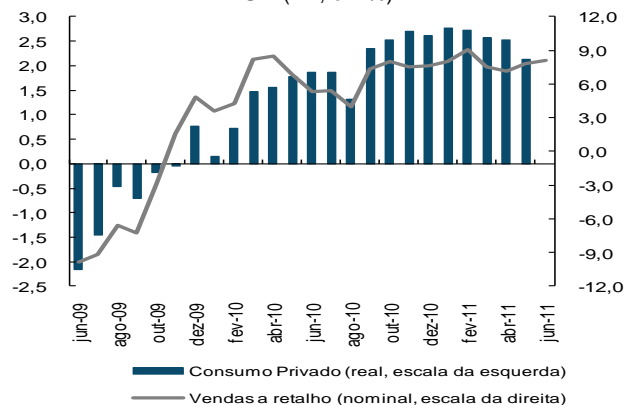


## 1. Enquadramento Internacional

### Atividade Económica Extra-UE

Os indicadores referentes ao 2.º trimestre de 2011 sugerem um crescimento mais moderado da economia dos EUA; a continuação de um crescimento robusto da economia chinesa, e uma retração do Japão. Neste período, assistiu-se a uma desaceleração dos preços das matérias-primas, embora mantendo-se em alta, com maior impacto na subida da taxa de inflação das economias emergentes, nomeadamente da China.

**Figura 1.1 Consumo Privado e Vendas a Retalho dos EUA (VH, em %)**



Fonte: Bureau of Economic Analysis.

Nos **EUA**, os dados disponíveis para o 2.º trimestre de 2011 indicam uma diminuição dos indicadores de confiança (especialmente acentuada para os serviços) e um abrandamento da atividade económica. Com efeito, neste trimestre e, em termos homólogos:

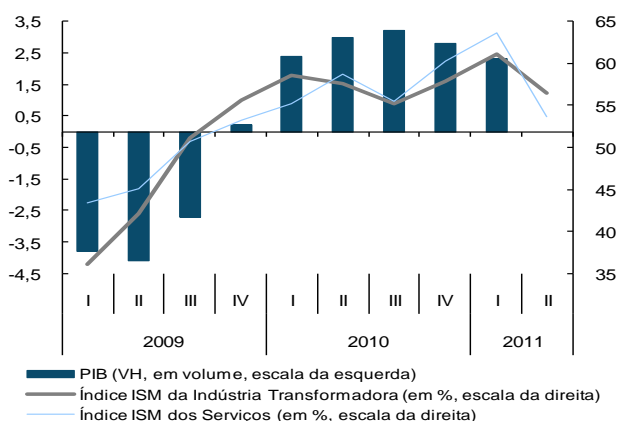
- a produção industrial desacelerou para 3,9% (5,4% no 1.º trimestre);
- as vendas a retalho abrandaram para 7,7% em termos nominais (8,2% no 1.º trimestre);
- a taxa de desemprego subiu para 9,1% (8,9% no 1.º trimestre);
- a taxa de inflação aumentou para 3,4% (2,1% no 1.º trimestre).

No conjunto dos meses de abril e maio de 2011 e em comparação homóloga, o consumo privado aumentou 2,3% em termos reais (2,7% no 1.º trimestre) e as exportações registaram um crescimento de 17% em termos nominais (16% no 1.º trimestre).

**Quadro 1.1. Indicadores de Atividade Económica Extra-UE**

Indicador	Unidade	Fonte	2010	2010			2011		2011			
				2T	3T	4T	1T	2T	mar	abr	mai	jun
EUA – PIB real	VH	BEA	2,9	3,0	3,2	2,8	2,3	:	-	-	-	-
Índice de Produção Industrial	VH	BGFRS	5,3	6,5	6,9	6,3	5,4	3,9	5,3	4,8	3,3	3,4
Índice ISM da Indústria Transformadora	%	ISM	57,3	57,6	55,2	57,9	61,1	56,4	61,2	60,4	53,5	55,3
Índice ISM dos Serviços	%	"	57,4	58,7	55,5	60,3	63,7	53,6	59,7	53,7	53,6	53,4
Indicador de Confiança dos Consumidores	SRE	Michigan	71,8	73,9	68,3	71,3	73,1	71,9	67,5	69,8	74,3	71,5
Taxa de Desemprego	%	BLS	9,6	9,6	9,6	9,6	8,9	9,1	8,8	9,0	9,1	9,2
China – PIB real	VH	NBSC	10,3	10,3	9,6	9,8	9,7	9,5	-	-	-	-
Exportações	VH	MC	31,3	41,0	32,5	25,2	25,3	22,4	35,8	29,9	19,4	17,9
Japão – PIB real	VH	COGJ	4,0	3,3	4,8	2,4	-0,7	:	-	-	-	-

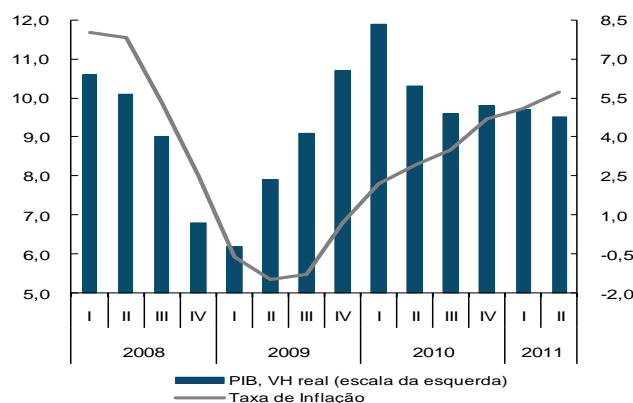
**Figura 1.2. PIB e Índices de Confiança na Indústria e nos Serviços dos EUA**



Fontes: Bureau of Economic Analysis; Institute for Supply Management. Nota: um valor >50 indica expansão e <50 representa contração da atividade.

No 2.º trimestre de 2011, o PIB da **China** cresceu 9,5% (9,7% no 1.º trimestre), influenciado sobretudo pelo forte crescimento da procura interna, nomeadamente do investimento, dado que as exportações desaceleraram. A taxa de inflação homóloga aumentou para 5,7% (5,1% no 1.º trimestre) devido especialmente à aceleração dos preços dos produtos alimentares, contribuindo para uma nova subida, em junho, do coeficiente das reservas obrigatórias dos bancos em 50 p.b., situando-se em 21,5% para os de maior dimensão.

**Figura 1.3. PIB e Taxa de Inflação da China**

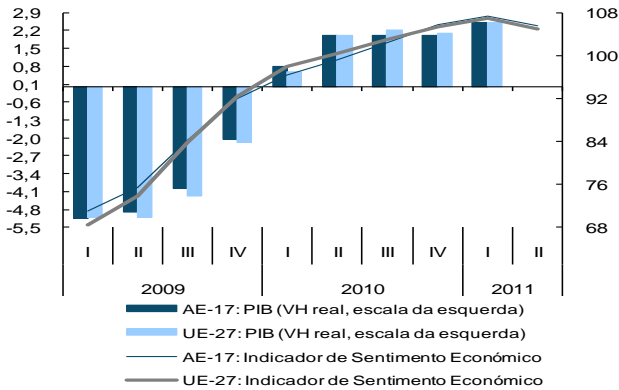


Fonte: Instituto de Estatística da China.

**Atividade Económica da UE**

No 2.º trimestre de 2011, o indicador de sentimento económico diminuiu tanto na União Europeia (UE) como na área do euro (AE), devido principalmente ao agravamento do indicador de confiança dos empresários, da indústria transformadora, no caso da AE, e do comércio a retalho, no caso da UE.

**Figura 1.4. PIB e Sentimento Económico da UE e AE**

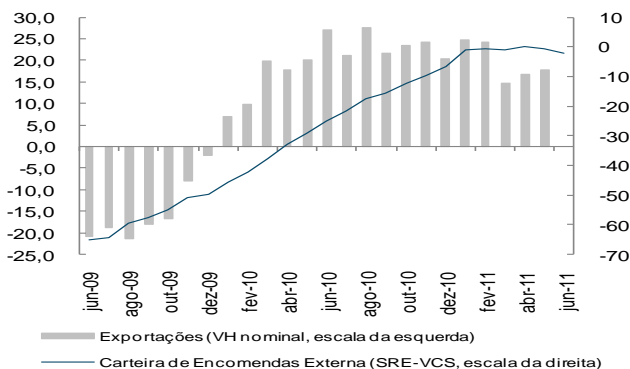


Fontes: CE; Eurostat.

No conjunto dos meses de abril e maio de 2011, os indicadores quantitativos disponíveis indicam um crescimento mais moderado da atividade económica da área do euro. Neste período e, em termos homólogos:

- a produção industrial desacelerou para 4,6% (6,7% no 1.º trimestre);
- as exportações aumentaram 17,2% em termos nominais (21,1% no 1º trimestre);
- as vendas a retalho diminuíram 0,4% em termos reais, após terem registado um crescimento nulo no 1.º trimestre.

**Figura 1.5. Exportações e Encomendas externas da Área do Euro**



Fontes: Comissão Europeia; Eurostat.

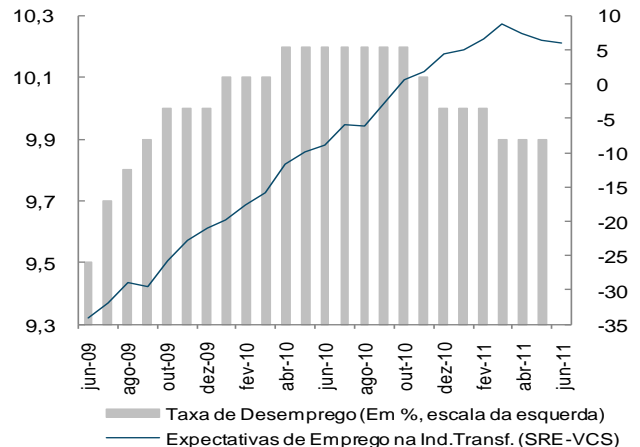
**Quadro 1.2. Indicadores de Atividade Económica da UE**

Indicador	Unidade	Fonte	2010	2010			2011		2011			
				2T	3T	4T	1T	2T	mar	abr	mai	jun
União Europeia (UE-27) – PIB real	VH	Eurostat	1,8	2,0	2,2	2,1	2,5	:	-	-	-	-
Indicador de Sentimento Económico	Índice	CE	101,7	100,4	103,0	105,3	106,9	105,0	107,4	105,1	105,4	104,4
Área do Euro (AE-17) – PIB real	VH	Eurostat	1,8	2,0	2,0	2,0	2,5	:	-	-	-	-
Indicador de Sentimento Económico	Índice	CE	100,9	99,2	102,3	105,7	107,4	105,6	107,3	106,1	105,5	105,1
Índice de Produção Industrial	VH	Eurostat	7,5	9,4	7,3	8,2	6,7	:	5,9	5,3	4,0	:
Índice de Vendas a Retalho	VH real	"	0,8	0,7	1,3	0,7	0,0	:	-1,2	0,7	-1,5	:
Taxa de Desemprego	%	"	10,2	10,2	10,2	10,1	10,0	:	9,9	9,9	9,9	:
IHPC	VH	"	1,6	1,6	1,7	2,0	2,5	2,8	2,7	2,8	2,7	2,7

Em maio de 2011, a taxa de desemprego estabilizou tanto na AE como na UE, situando-se em 9,9% e em 9,3%, respetivamente.

Em junho de 2011, as expectativas dos empresários da área do euro quanto à criação de emprego pioraram para os sectores da indústria transformadora e dos serviços, embora tenham melhorado para a construção e para o comércio a retalho.

**Figura 1.6. Taxa de Desemprego e Expectativas de Emprego na Indústria da Área do Euro**



Fontes: Comissão Europeia; Eurostat.

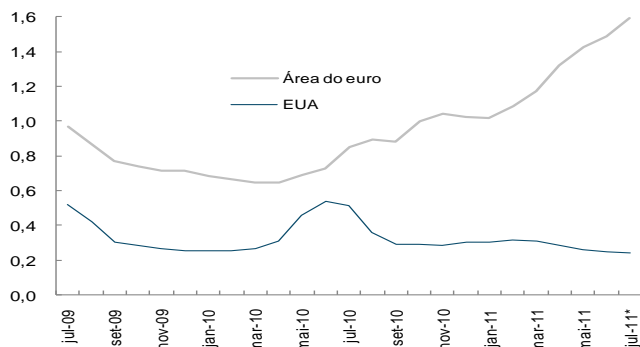
Em junho de 2011, a taxa de inflação homóloga da área do euro manteve-se em 2,7%; no entanto, excluindo os produtos energéticos e alimentares não transformados, a taxa subiu para 1,8% (1,7% em maio). A estabilização do total da taxa de inflação homóloga refletiu uma ligeira desaceleração do preço dos bens alimentares não transformados para 2% (2,4% em maio) em oposição à subida do preço dos serviços para 2% (1,8% em maio).

Em termos de variação dos últimos 12 meses, a taxa de inflação total da área do euro aumentou para 2,3% em junho (2,2% em maio).

## Mercados Financeiros e Matérias-Primas

No dia 7 de julho de 2011, o Conselho do Banco Central Europeu decidiu aumentar a taxa diretora para 1,5% (1,25%, desde 7 de abril). Em julho e até ao dia 20, as taxas de juro de curto prazo prosseguiram o movimento ascendente na área do euro, situando-se em 1,59% (1,49%, em média, em junho); enquanto nos EUA diminuíram para 0,24% (0,25%, em média, em junho).

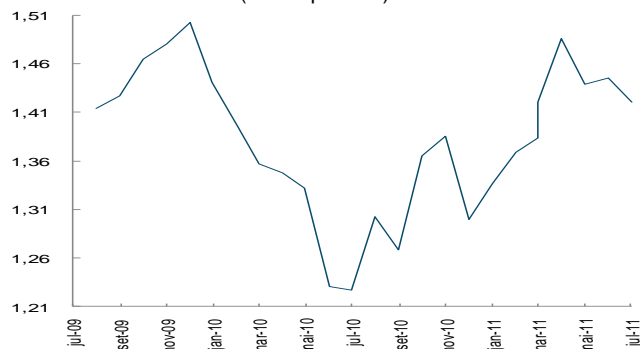
**Figura 1.7. Taxa de Juro a 3 meses do Mercado Monetário (Média mensal, em %)**



Fonte: BCE; IGCP. \* Média até ao dia 20.

Em junho, verificou-se uma ligeira subida das taxas de juro de longo prazo na área do euro, enquanto nos EUA se assistiu a uma redução significativa, pelo 2.º mês consecutivo. Neste período, é de salientar o aumento da incerteza em torno do ritmo de retoma económica dos EUA e, por outro lado, o recrudescimento de tensões nos mercados financeiros da área do euro relacionadas com o risco de dívida soberana da Grécia e os receios de contágio para outros países da AE.

**Figura 1.8. Taxa de Câmbio do Euro face ao Dólar (fim do período)**

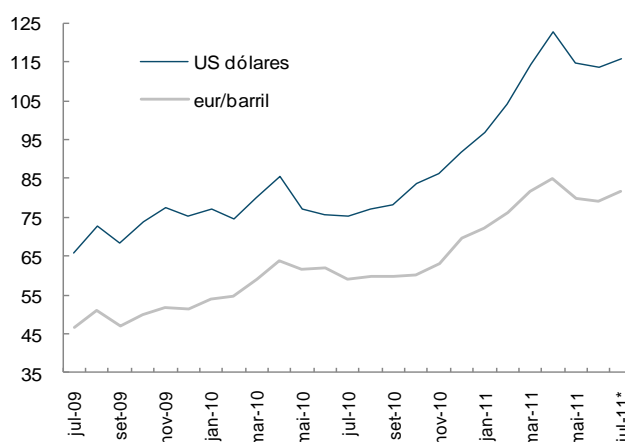


Fonte: Banco de Portugal. Para julho, o valor é do dia 20.

Após uma ligeira apreciação do euro face ao dólar em junho, este tem vindo a registar uma depreciação no decurso do mês de julho, onde atingiu no dia 12 (1,40) o valor mais baixo desde meados de março. Para esta evolução tem contribuído a incerteza associada à aprovação de um novo programa de ajuda financeira à Grécia.

Em junho de 2011, o índice de preços relativo do petróleo importado desceu para 77,1 (por memória atingiu o valor de 100 durante a crise petrolífera de 1979). Em julho, e até dia 20, o preço do petróleo *Brent* subiu ligeiramente para se situar, em média, em 116 USD/bbl (82 €/bbl), invertendo a tendência descendente registada nos últimos 2 meses.

**Figura 1.9. Preço médio Spot do Petróleo Brent (Em USD e euros)**



Fontes: DGEG, IGCP e BP. \* Média dos dias 1 a 20.

No 2.º trimestre de 2011, o preço das matérias-primas não energéticas desacelerou, tendo aumentado 28% em termos homólogos (33% no 1.º trimestre), devido sobretudo à desaceleração dos preços dos metais, dos produtos industriais e agrícolas.

### Quadro 1.3. Indicadores Monetários e Financeiros Internacionais

Indicador	Unidade	Fonte	2010	2010			2011		2011			
				2T	3T	4T	1T	2T	mar	abr	mai	jun
Taxa Euribor a 3 meses*	%	BP	1,01	0,77	0,89	1,01	1,23	1,55	1,23	1,39	1,43	1,55
Yield OT 10 anos – EUA**	%	Eurostat	3,21	3,49	2,79	2,86	3,46	3,21	3,41	3,46	3,17	3,00
Yield OT 10 anos – Área do euro**	%	"	3,62	3,60	3,44	3,75	4,34	4,54	4,42	4,58	4,50	4,53
Taxa de Câmbio*	Eur/USD	BP	1,336	1,227	1,365	1,336	1,421	1,445	1,421	1,486	1,439	1,445
Dow Jones*	VC	Yahoo	11,0	-10,0	10,4	7,3	6,4	0,8	0,8	4,0	-1,9	-1,2
DJ Euro Stoxx50*	VC	"	-5,8	-12,2	6,8	1,6	4,2	-2,1	-3,4	3,4	-5,0	-0,5
Spot do Petróleo Brent em USD/bbl**	USD/bbl	DGEG	80,21	79,53	76,87	87,23	105,15	117,04	114,53	122,68	114,66	113,77
Spot do Petróleo Brent em USD/bbl**	VH	"	28,4	33,5	11,4	15,5	36,2	47,2	43,3	43,2	48,5	50,2
Spot do Petróleo Brent em euros/bbl**	VH	DGEG e BP	34,9	43,1	23,4	25,8	37,7	30,2	38,9	33,0	30,0	27,5
Preço Relativo do Petróleo em euros***	1979=100	GEE	59,8	61,2	60,6	62,0	73,9	82,0	81,1	84,9	84,1	77,1

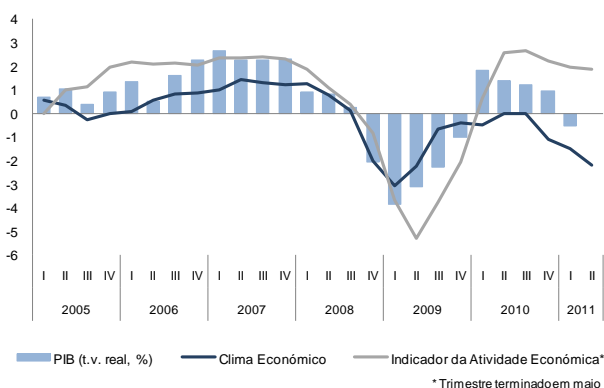
\* Fim de período; \*\* Valores médios; \*\*\* Preço Relativo do Petróleo é o rácio entre o preço de importação de ramas de petróleo bruto em euros e o deflator do PIB em Portugal (sempre que não haja deflator, utiliza-se o último deflator conhecido). Nota: O preço do Petróleo Brent em 2009, 2010 e 2011 corresponde à média diária do IGCP.

## 2. Conjuntura Nacional

### Atividade Económica e Oferta

No 2.º trimestre de 2011, o indicador de clima económico continuou a trajetória descendente iniciada na 2.ª metade do ano anterior. Também o Indicador da Atividade Económica registou, no trimestre terminado em maio, um ligeiro abrandamento face ao 1.º trimestre, mas abrandando o ritmo de desaceleração que se vinha registando nos últimos trimestres.

Figura 2.1. PIB e Indicadores de Síntese Económica

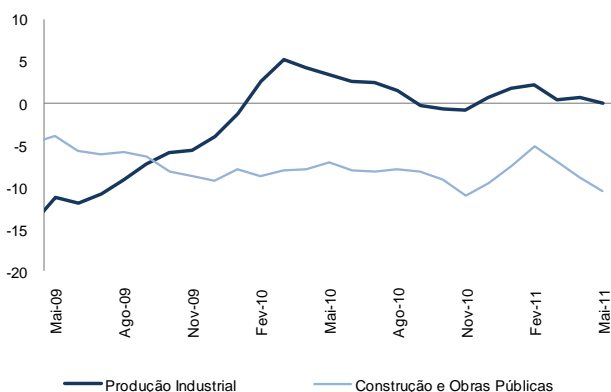


Fontes: INE.

Os dados quantitativos disponíveis para trimestre terminado em maio mostram que, em termos médios homólogos:

- na indústria transformadora, o índice de produção teve um crescimento nulo e o índice de volume de negócios desacelerou para 7,9% (0,5% e 10,1% no 1.º trimestre, respetivamente);
- o índice de produção na construção e obras públicas agravou a quebra para 10,4% (-6,9% no 1.º trimestre de 2011);
- os índices de volume de negócios nos serviços e comércio a retalho apresentaram quebras de 4,6% e 5,6%, respetivamente, o que corresponde a um agravamento de 1,2 e 0,8 p.p., respetivamente, face ao trimestre anterior.

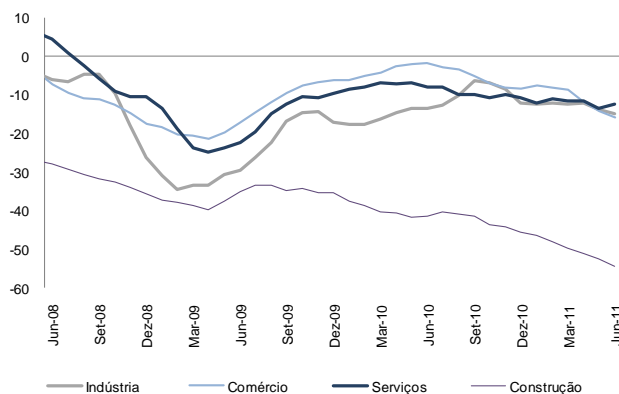
Figura 2.2. Índices de Produção (MM3, VH, %)



Fonte: INE.

No 2.º trimestre, registou-se um agravamento dos indicadores de confiança em todos os sectores, com o comércio a registar a quebra mais significativa e a construção a atingir um novo mínimo desde 1997.

Figura 2.3. Indicadores de Confiança (SRE, MM3)



Fonte: INE.

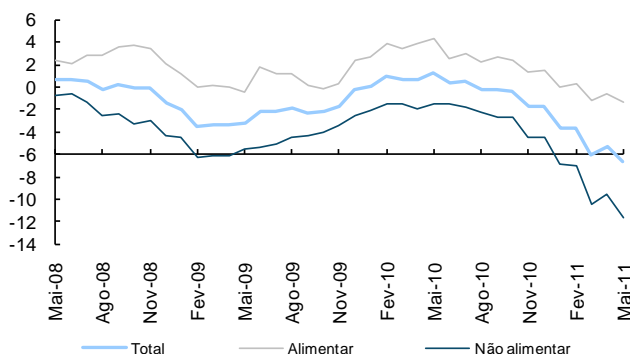
Quadro 2.4. Indicadores de Atividade Económica e Oferta

Indicador	Unidade	Fonte	2010	2010			2011		2011			
				2T	3T	4T	1T	2T	mar	abr	mai	jun
PIB – CN Trimestrais	VH Real	INE	1,2	1,4	1,2	1,0	-0,6	:	:	:	:	:
Indicador de Clima Económico	SRE-VE	"	-0,4	0,0	0,0	-1,1	-1,5	-2,2	-1,5	-1,8	-2,0	-2,2
Indicador de Confiança da Indústria	SRE-VCS	"	-12,1	-13,4	-6,4	-12,2	-12,4	-14,8	-14,4	-12,2	-14,7	-17,5
Indicador de Confiança do Comércio	"	"	-5,0	-1,9	-5,2	-8,5	-8,8	-15,9	-10,7	-15,7	-16,4	-15,5
Indicador de Confiança dos Serviços	"	"	-8,9	-7,9	-9,9	-10,7	-11,6	-12,5	-12,9	-13,5	-14,3	-9,6
Indicador de Confiança da Construção	"	"	-42,2	-41,3	-41,3	-45,6	-49,9	-54,4	-50,7	-52,4	-54,6	-56,1
Índice de Produção Industrial – Ind. Transf.	VH	"	2,0	2,7	-0,2	0,7	0,5	:	-2,0	2,3	-0,1	:
Índice de Volume de Negócios – Ind. Transf.	"	"	9,3	10,4	7,6	8,5	10,1	:	7,4	7,6	8,7	:
Índice de Volume de Negócios - Serviços	"	"	2,6	5,1	1,3	2,5	-3,4	:	-4,7	-6,1	-3,1	:

## Consumo Privado

No trimestre terminado em maio no índice de volume de negócios no comércio a retalho (IVNCR) verificou-se uma redução de 6,7% em termos homólogos, uma quebra 1,4 p.p. superior à registada em abril. Para esta evolução contribuiu o agravar da redução na categoria dos bens alimentares e dos não alimentares que apresentaram decréscimos de -1,4% (0,8 p.p. superior ao de abril) e -11,6% (2,1 p.p. superior ao de abril), respetivamente.

**Figura 2.4. Índice do Volume de Negócios no Comércio a Retalho**  
(MM3, VH)

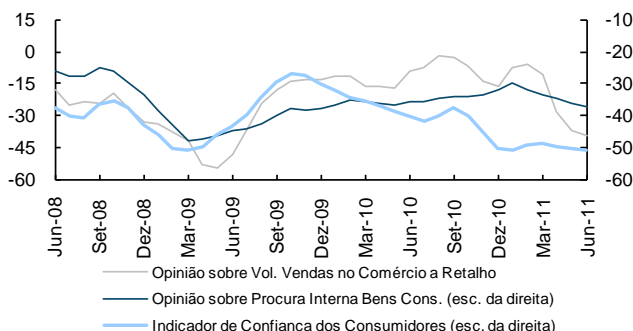


Fonte: INE.

Em junho verificou-se uma melhoria na confiança quer dos empresários do comércio a retalho quer no sentimento dos empresários relativos à procura interna por bens de consumo produzidos pela indústria. No entanto, considerando os últimos 3 meses constata-se que no segundo trimestre se verificou uma forte quebra na confiança do comércio a retalho e uma quebra no sentimento dos empresários relativos à procura interna por bens de consumo produzidos pela indústria face ao 1.º trimestre.

No que se refere aos consumidores observou-se em junho uma estabilização no índice de confiança dos mesmos. No cômputo do segundo trimestre verificou-se, contudo, uma quebra face ao 1.º trimestre.

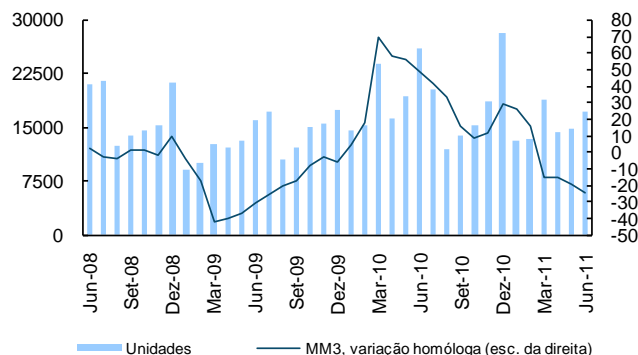
**Figura 2.5. Opiniões dos Empresários e Confiança dos Consumidores**  
(SRE-VE, MM3)



Fonte: INE.

No mês de junho as vendas de veículos totalizaram aproximadamente os 17 mil veículos, correspondendo a uma quebra de 34,1% em termos homólogos, um agravar de 10,6 p.p. face a maio. Esta é a quebra mais acentuada desde abril de 2009. Dever-se-á salientar, no entanto, que esta evolução deriva também do efeito base, já que as vendas de automóveis foram particularmente fortes em junho de 2010 em grande parte devido ao aumento da taxa de IVA previsto em julho de 2010.

**Figura 2.6. Venda de Automóveis Ligeiros de Passageiros**



Fonte: ACAP.

**Quadro 2.5. Indicadores de Consumo Privado**

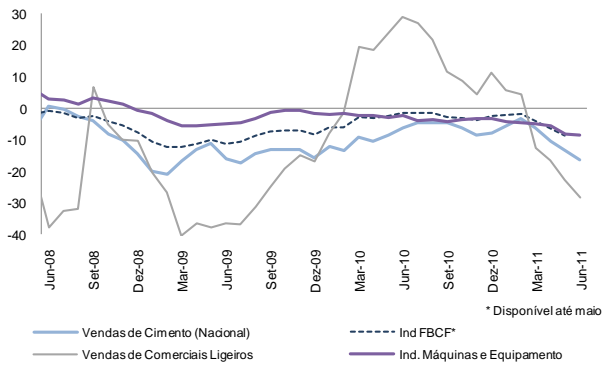
Indicador	Unidade	Fonte	2010	2010			2011		2011			
				2T	3T	4T	1T	2T	Mar	Abr	Mai	Jun
Consumo Privado - CN Trimestrais	VH real	INE	2,3	3,1	2,0	1,1	-2,1	-	-	-	-	-
Indicador de Confiança dos Consumidores	SRE-VE	"	-41	-40	-37	-50	-48	-51	-48	-54	-49	-49
Volume de Vendas no Comércio a Retalho	VH	"	-11	-9	-3	-16	-11	-39	-28	-40	-41	-36
Índice de Vol. Negócios no Comércio a Retalho*	VH	"	-0,2	0,4	-0,1	-1,7	-6,1	-	-7,6	-4,5	-7,9	-
Bens alimentares	VH	"	2,5	2,6	2,7	1,4	-1,2	-	-2,0	-0,2	-1,9	-
Bens não alimentares	VH	"	-2,5	-1,4	-2,7	-4,5	-10,4	-	-12,8	-8,5	-13,6	-
Vendas de Automóveis Ligeiros de Passageiros**	VH	ACAP	38,8	48,8	16,1	28,9	-15,2	-24,7	-20,6	-11,1	-23,5	-34,1
Importações de bens de consumo***	VH	INE	2,3	6,5	0,0	3,0	2,3	-	-0,9	-3,0	0,6	-

\* Índices deflacionados, corrigidos de sazonalidade e de dias úteis; \*\* Inclui veículos Todo-o-Terreno e Monovolumes com mais de 2300Kg; \*\*\* Exclui material de transporte.

**Investimento**

Os dados disponíveis para o 2.º trimestre de 2011 apontam para um agravamento do comportamento do investimento, em resultado de uma deterioração da evolução de todas as suas componentes. As vendas de cimento e de automóveis ligeiros agravaram-se de forma significativa, tal como o indicador de investimento em máquinas e equipamentos. Os dados do indicador de FBCF, disponíveis até maio, mostram uma quebra acentuada face ao 1.º trimestre (8,5% face a 4,2%).

**Figura 2.7. Indicadores de Investimento (VH, MM3)**

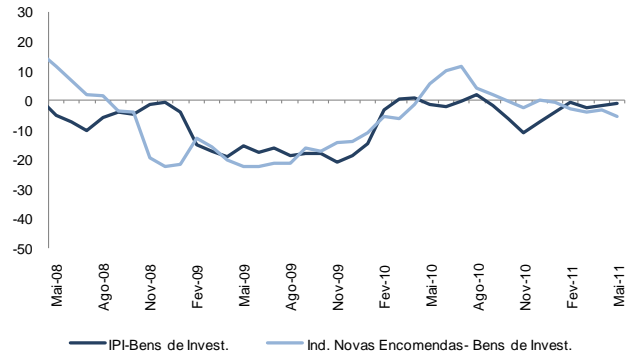


Fonte: INE.

No 2.º trimestre de 2011, os dados disponíveis mostram que:

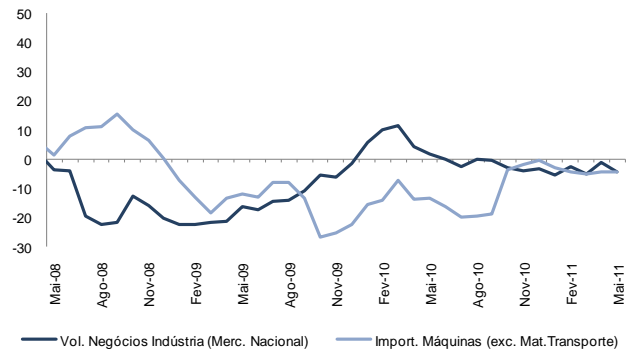
- as vendas de cimento acentuaram a quebra para 16,3% (-6,1% no 1.º trimestre);
- as vendas de veículos comerciais ligeiros apresentaram uma quebra de 28,3% (-12,6% no 1.º trimestre);
- as opiniões dos empresários sobre a evolução das vendas de bens de investimento no comércio por grosso, acentuaram a trajetória descendente que têm vindo a registar.

**Figura 2.8. Produção de Bens de Investimento para o Mercado Nacional (VH, MM3)**



Fonte: INE.

**Figura 2.9. Bens de Equipamento (VH, MM3)**



Fonte: INE

No trimestre terminado em maio, as licenças de construção de fogos continuaram a apresentar um perfil descendente com uma quebra de 37,1% face a -25,1% no 1.º trimestre. Já o índice de volume de negócios na indústria de bens de investimento para o mercado nacional e as importações de bens de capital, exceto material de transporte registaram um abrandamento das suas quebras, tendo registado contrações de 4,3% e 4,2%, respetivamente, face a -5,2% e -4,9% no 1.º trimestre de 2011. Também a produção industrial de bens de investimento recuperou face ao 1.º trimestre (-1,1% face a -2,6%), mas já o índice de novas encomendas de bens de investimento para o mercado nacional caiu para 5,3%, mais 1,4 p.p. do que no 1.º trimestre.

**Quadro 2.6 Indicadores de Investimento**

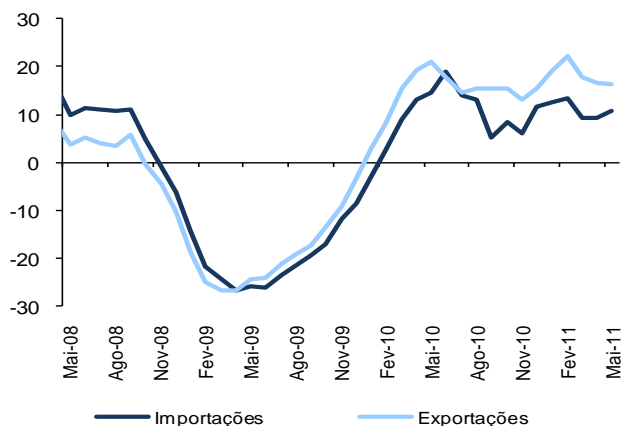
Indicador	Unidade	Fonte	2010	2010			2011		2011				
				2T	3T	4T	1T	2T	mar	abr	mai	jun	
FBCF – CN Trimestrais	VH Real	INE	-4,9	-5,4	-7,5	-4,0	-6,8	:	:	:	:	:	
Indicador de FBCF	SRE-VE	"	-3,1	-1,4	-2,9	-2,6	-4,2	:	:	-4,2	-6,4	-8,6	:
Vendas de Cimento	VH	SECIL e CIMPOR	-7,0	-6,1	-4,7	-8,0	-6,1	-16,3	-9,3	-18,1	-13,0	-17,9	
Vendas de Veículos Comerciais Ligeiros	VH	ACAP	17,4	29,0	11,6	11,4	-12,6	-28,3	-14,1	-27,3	-26,8	-30,8	
Vendas de Veículos Comerciais Pesados	VH	"	-6,9	-3,5	-10,7	39,9	34,1	-2,6	36,7	37,5	-8,7	-32,3	
Volume Vendas Bens de Investimento*	SRE-VE	INE	-28,3	-32	-29	-20,0	-21,9	-43,6	-39,8	-38,2	-50,2	-42,4	
Licenças de Construção de fogos	VH	"	-8,2	5,1	-7,0	-16,0	-25,1	:	-28,6	-41,6	-40,6	:	
Importações de Bens de Capital**	VH	"	-10,6	-16,1	-18,7	-0,4	-4,9	:	-5,8	-0,3	-6,2	:	
Índice Vol. Negócios da IT de Bens de Inv.***	VH	"	-6,1	-0,1	-0,5	-3,2	-5,2	:	-5,7	-4,6	-2,7	:	

\* no Comércio por Grosso; \*\* exceto Material de Transporte; \*\*\* para o Mercado Nacional.

## Contas Externas

Em termos médios, nos meses de abril e maio, os dados relativos ao comércio internacional de bens, mostram que os fluxos de comércio internacional aceleraram face ao 1.º trimestre. As exportações registaram um crescimento nominal elevado de 18,4% (17% no 1.º trimestre), embora tenham acelerado menos do que as importações (12,2% face a 8,8% no 1.º trimestre).

**Figura 2.10. Fluxos do Comércio Internacional**  
(VH, MM3, %)

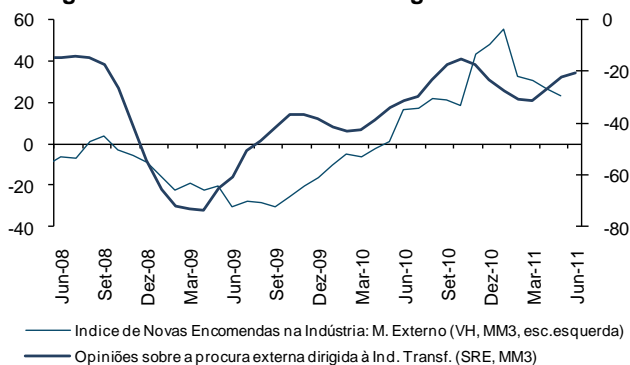


Fonte: INE.

Verificou-se, em ambos os casos, um crescimento significativo da componente extracomunitária que, no caso das importações, acelerou para 37,4% e nas exportações para 22,5% (face a 7,7% e 10,1%, no 1.º trimestre, para as importações e exportações, respetivamente).

No trimestre terminado em maio, e apesar de continuarem a registar crescimentos elevados, as novas encomendas à indústria do mercado externo continuam a desaceleração iniciada no início do ano (23% face a 30,6% no 1.º trimestre). Já as opiniões sobre a procura externa na indústria recuperaram, no 2.º trimestre, face ao trimestre anterior.

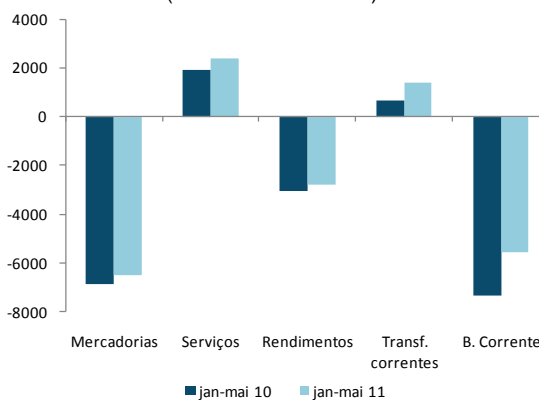
**Figura 2.11. Procura Externa dirigida à Indústria**



Fonte: INE.

Até maio de 2011, o défice acumulado da balança corrente foi de 5 535 milhões de euros, o que representa uma redução de 1 792 milhões de euros em termos homólogos. Este resultado traduz uma melhoria em todos os saldos, incluindo na balança de bens e serviços cujo défice se reduz 808 milhões de euros.

**Figura 2.12. Balança Corrente: composição do saldo**  
(em milhões de euros)



Fonte: Banco de Portugal.

Também o défice da balança corrente e de capital apresentou uma redução de 1 833 milhões de euros, o que se traduz numa diminuição das necessidades de financiamento externo face a igual período do ano anterior.

### Quadro 2.7. Indicadores de Contas Externas

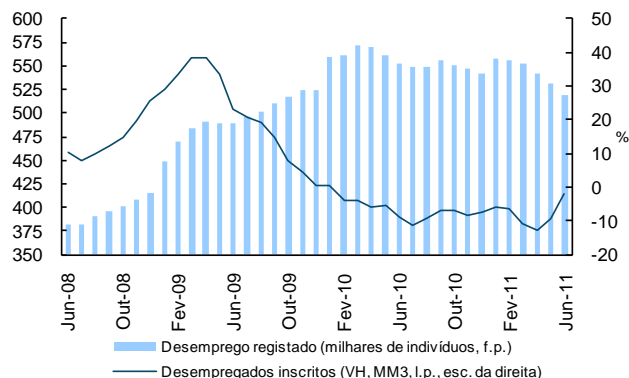
Indicador	Unidade	Fonte	2010	2010				2011				
				1T	2T	3T	4T	1T	fev	mar	abr	mai
Exportações (B&S) - CN Trimestrais	VH real	INE	8,8	9,2	9,6	8,6	7,8	8,5	:	:	:	:
Importações (B&S) - CN Trimestrais	VH real	"	5,1	6,2	9,7	1,3	3,8	-0,8	:	:	:	:
Saldo de bens e serviços	% PIB	"	7,2	7,0	8,2	6,0	7,5	5,5	:	:	:	:
Necessid. de financiamento da economia	% PIB	"	-8,4	-9,3	-9,5	-8,3	-6,6	-6,7	:	:	:	:
Saídas de mercadorias	VH nom	"	16,0	15,4	17,7	15,5	15,3	17,8	21,9	12,9	15,6	21,1
Entradas de mercadorias	VH nom	"	11,0	8,9	18,9	5,1	11,5	9,4	9,6	8,1	10,2	14,2

Indicador	Unidade	Fonte	2010	2010		2011		Var. Acumulada
				mai	jan-mai	mai	jan-mai	
Saldo Balança Corrente e de Capital	10 <sup>6</sup> euros	BP	-15 143	-1924	-6 886	-1557	-5 053	1833
Saldo Balança de Bens	"	"	-17 931	-1474	-6 879	-1459	-6 498	381
Saldo Balança de Serviços	"	"	6 709	571	1946	583	2 373	427
Saldo Balança de Rendimentos	"	"	-8 037	-1302	-3 044	-1013	-2 794	249
Saldo Balança de Transf. Correntes	"	"	2 175	64	650	266	1384	734

## Mercado de Trabalho

De acordo com os dados do IEFP os desempregados registados no final do 2.º trimestre totalizavam 518 mil, traduzindo um decréscimo de 6% face ao trimestre homólogo, e uma melhoria de 2,5 p.p. em relação ao trimestre precedente. Observou-se igualmente uma redução 0,4 p.p. superior à registada em maio de 2011.

**Figura 2.13. Desemprego (%)**



Fonte: IEFP.

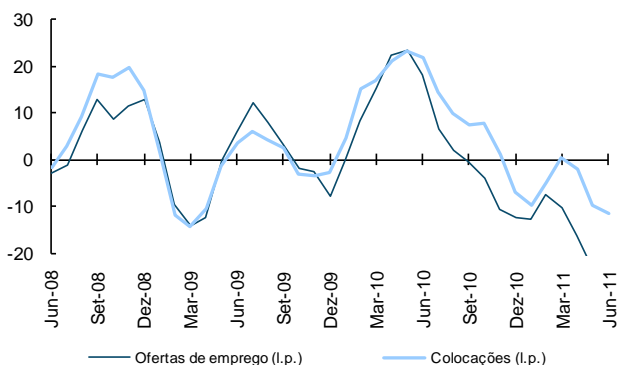
Em valores absolutos verificou-se assim uma redução de 33,2 mil desempregados face ao 2.º trimestre de 2010 e ao 1.º trimestre de 2011, e de 11,9 mil em relação a maio de 2011.

O número de desempregados inscritos mensalmente aumentou 4,7% em junho, com mais 2,2 mil pessoas a inscreverem-se como desempregados nos centros de emprego que em igual mês do ano anterior. Considerando o trimestre constata-se que no 2.º trimestre se verificou uma redução homóloga de 2,2% nos desempregados inscritos no decurso do mesmo, um abrandamento de 8,8 p.p. face à redução verificada no 1.º trimestre.

Nas ofertas de emprego observou-se uma redução de 19,7% em junho, 3,3 p.p. melhor que o registado em maio. Assim sendo, no 2.º trimestre registou-se uma quebra de 23,8% nas ofertas de emprego, um agravar de 13,5 p.p. face ao 1.º trimestre. Nas colocações verificou-se em junho um decréscimo de 8,6 %, melhoria de 6,5 p.p. face a maio levando a que o rácio das colocações sobre as ofertas subisse para os 62%.

As colocações reduziram-se 11,5% no 2.º trimestre, um agravar de 12 p.p. face ao 1.º trimestre.

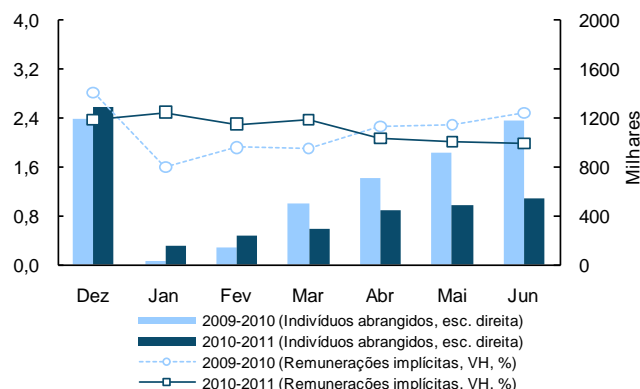
**Figura 2.14. Ofertas de Emprego e Colocações (MM3, VH)**



Fonte: IEFP.

Foram cerca de 537 mil o número de trabalhadores abrangidos por instrumentos de regulamentação coletiva de trabalho (IRCT) até final de junho, menos 54,3% que em igual período do ano anterior.

**Figura 2.15. Contratação Coletiva**



Fonte: MTSS.

As remunerações implícitas nos instrumentos de regulamentação coletiva de trabalho registaram até ao final de junho um crescimento homólogo de 2,0%, mantendo o observado em maio.

### Quadro 2.8. Indicadores do Mercado de Trabalho

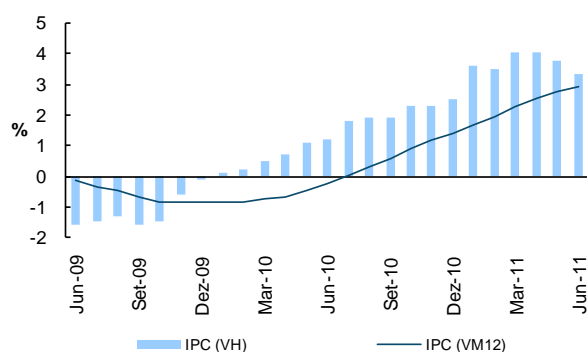
Indicador	Unidade	Fonte	2010	2010			2011		2011			
				2T	3T	4T	1T	2T	Mar	Abr	Mai	Jun
Taxa de Desemprego	%	INE	10,8	10,6	10,9	11,1	12,4	:	-	-	-	-
Emprego Total	VH	"	-1,5	-1,7	-1,1	-1,5	-2,8	:	-	-	-	-
Desemprego Registado (f.p.)	VH	IEFP	3,3	12,7	8,9	3,3	-3,5	-6,0	-3,5	-5,0	-5,4	-6,0
Desempregados Inscritos (l.p.)	VH	"	-6,7	-9,1	-6,8	-7,5	-11,0	-2,2	-15,2	-14,6	5,0	4,7
Ofertas de Emprego (l.p.)	VH	"	4,9	18,1	-0,3	-12,4	-10,3	-23,8	-18,4	-28,5	-23,0	-19,7
Contratação Coletiva	VHA	MTSS	2,4	2,5	2,4	2,4	2,4	2,0	2,4	2,1	2,0	2,0
Índice do Custo do Trabalho* – Portugal	VH	INE	14	13	-0,1	4,2	0,8	:	-	-	-	-
Índice do Custo do Trabalho* – AE16	VH	Eurostat	15	16	1,0	1,5	2,6	:	-	-	-	-

\* Total, excluindo a Administração Pública, Educação, Saúde e Outras Atividades; f.p. - no fim do período; l.p. - ao longo do período.

## Preços

O Índice de Preços no Consumidor (IPC) apresentou em junho uma taxa de variação homóloga de 3,4%, o valor mais baixo este ano, 0,4 p.p. inferior à do mês anterior. Foi o segundo mês de abrandamento na subida dos preços, traduzindo-se numa variação média dos últimos 12 meses do IPC de 2,9% neste mês, apenas 0,1 p.p. acima do valor verificado no final de maio.

**Figura 2.16. Taxa de Variação do IPC**  
(VH, em %)



Fonte: INE.

Os transportes e a habitação, água e eletricidade, categorias onde se verifica um forte impacto do preço dos produtos energéticos que registaram um aumento de 10,9%, foram as que mais contribuíram para a subida no IPC, com aumentos de 8,7% e 5,3%, respetivamente.

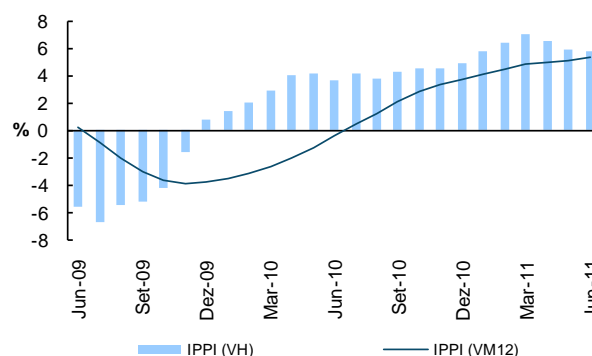
Os produtos alimentares e bebidas não alcoólicas, as bebidas alcoólicas e tabaco e a saúde foram outras categorias com impacto relevante na evolução dos preços, com aumentos de preços de 1,7%, 9,7% e 2,6%, respetivamente. A única categoria a apresentar uma contribuição negativa para o aumento do IPC foi novamente o calçado e vestuário, com uma redução de 2,6% dos preços em termos homólogos.

Os preços dos bens abrandaram consideravelmente, com um crescimento de 3,9%, menos 0,7 p.p. que no mês anterior, enquanto o aumento dos preços nos serviços estabilizou nos 2,7%. O diferencial entre ambos baixou 0,6 p.p. para os 1,3 p.p..

Em junho a inflação subjacente (IPC excluindo bens alimentares não transformados e energéticos) diminuiu 0,2 p.p. para os 2,3%, diminuindo em 0,2 p.p. o diferencial face ao IPC total para 1,1 p.p..

No Índice de Preços na Produção Industrial observou-se em junho um abrandamento de 0,2 p.p. com um crescimento homólogo dos preços de 5,8%. A variação média dos últimos 12 meses subiu 0,1 p.p. para os 5,3%.

**Figura 2.17. Taxa de Variação do IPPI**  
(VH, %)



Fontes: INE.

Os agrupamentos industriais dos produtos intermédios e na energia foram onde se verificaram os maiores aumentos, com crescimentos de 5,4% e 11,3%, respetivamente. Por secções os maiores subidas registam-se na Eletricidade, Gás, Vapor, Água Quente e Ar Frio e nas Indústrias Transformadoras, 7,3% e 5,6%, respetivamente.

A variação homóloga do Índice Harmonizado de Preços no Consumidor em junho foi de 3,3%, 0,4 p.p. menor que em maio, no mês de maio, enquanto a variação homóloga na área euro se manteve estável nos 2,7%, reduzindo-se assim em 0,4 p.p. o diferencial verificado em maio.

**Quadro 2.9. Indicadores de Preços**

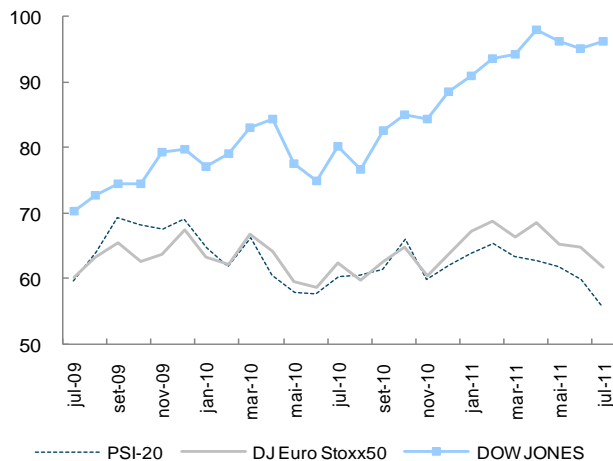
Indicador	Unidade	Fonte	2010	2010			2011					
				Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun
Índice de Preços no Consumidor	VC	INE	:	0,4	0,2	0,3	0,6	0,0	1,6	0,4	-0,1	-0,2
Índice de Preços no Consumidor	VH	INE	:	2,3	2,3	2,5	3,6	3,5	4,0	4,1	3,8	3,4
Índice de Preços no Consumidor	VM12	"	14	0,9	1,2	1,4	1,7	2,0	2,3	2,5	2,8	2,9
IPC – Bens	VH	"	17	3,2	3,0	3,4	4,4	4,4	4,8	4,8	4,6	3,9
IPC – Serviços	"	"	10	1,1	1,2	1,2	2,5	2,4	2,7	2,9	2,7	2,7
IPC excl. aliment. não transf. e energéticos	"	"	0,2	0,4	1,1	0,9	2,1	1,9	2,4	2,6	2,5	2,3
Índice de Preços na Produção Industrial	VH	"	3,7	4,6	4,5	4,9	5,8	6,5	7,0	6,6	6,0	5,8
IHPC	"	"	14	2,3	2,2	2,4	3,6	3,5	3,9	4,0	3,7	3,3
Diferencial IHPC vs área do euro (VH)	p.p.	Eurostat	-0,2	0,4	0,3	0,2	1,3	1,1	1,2	1,2	1,0	0,6

## Mercado de Capitais, Crédito e Taxas de Juro

O índice bolsista da área do euro continuou a apresentar uma evolução descendente ao longo do mês de julho de 2011, enquanto os índices bolsistas dos EUA recuperaram.

Assim, em julho e, em termos médios até ao dia 20, o índice *Euro Stoxx50* diminuiu 3,4% face ao final de junho; enquanto o índice *Dow Jones* melhorou 1%.

**Figura 2.18. Índices Bolsistas**  
(abril 2007=100, fim do período)

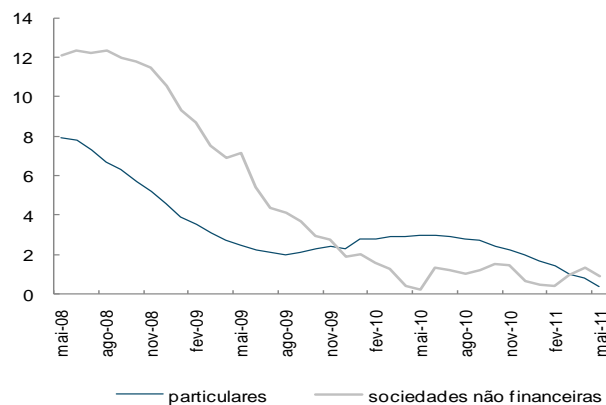


Fontes: CMVM; Finance Yahoo. Para julho, o valor é do dia 20.

Seguindo a tendência descendente do índice bolsista da área do euro, o índice PSI-20, também diminuiu, mas de forma mais acentuada. Em julho e, em termos médios até ao dia 20, o índice PSI-20 desceu 4,6% face ao final do mês de junho.

Em maio de 2011, o ritmo de crescimento dos empréstimos ao setor privado não financeiro desacelerou para 0,6% (1%, desde fevereiro). Para esta evolução contribuiu um abrandamento tanto do crescimento do crédito dirigido às empresas como o destinado aos particulares.

**Figura 2.19. Empréstimos ao Setor Privado**  
(va, em %)

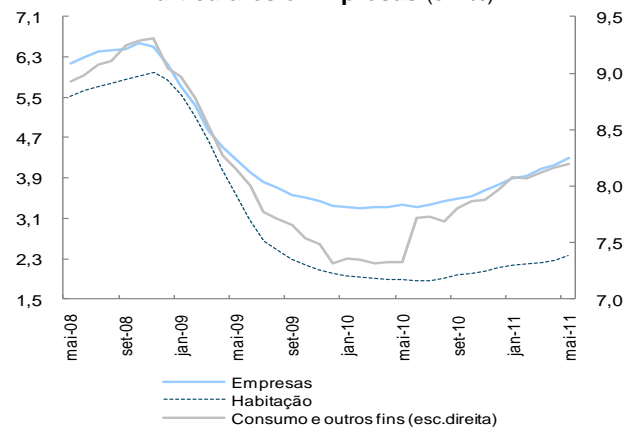


Fonte: Banco de Portugal.

Assim, o ritmo de crescimento do crédito destinado aos particulares diminuiu para 0,4% (0,8% em abril), movimento esse que foi extensível aos empréstimos destinados à habitação e ao consumo, tendo este último apresentado uma quebra, pelo 4.º mês consecutivo.

As taxas de juro das operações do crédito aumentaram tanto para os particulares como para as empresas, tendo a subida sido mais pronunciada para o último caso.

**Figura 2.20. Taxas de Juro de Empréstimos a Particulares e Empresas** (em %)



Fonte: Banco de Portugal.

## Quadro 2.10. Indicadores Monetários e Financeiros

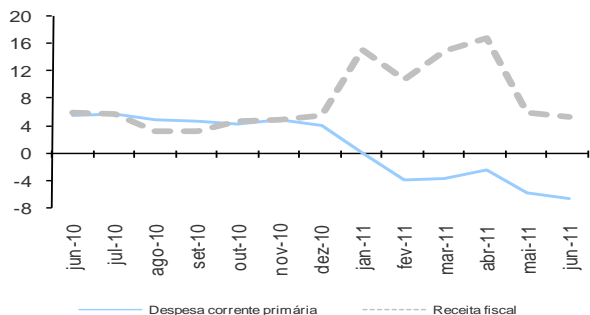
Indicador	Unidade	Fonte	2010	2010			2011					
				out	nov	dez	jan	fev	mar	abr	mai	jun
Yield OT 10 anos PT*	%	IGCP	6,6	6,2	7,1	6,6	6,9	7,4	8,4	9,5	9,7	9,6
Yield OT 10 – Spread Portugal face a Alemanha*	p.b.	"	365	378	439	365	379	424	511	624	672	665
PSI 20*	VC	CMVM	-10,3	7,7	-9,4	3,6	3,0	2,3	-3,0	-1,0	-1,6	-3,1
Empréstimos a particulares: - para habitação	va**	BP	2,4	2,8	2,7	2,4	2,2	1,9	1,6	1,3	0,9	:
- para consumo	va**	"	0,6	1,1	0,6	0,6	0,4	-0,1	-1,0	-1,5	-2,4	:
Empréstimos a empresas	va**	"	0,7	1,5	1,5	0,7	0,4	0,4	1,0	1,3	0,9	:
Taxa de Juro de empréstimos p/ habitação*	%	"	2,12	2,01	2,06	2,12	2,17	2,19	2,22	2,26	2,36	:
Taxa de Juro de empréstimos p/ empresas*	%	"	3,77	3,54	3,64	3,77	3,88	3,95	4,08	4,15	4,30	:

\* Fim de período; \*\* Variação anual. Nota: As taxas de variação anual são calculadas com base na relação entre saldos de empréstimos bancários em fim de mês, ajustados de operações de titularização, e transações mensais, as quais são calculadas a partir de saldos corrigidos de reclassificações, de abatimentos ao activo e de reavaliações cambiais e de preço.

## Finanças Públicas – Estado

Até junho, o valor provisório para o défice global do Estado, na ótica da contabilidade pública, foi de 6151,5 milhões de euros, o que representa uma melhoria de 1626,3 milhões de euros face ao mesmo período de 2010. O défice primário foi de 3149,8 milhões de euros, menos 1647,4 milhões de euros do que o registado no mesmo período de 2010.

**Figura 2.21. Execução Orçamental do Estado**  
(VHA, em %)



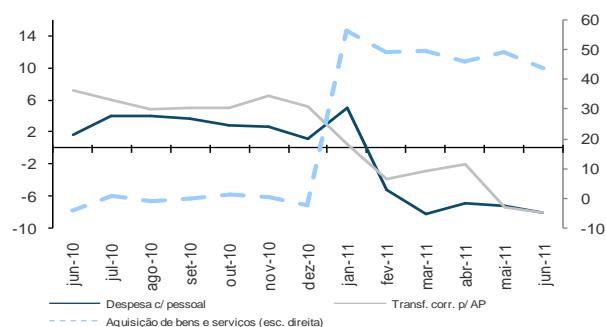
Fonte: DGO.

A execução orçamental do Estado, face ao período homólogo de 2010, caracterizou-se por:

- um aumento da receita fiscal em 5,3%, justificado pelo acréscimo de 7,4% na receita dos impostos indiretos e de 1,9% dos impostos diretos. Nos impostos indiretos, esta variação é o resultado do crescimento da receita do IVA em 14%, refletindo a subida das taxas em 1 p.p. em julho de 2010 e da taxa normal em 2 p.p. em janeiro de 2011, enquanto que nos impostos diretos, o principal contributo é dado pela receita do IRS, que aumentou 2,8%, influenciado pela redução nos benefícios e deduções fiscais cujo impacto se repercutiu na atualização dos escalões da tabela de retenções na fonte. A receita não fiscal registou um crescimento de 1,1%, justificada, principalmente, pelo recebimento da contribuição sobre o sector bancário (147,6 milhões de euros) contabilizada nas outras receitas corrente e pelo aumento das participações para a ADSE e das outras receitas de capital, em resultado dos contratos de adjudicação de painéis solares fotovoltaicos; e
- um decréscimo da despesa total em 3,4% e da despesa primária em 4,0%. Para este efeito contribuíram a diminuição das transferências correntes (-7,7%, consequência da diminuição da transferência para Segurança Social, para o SNS e Administração Local), das despesas com pessoal (-8,0% ou -4,3% expurgando o efeito da alteração metodológica<sup>1</sup> refletindo, sobretudo, o comportamento das remunerações certas e permanentes), e, em

menor grau, dos subsídios (-42,0%, justificada pela redução dos montantes de bonificação de juros à aquisição de habitação própria, bem como o efeito base associado aos encargos com os apoios à instalação de painéis solares verificados em 2010). Em sentido contrário, constata-se um aumento na rubrica aquisição de bens e serviços (43,8%), determinada pela alteração metodológica do registo da despesa final da ADSE e, em menor grau, pelo pagamento de trabalhos especializados no âmbito da Lei de Programação Militar. De igual modo, as outras transferências de capital aumentaram devido à regularização das responsabilidades do Estado a concessionárias de infraestruturas rodoviárias no montante de 590,3 milhões de euros.

**Figura 2.22. Despesa do Estado – principais componentes** (VHA, em %)



Fonte: DGO.

No final de junho, a dívida direta do Estado situou-se em 172,4 mil milhões de euros, aumentando 8046 milhões de euros face ao final do mês anterior. A variação da dívida refletiu os recebimentos do Programa de Assistência Financeira (11847 milhões de euros) e, em menor grau, a emissão líquida positiva de Bilhetes do Tesouro. Em sentido contrário, registou-se a amortização da OT 5,15% Jun 2011 (4899 milhões de euros), de outros títulos não transacionáveis (acordos de recompra) e a amortização líquida de Certificados de Aforro.

**Quadro 2.8. Movimento da Dívida**  
(milhões de euros)

	31-mai-11		jun-11			30-jun-11
	Saldo	Emissões	Amortiz.	Outros	Saldo	
Transacionável	132 657	2 269	5 326	-9	129 592	
Bilhetes do Tesouro	18 890	1 893	0	0	20 783	
Obrigações do Tesouro	108 839	0	4 899	0	103 940	
Não Transacionável	23 696	15 407	5 380	1 084	22 961	
Cert. de Aforro e do Tesouro	14 691	80	387	0	14 384	
CEDIC e CEDIM	5 147	4 501	4 425	0	5 223	
Prog. de Assist. Financeira	7 994	10 763	.	1 084	19 841	
Total	164 348	17 677	10 706	1 075	172 393	

Fonte: IGCP.

**Quadro 2.11. Execução Orçamental do Estado**

	2010		2011		2011			
	jan a jun		jan a jun		VHA (%)			
	10 <sup>6</sup> euros		Exec. face OE corrig.* (%)		mar	abr	mai	jun
Receita Total	16651	17446	45,7	45,0	15,0	17,4	6,9	4,8
Receita corrente	16325	17204	47,0	45,7	14,2	17,3	7,2	5,4
Impostos diretos	5647	5754	42,4	41,8	20,7	33,3	5,4	1,9
Impostos indiretos	9030	9696	51,0	49,1	11,7	9,2	6,3	7,4
Despesa Total	24429	23597	46,7	48,6	-3,6	-3,0	-7,2	-3,4
Despesa corrente primária	20234	18902	47,8	48,4	-3,6	-2,3	-5,9	-6,6
Despesa corrente	23215	21904	48,6	48,3	-4,0	-3,1	-7,5	-5,6
Despesa com pessoal	5532	5090	47,8	52,0	-8,2	-6,9	-7,2	-8,0
Aquisição bens e serviços	500	719	31,4	37,4	49,5	46,1	49,0	43,8
Subsídios	200	116	27,6	18,7	-38,6	-32,3	-37,5	-42,0
Juros	2981	3002	54,2	47,6	-17,7	-13,4	-29,2	0,7
Transferências corr. p/ AP	12210	11219	49,2	49,2	-2,9	-2,0	-7,4	-8,1
Saldo Global	-7778	-6151	-	-	-	-	-	-
Saldo Primário	-4797	-3150	-	-	-	-	-	-

Nota: \* Corresponde ao OE inicial corrigido das alterações orçamentais da competência do Governo, nomeadamente, os montantes cativos utilizados, as autorizações de despesa e os reforços de dotação provisional. Fonte: DGO.

<sup>1</sup>Em 2011, foi introduzida a contribuição patronal para a ADSE (registada em despesas com pessoal) e os encargos com a saúde nas instituições integradas no SNS dos trabalhadores dos serviços de administração direta do Estado passaram a ser registadas como aquisição de bens e serviços (enquanto até 2010 estavam registados como despesas com o pessoal). Desta forma, evita-se a duplicação da despesa com encargos em saúde nos serviços que pagam a contribuição e na ADSE que efetua a despesa final.

## Serviços e Fundos Autónomos

### Serviços e Fundos Autónomos, excluindo o FRDP

Até junho, e na ótica da contabilidade pública, o excedente global provisório dos Serviços e Fundos Autónomos (excluindo o FRDP) foi de 1106,4 milhões de euros, o que constitui uma melhoria de 263,7 milhões de euros face ao mesmo período de 2010. Chama-se a atenção para o facto da comparação dos dados em contabilidade pública dos SFA ser afetada pelas alterações ao universo de entidades abrangidas, as quais se refletem nas taxas de variação apresentadas<sup>1</sup>, bem como pela ausência de reporte, em 2010, de algumas entidades.

A execução orçamental, face ao período homólogo, caracterizou-se por:

- um aumento na receita de 5,0%, explicada pelo crescimento da receita de capital de 125,8% (que reflete a cedência de um crédito da CGA sobre a PT Comunicações, S.A., no montante de 432,7 milhões de euros). Em sentido inverso, a receita corrente diminuiu 0,5% devido ao comportamento das transferências do OE, nomeadamente as destinadas ao SNS; e
- um crescimento da despesa em 2,9%, que tem subjacente o incremento da despesa corrente em 2,1% e o acréscimo da despesa de capital em 19,1%. Para a evolução da primeira contribuíram os aumentos nas rubricas despesas com pessoal (15,2%) e nas transferências correntes (6,4%). A despesa de capital reflete quer o aumento nas transferências de capital (25,4%) quer no investimento (40,5%).

**Quadro 2.10. Execução Orçamental dos Serviços e Fundos Autónomos**

	Serviços e Fundos Autónomos					
	2010		2011		2011	
	jan a jun		jan a jun		mai	jun
	10 <sup>6</sup> euros		Exec. face OE corrig.* (%)		VHA (%)	
Receita Total	11012	11568	38,9	46,1	6,4	5,0
Contribuições p/ Seg. Social, CGA e ADSE	1700	1741	39,6	41,6	3,6	2,5
Transferências correntes das Adm. Públicas	7644	7274	47,3	47,4	-2,3	-4,8
Despesa Total	10169	10461	38,0	43,1	6,6	2,9
Despesa com pessoal	1200	1382	35,0	43,2	25,2	15,2
Aquisição de bens e serviços	3933	3856	43,4	47,9	4,6	-1,9
Transferências correntes	4165	4430	38,1	42,2	3,7	6,4
Saldo Global	843	1106	-	-	-	-

Fonte: DGO.

## Serviço Nacional de Saúde

### Execução financeira consolidada do SNS

Nos primeiros cinco meses de 2011, a execução financeira consolidada<sup>2</sup> provisória do SNS aponta para um défice de 94,5 milhões de euros, o que representa um agravamento de 37,7 milhões de euros face ao excedente registado no período homólogo. A execução financeira, face a 2010, caracterizou-se por:

- um decréscimo da receita em 6,5%, justificada, essencialmente, pela redução da transferência do Orçamento do Estado (-6,9%) no âmbito do financiamento do sistema de saúde; e
- uma diminuição da despesa em 5,6%, devido à diminuição da despesa com subcontratos (-6,6%, onde se destacam as reduções observadas na comparticipação de medicamentos, nos outros serviços de saúde - Hospitais E.P.E. e nos meios complementares de diagnóstico e terapêutica), das despesas com pessoal (-4,3%, que conjuga o efeito da redução da massa salarial, da gestão mais rigorosa das horas extraordinárias e dos suplementos remuneratórios e número de aposentações) e dos fornecimentos e serviços (-20,9%).

**Quadro 2.11. Execução Financeira do Serviço Nacional de Saúde**

	Serviço Nacional de Saúde			
	2010		2011	
	jan a jun		mai-11	jun-11
	10 <sup>6</sup> euros		VHA (%)	
Receita Cobrada	4 484	4 193	-7,0	-6,5
Transferências do Orçamento do Estado	4349	4049	-6,9	-6,9
Prestação de serviços	42	48	14,5	14,8
Outras receitas	93	96	-16,9	3,7
Despesa Total	4 541	4 287	-5,8	-5,6
Despesa com pessoal	527	505	-5,6	-4,3
Subcontratos	3 782	3 531	-7,0	-6,6
Outras despesas	231	252	14,7	9,0
Saldo Global	- 57	- 95	-	-

Fontes: Administração Central do Sistema de Saúde e DGO.

<sup>1</sup>Para mais detalhe sobre as alterações do universo dos SFA, veja-se a Caixa 17 do Relatório do Orçamento do Estado para 2010.

<sup>2</sup>Considerando a despesa efetivamente realizada e os compromissos assumidos, em consonância com o princípio de registo em base de compromissos.

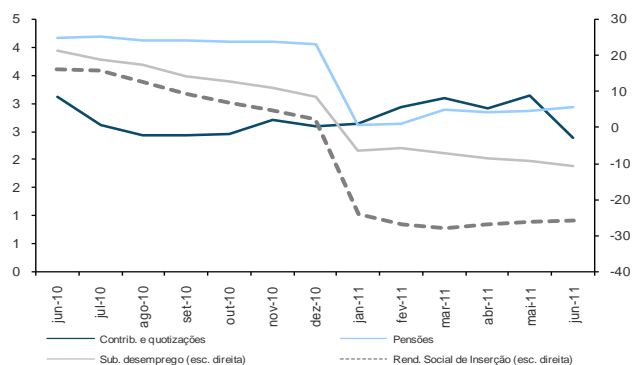
## Segurança Social e Caixa Geral de Aposentações

Até junho, o excedente da execução orçamental da Segurança Social, na ótica da contabilidade pública, foi de 1081,1 milhões de euros, o que representa um aumento de 132,9 milhões de euros face ao mesmo período de 2010.

A execução orçamental da Segurança Social, face a 2010, caracterizou-se por:

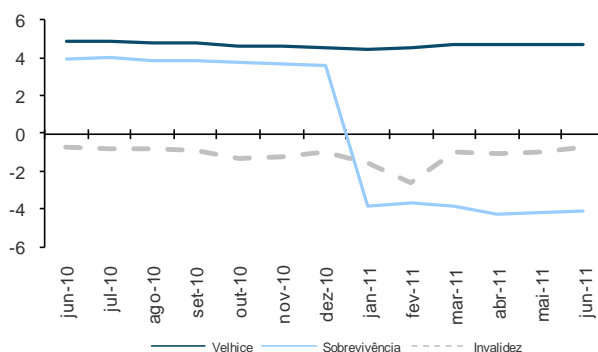
- um crescimento da receita corrente (1,6%) como resultado dos efeitos contrários de aumento nas transferências do Fundo Social Europeu (186,7%), contribuições e quotizações (2,4%) e outras receitas correntes (13,2%) e de reduções nas transferências correntes da Administração Central no âmbito do financiamento da Lei de bases da Segurança Social (-12,7%); e
- um aumento da despesa corrente em 0,3%, refletindo a subida das despesas com ações de formação profissional com suporte no Fundo Social Europeu (40,9%), das pensões (2,9%), das outras prestações (4,6%) e do subsídio por doença (7,4%) e a descida do subsídio familiar a criança e jovens (-31,3%), do subsídio de desemprego e apoio ao emprego (-9,3%), do rendimento social de inserção (-26,3%). Em sentido contrário, registaram-se decréscimos, fundamentalmente, no subsídio familiar a criança e jovens (-31,6%), do subsídio de desemprego e apoio ao emprego (-10,7%), do rendimento social de inserção (-26,0%). Relativamente ao número de beneficiários, evidencia-se um acréscimo de 2,2% nas pensões de velhice da SS e de 3,3% no subsídio de doença e uma diminuição de 19,2% nos subsídios de desemprego e social de desemprego.

**Figura 2.23. Execução Orçamental da Seg. Social**  
(VHA, em %)



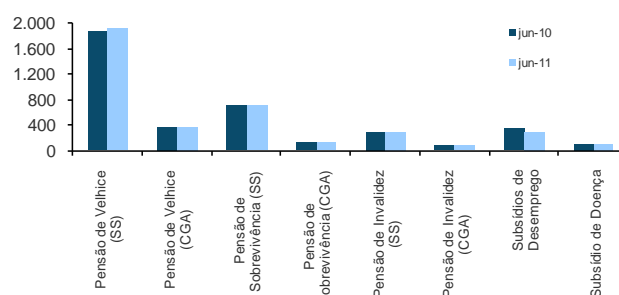
Fonte: DGO.

**Figura 2.24. Despesa em Pensões da Seg. Social**  
(VHA, em %)



Fonte: DGO

**Figura 2.25. Número de Pensões e Subsídios Atribuídos**  
(milhares, em final do mês)



Fontes: MTSS e CGA.

Até junho, o saldo da Caixa Geral de Aposentações (CGA), em contabilidade pública, foi de 453,9 milhões de euros, mais 392,8 milhões de euros face ao período homólogo. A receita total aumentou 17,9%, refletindo, fundamentalmente, a cedência de um crédito da CGA sobre a PT Comunicações, S.A., no âmbito da assunção de responsabilidades com as pensões e outros abonos dos trabalhadores da PT e o aumento das contribuições. A despesa total aumentou 7,4%, como resultado, principalmente, do aumento da despesa em pensões (3,5%).

**Quadro 2.12. Execução Orçamental da Segurança Social e da Caixa Geral de Aposentações**

	Segurança Social				Caixa Geral de Aposentações					
	2010		2011		2010		2011			
	jan a jun		jan a jun		jan a jun		jan a jun			
	10 <sup>6</sup> euros	10 <sup>6</sup> euros	VHA	Execução face ao OE (%)	10 <sup>6</sup> euros	10 <sup>6</sup> euros	VHA	Execução face ao OE (%)		
Receita Total	11486	11649	1,4	48,2	48,4	3698	4359	17,9	35,7	47,4
Contribuições e quotizações	6480	6634	2,4	48,1	47,0	1698	1740	2,5	39,6	41,6
Transferências correntes da Adm. Central	3942	3443	-12,7	49,9	49,5	1969	1980	0,5	49,0	46,3
Despesa Total	10537	10568	0,3	45,4	45,1	3637	3905	7,4	43,1	44,2
Pensões	5962	6137	2,9	42,6	42,7	3617	3743	3,5	43,0	43,2
Subsídio de desemp. e apoio ao emprego	1164	1039	-10,7	52,4	49,7	-	-	-	-	-
Prestações e ação social	2328	2126	-8,6	50,3	49,4	-	-	-	-	-
Saldo Global	948	1081	-	-	-	61	454	-	-	-

Fontes: DGO e GPEARl.

### Administração Central e Segurança Social

Até junho, o défice global provisório da Administração Central e Segurança Social foi de 3964 milhões de euros, representando uma melhoria de cerca de 2023 milhões de euros face ao mesmo período de 2010. A receita total exibiu um grau de execução de 46,1%, face ao objetivo traçado no Orçamento do Estado, com a receita corrente e a receita de capital a apresentarem níveis de execução de 45,9% e 51,0%, respetivamente. A despesa total revelou um grau de execução orçamental ligeiramente inferior ao da receita, situando-se nos 45,7%, refletindo as execuções de 46,2% e 40,0% da despesa corrente e da despesa de capital, respetivamente.

### Administração Regional

De janeiro a maio, e na ótica da contabilidade pública, o excedente orçamental da Administração Regional situou-se nos 39,7 milhões de euros, o que revela uma diminuição face ao valor registado até ao mês anterior (93,4 milhões de euros). Este comportamento deveu-se a uma redução do saldo registado quer na Região Autónoma dos Açores (RAA) quer na Região Autónoma da Madeira (RAM), tendo ambas apresentado um excedente orçamental neste período.

A execução orçamental da Administração Regional, face ao valor acumulado até abril, caracterizou-se por:

- um aumento da receita total em 115,4 milhões de euros, devido, sobretudo, ao aumento da receita fiscal, em 87,8 milhões de euros, e das transferências correntes do Estado, em 11,2 milhões de euros; e

- um crescimento da despesa total em 208,8 milhões de euros, refletindo o comportamento das despesas com pessoal (57,1 milhões de euros), transferências (80,1 milhões de euros) e da aquisição de bens e serviços (34,4 milhões de euros).

**Quadro 2.13. Execução Orçamental da Administração Regional**

	Administração Regional		
	2011		2011
	jan a abr	jan a mai	jan a mai
	10 <sup>6</sup> euros		VC (%)
Receita total	704	819	16,4
Impostos	332	420	26,5
Transferências correntes	280	291	4,0
Despesa total	571	779	36,6
Pessoal	225	283	25,3
Aquisição de bens e serviços	83	117	41,5
Transferências correntes	142	200	41,2
Investimento	43	72	66,3
Saldo global	133	40	-

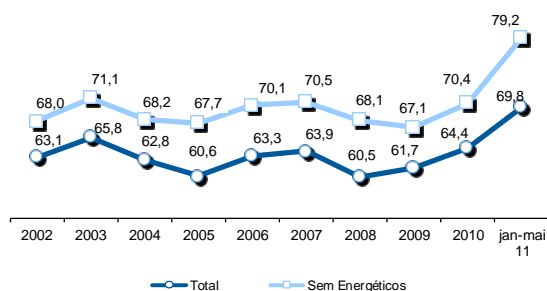
Fonte: DGO.

### 3. Comércio Internacional <sup>[1]</sup>

#### Evolução global <sup>[2]</sup>

De acordo com os resultados preliminares divulgados pelo Instituto Nacional de Estatística para o mês de maio de 2011, as exportações de mercadorias cresceram, em termos homólogos, 18% e as importações 10,6%<sup>[3]</sup> nos primeiros cinco meses de 2011. Este comportamento justificou a melhoria do défice da balança comercial (fob/cif) de 3,5%. *Excluindo os produtos energéticos*, as exportações também cresceram a uma taxa superior à das importações (18,8% e 6,7%, respetivamente) (Quadro 3.1).

**Figura 3.1. Evolução da Taxa de Cobertura (fob/cif) das Importações pelas Exportações de Mercadorias (%)**



Fonte: GEE, com base nos dados das estatísticas do Comércio Internacional do INE (últimas versões disponíveis à data da publicação para o período considerado). Os dados do comércio intracomunitário incluem estimativas para as não respostas assim como para as empresas que se encontram abaixo dos limiares de assimilação.

**Quadro 3.1. Evolução da Balança Comercial (valores acumulados)**

Intra + Extra-UE (milhões de Euros)	janeiro a maio			VH	
	2010	2011	VH	Últimos 3 meses	Últimos 12 meses
Exportações (fob)	14.670	17.314	18,0	16,4	16,6
Importações (cif)	22.437	24.809	10,6	10,8	10,8
(fob)	21.380	23.641	10,6	10,8	10,8
Saldo (fob-cif)	-7.767	-7.495	-3,5	-0,2	0,8
(fob-fob)	-6.710	-6.326	-5,7	-1,9	-0,7
Cobertura (fob/cif)	65,4	69,8	-	-	-
(fob/fob)	68,6	73,2	-	-	-
<b>Sem energéticos:</b>					
Exportações (fob)	13.627	16.195	18,8	16,0	16,5
Importações (cif)	19.169	20.453	6,7	5,6	8,1
(fob)	18.266	19.489	6,7	5,6	8,1
Saldo (fob-cif)	-5.542	-4.258	-23,2	-20,6	-10,1
(fob-fob)	-4.639	-3.295	-29,0	-25,9	-13,2
Cobertura (fob/cif)	71,1	79,2	-	-	-
(fob/fob)	74,6	83,1	-	-	-
<b>Extra-UE</b>					
(milhões de Euros)					
Exportações (fob)	3.582	4.191	17,0	15,3	16,8
Importações (cif)	5.506	6.646	20,7	29,1	21,1
(fob)	5.247	6.333	20,7	29,1	21,1
Saldo (fob-cif)	-1.924	-2.456	27,6	58,5	30,3
(fob-fob)	-1.665	-2.143	28,7	63,6	31,9
Cobertura (fob/cif)	65,0	63,1	-	-	-
(fob/fob)	68,3	66,2	-	-	-

Fonte: GEE, com base nos dados das estatísticas do Comércio Internacional do INE (últimas versões disponíveis à data da publicação para o período considerado). Os dados do comércio intracomunitário incluem estimativas para as não respostas assim como para as empresas que se encontram abaixo dos limiares de assimilação.

Nota:

Exportações: somatório das exportações para o espaço comunitário com as exportações para os Países Terceiros. Importações: somatório das importações com origem nos países comunitários com as importações provenientes dos Países Terceiros.

Fator de conversão cif-fob utilizado para 2008, 2009, 2010 e 2011: 0.9529.

[1] Informação mais desagregada pode ser consultada em [www.gee.min-economia.pt](http://www.gee.min-economia.pt) ("Síntese Estatística do Comércio Internacional, nº07/2011").

[2] Os dados de base do comércio internacional (Intra e Extra UE) divulgados para o mês de maio de 2011 correspondem a uma versão preliminar. Os dados do comércio intracomunitário incluem estimativas para as não respostas (valor das transações das empresas para as quais o INE não recebeu ainda informação) assim como para as empresas que se encontram abaixo dos limiares de assimilação (valor anual das operações intracomunitárias abaixo do qual os operadores são dispensados da declaração periódica estatística Intrastat, limitando-se à entrega da declaração periódica fiscal: no caso de Portugal, 300 mil euros para as importações e 250 mil para as exportações, em 2010). Por outro lado, a atual metodologia considera, para além do confronto regular entre as declarações Intrastat e do IVA, a comparação com os dados com a IES.

[3] Exportações: somatório das exportações para o espaço comunitário com as exportações para os Países Terceiros. Importações: somatório das importações com origem nos países comunitários com as importações provenientes dos Países Terceiros.

Nos primeiros cinco meses do ano, as exportações passaram a representar 69,8% das importações, o que se traduziu no crescimento da taxa de cobertura das importações pelas exportações de 4,4 p.p face ao período homólogo. *Excluindo os produtos energéticos*, as exportações passaram a representar 79,2% das importações (+8,1 p.p. relativamente a igual período no ano transato).

No último ano a terminar em maio de 2011, as exportações registaram uma variação homóloga de 16,6% e as importações de 10,8%. O défice comercial agravou-se 0,7%.

**Quadro 3.2. Balança Comercial: janeiro a maio**

janeiro a maio	Valores em milhões de Euros		
	2010	2011	TVH
<b>Intra+Extra UE</b>			
Exportações (fob)	14 670	17 314	18,0
Importações (cif)	22 437	24 809	10,6
Saldo (fob-cif)	- 7 767	- 7 495	-3,5
Cobertura (fob/cif)	65,4	69,8	-
<b>Intra UE</b>			
Exportações (fob)	11 089	13 124	18,4
Importações (cif)	16 931	18 163	7,3
Saldo (fob-cif)	- 5 842	- 5 039	-13,7
Cobertura (fob/cif)	65,5	72,3	-
<b>Extra UE</b>			
Exportações (fob)	3 582	4 191	17,0
Importações (cif)	5 506	6 646	20,7
Saldo (fob-cif)	- 1 924	- 2 456	27,6
Cobertura (fob/cif)	65,0	63,1	-

Fonte: GEE, com base nos dados das estatísticas do Comércio Internacional do INE (últimas versões disponíveis à data da publicação para o período considerado). Os dados do comércio intracomunitário incluem estimativas para as não respostas assim como para as empresas que se encontram abaixo dos limiares de assimilação.

Nota:

Exportações: somatório das exportações para o espaço comunitário com as exportações para os Países Terceiros. Importações: somatório das importações com origem nos países comunitários com as importações provenientes dos Países Terceiros.

Entre janeiro e maio de 2011, o défice da balança comercial Intra UE registou uma recuperação de 13,7% relativamente ao período homólogo. As exportações de mercadorias cresceram 18,4% e as importações 7,3%. O saldo negativo da balança comercial Extra UE registou um agravamento de 27,6% (Quadro 3.2).

**Quadro 3.3. Evolução Mensal e Trimestral**

Intra+Extra UE (milhões de Euros)	IMPORTAÇÕES (Cif)			EXPORTAÇÕES (Fob)		
	2010	2011	TVH	2010	2011	TVH
jan	4 014	4 453	10,9	2 608	3 121	19,7
fev	4 230	4 636	9,6	2 719	3 314	21,9
mar	5 029	5 435	8,1	3 333	3 764	12,9
abr	4 485	4 942	10,2	2 962	3 425	15,6
mai	4 679	5 342	14,2	3 048	3 691	21,1
jun	5 544			3 137		
jul	4 645			3 402		
ago	4 177			2 512		
set	4 884			3 314		
out	5 082			3 267		
nov	5 095			3 327		
dez	5 190			3 133		
1º trim	13 273	14 525	9,4	8 659	10 199	17,8
2º trim	14 708			9 148		
3º trim	13 706			9 228		
4º trim	15 367			9 727		

Fonte: GEE, com base nos dados das estatísticas do Comércio Internacional do INE (últimas versões disponíveis à data da publicação para o período considerado). Os dados do comércio intracomunitário incluem estimativas para as não respostas assim como para as empresas que se encontram abaixo dos limiares de assimilação.

Nota:

Exportações: somatório das exportações para o espaço comunitário com as exportações para os Países Terceiros. Importações: somatório das importações com origem nos países comunitários com as importações provenientes dos Países Terceiros.

## Exportações de Mercadorias

Nos cinco primeiros meses de 2011, as exportações de mercadorias cresceram 18% em termos homólogos. *Excluindo os produtos energéticos*, essa variação foi de 18,8%.

Entre janeiro e maio de 2011, os grupos de produtos que mais contribuíram para o crescimento das exportações de mercadorias foram os grupos de “Material de Transporte” (+3,8 p.p.), “Químicos” (+3,4 p.p.) e “Minérios e Metais” (+3,1 p.p.).

As “Máquinas” continuam a ser o grupo de produtos com maior peso na estrutura das exportações de mercadorias (14,4%). De destacar, ainda, a importância relativa das exportações de “Material de Transporte” (13,4% das exportações de mercadorias totais).

A Figura 3.2 apresenta os contributos dos diversos grupos de produtos para o crescimento das exportações no último ano a terminar em maio de 2011. Pela sua análise e dos valores que constam no Quadro 3.4 conclui-se que, no período em análise, todos os grupos de produtos contribuíram positivamente para o crescimento das exportações de mercadorias (+16,6%), registando, conseqüentemente, taxas de variação homóloga positivas.

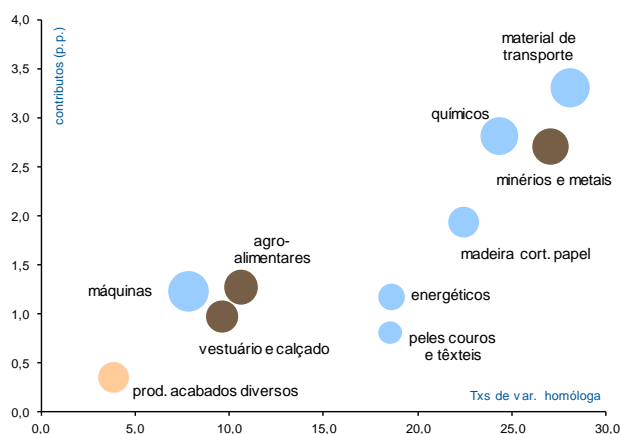
Excluindo os produtos energéticos, a taxa de crescimento homólogo das exportações atingiu os 16,5% (Quadros 3.1 e 3.4).

Os grupos de produtos “Material de Transporte” (+3,3 p.p.), “Químicos” (+2,8 p.p.) e “Minérios e Metais” (+2,7 p.p.) foram os que mais contribuíram para o crescimento das exportações de mercadorias nos últimos 12 meses a terminar em maio de 2011.

De referir, ainda, os contributos dos grupos de produtos “Madeira, Cortiça e Papel” (+1,9 p.p.), “Agro alimentares” (+1,3 p.p.), “Máquinas” e “Energéticos” (ambos com +1,2 p.p.).

**Figura 3.2. Contributos para o Crescimento das Exportações por Grupos de Produtos (p.p.)**

Últimos 12 meses a terminar em maio de 2011



Fonte: Quadro 3.4. Exportações de Mercadorias por Grupos de Produtos.

Nota:

A dimensão dos círculos representa o peso relativo de cada grupo de produtos no total das exportações no período em análise.

**Quadro 3.4. Exportações \* de Mercadorias por Grupos de Produtos**

(Fob)

Intra + Extra UE

Grupos de Produtos	Milhões de Euros		Estrutura (%)				Tax. variação e contributos			
	jan-mai		Anual		jan-mai		últimos 12 meses [1]		jan-mai	
	2010	2011	2005	2010	2010	2011	VH	contrib. p.p.[2]	VH	contrib. p.p.[2]
<b>Total das Exportações</b>	<b>14 670</b>	<b>17 314</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>16,6</b>	<b>16,6</b>	<b>18,0</b>	<b>18,0</b>
000 Agro-Alimentares	1627	1824	8,7	11,7	11,1	10,5	10,6	1,3	12,1	1,3
100 Energéticos	1043	1119	4,1	6,7	7,1	6,5	18,6	1,2	7,3	0,5
200 Químicos	1745	2246	10,5	11,9	11,9	13,0	24,3	2,8	28,7	3,4
300 Madeira, Cortiça e Papel	1343	1556	8,9	9,4	9,2	9,0	22,4	1,9	15,8	1,5
400 Peles, Couros e Têxteis	662	795	5,3	4,5	4,5	4,6	18,5	0,8	20,1	0,9
500 Vestuário e Calçado	1405	1596	12,4	9,8	9,6	9,2	9,6	1,0	13,6	1,3
600 Minérios e Metais	1502	1963	9,1	10,5	10,2	11,3	27,0	2,7	30,7	3,1
700 Máquinas	2255	2494	19,4	15,0	15,4	14,4	7,8	1,2	10,6	1,6
800 Material de Transporte	1792	2352	13,9	12,4	12,2	13,6	28,1	3,3	31,2	3,8
900 Produtos Acabados Diversos	1296	1369	7,7	8,3	8,8	7,9	3,9	0,4	5,7	0,5

Por memória:

Total sem energéticos	13 627	16 195	95,9	93,3	92,9	93,5	16,5	15,4	18,8	17,5
-----------------------	--------	--------	------	------	------	------	------	------	------	------

Fonte: GEE, com base nos dados das estatísticas do Comércio Internacional do INE (últimas versões disponíveis à data da publicação para o período considerado). Os dados do comércio intracomunitário incluem estimativas para as não respostas assim como para as empresas que se encontram abaixo dos limiares de assimilação.

Notas:

Exportações: somatório das exportações para o espaço comunitário com as exportações para os Países Terceiros.

[1] (jun 10-mai 11)/(jun 09-mai 10) x 100 - 100

[2] Contributos para a taxa de crescimento das exportações - análise shift-share : (TVH) x (peso no período homólogo anterior) ÷ 100.

Entre janeiro e maio de 2011, as exportações para a UE cresceram 18,4%. As exportações com destino aos países da UE-15 cresceram 18,5% e para os Países do Alargamento, 13,7%. Por outro lado, as exportações para países terceiros cresceram a uma taxa inferior (17%) (Quadro 3.5). As exportações de mercadorias para a UE foram as que mais contribuíram para o crescimento do total das exportações (+13,9 p.p.). O contributo das exportações para os países terceiros foi de 4,2 p.p.

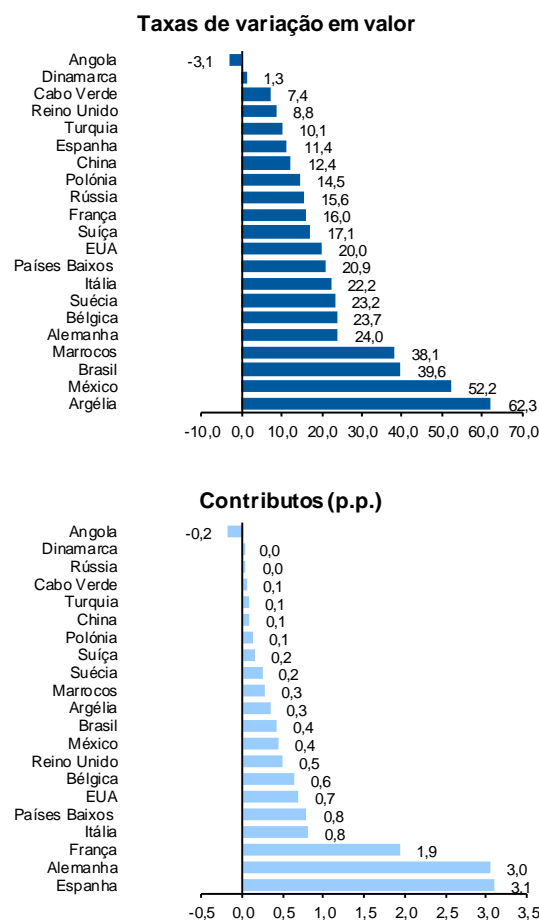
As exportações de mercadorias com destino à Alemanha e à Espanha foram as que mais contribuíram para o crescimento das exportações (com contributos de 3,5 p.p. e 3,3 p.p., respetivamente). As exportações de mercadorias para a França e para o Reino Unido registaram crescimentos homólogos de 22,8% e 8,1%, respetivamente.

No último ano a terminar em maio de 2011, as exportações para os países Intra UE cresceram 16,6%. As exportações para os países da UE-15 registaram uma taxa de crescimento homólogo de 16,5%. As exportações com destino à Espanha (+3,1 p.p.) e à Alemanha (3 p.p.) foram as que mais contribuíram para o crescimento das exportações.

Entre os países terceiros, destaca-se o comportamento positivo das exportações para a Argélia (+62,3%), México (+52,2%) e China (+39,6%). Angola mantém-se como mercado de destino responsável pela única contribuição negativa (-0,3 p.p.) de entre os mercados selecionados (Figura 3.3).

**Figura 3.3. Taxas de Crescimento das Exportações para uma Seleção de Mercados e Contributos**

Últimos 12 meses a terminar em maio de 2011



**Quadro 3.5. Evolução das Exportações de Mercadorias com Destino a uma Seleção de Mercados**

Intra + Extra-UE (Fob)

Valores em milhões de Euros

Destino	jan-mai		Estrutura (%)				média anual 05-10*	Taxas de variação e contributos [2]			
	2010	2011	anual		jan-mai			12 meses [1]		jan-mai	
			2005	2010	2010	2011		VH	contrib. p.p.[2]	VH	contrib. p.p.[2]
<b>TOTAL</b>	<b>14 670</b>	<b>17 314</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>3,4</b>	<b>16,6</b>	<b>16,6</b>	<b>18,0</b>	<b>18,0</b>
<b>Intra UE-27</b>	<b>11 089</b>	<b>13 124</b>	<b>80,3</b>	<b>75,0</b>	<b>75,6</b>	<b>75,8</b>	<b>2,0</b>	<b>16,6</b>	<b>12,5</b>	<b>18,4</b>	<b>13,9</b>
dos quais:											
<b>UE-15</b>	<b>10 638</b>	<b>12 611</b>	<b>78,4</b>	<b>71,9</b>	<b>72,5</b>	<b>72,8</b>	<b>1,6</b>	<b>16,5</b>	<b>11,9</b>	<b>18,5</b>	<b>13,5</b>
Espanha	3 991	4 480	27,6	26,6	27,2	25,9	2,6	11,4	3,1	12,3	3,3
Alemanha	1 887	2 403	12,5	13,0	12,9	13,9	4,3	24,0	3,0	27,4	3,5
França	1 786	2 193	13,5	11,8	12,2	12,7	0,6	16,0	1,9	22,8	2,8
R.Unido	802	867	8,3	5,5	5,5	5,0	-4,8	8,8	0,5	8,1	0,4
P.Baixos	556	709	4,0	3,8	3,8	4,1	2,4	20,9	0,8	27,6	1,0
Itália	553	666	4,4	3,8	3,8	3,8	0,6	22,2	0,8	20,3	0,8
Bélgica	444	514	3,9	2,9	3,0	3,0	-2,9	23,7	0,6	16,8	0,5
Suécia	139	198	1,1	1,0	0,9	1,1	1,4	23,2	0,2	42,3	0,4
Dinamarca	12	104	0,8	0,7	0,8	0,6	0,4	1,3	0,0	-7,1	-0,1
<b>Alargamento</b>	<b>451</b>	<b>513</b>	<b>1,8</b>	<b>3,1</b>	<b>3,1</b>	<b>3,0</b>	<b>14,6</b>	<b>18,7</b>	<b>0,6</b>	<b>13,7</b>	<b>0,4</b>
Polónia	128	149	0,5	0,9	0,9	0,9	13,3	14,5	0,1	17,1	0,1
<b>Extra UE-27</b>	<b>3 582</b>	<b>4 191</b>	<b>19,7</b>	<b>25,0</b>	<b>24,4</b>	<b>24,2</b>	<b>8,4</b>	<b>16,8</b>	<b>4,2</b>	<b>17,0</b>	<b>4,2</b>
dos quais:											
Angola	734	788	2,6	5,2	5,0	4,6	19,0	-3,1	-0,2	7,4	0,4
EUA	529	600	5,3	3,6	3,6	3,5	-4,3	20,0	0,7	13,4	0,5
Brasil	153	217	0,6	1,2	1,0	1,3	19,8	39,6	0,4	41,3	0,4
México	142	174	0,3	1,1	1,0	1,0	36,2	52,2	0,4	22,8	0,2
Suíça	135	156	0,8	0,9	0,9	0,9	5,7	17,1	0,2	16,7	0,1
Marrocos	112	151	0,4	0,8	0,8	0,9	18,2	38,1	0,3	34,2	0,3
Turquia	114	131	0,7	0,7	0,8	0,8	3,0	10,1	0,1	14,5	0,1
Cabo Verde	112	111	0,5	0,7	0,8	0,6	12,1	7,4	0,1	-0,2	0,0
China	91	132	0,5	0,6	0,6	0,8	6,6	12,4	0,1	44,6	0,3
Argélia	87	172	0,2	0,6	0,6	1,0	31,3	62,3	0,3	97,1	0,6
Por memória:											
Gibraltar	102	76	0,1	0,6	0,7	0,4	62,7	-3,8	0,0	-25,7	-0,2
PALOP	929	1013	3,4	6,6	6,3	5,9	17,8	0,7	0,1	9,0	0,6
EFTA	174	195	1,1	1,1	1,2	1,1	3,4	13,5	0,2	12,4	0,1

Fonte: GEE, com base nos dados das estatísticas do Comércio Internacional do INE (últimas versões disponíveis à data da publicação para o período considerado). Os dados do comércio intracomunitário incluem estimativas para as não respostas assim como para as empresas que se encontram abaixo dos limiares de assimilação.

Notas:

Exportações: somatório das exportações para o espaço comunitário com as exportações para os Países Terceiros.

Países ordenados por ordem decrescente de valor no ano de 2010.

[1]  $(\text{jun } 10 - \text{mai } 11) / (\text{jun } 09 - \text{mai } 10) \times 100 - 100$

[2] Contributos para a taxa de crescimento das exportações - análise shift-share:  $(\text{TVH}) \times (\text{peso no período homólogo anterior}) \div 100$ .

## Importações de Mercadorias

Nos primeiros cinco meses de 2011, as importações de mercadorias registaram uma variação homóloga positiva de 10,6% relativamente a igual período no ano transato (Quadro 3.6).

As importações de produtos “Energéticos” (+4,9 p.p.), “Agro alimentares” (+2,3 p.p.) e Químicos” (+2,1 p.p.) foram as que mais contribuíram para o crescimento das importações. As importações de “Energéticos”, “Agroalimentares” e “Minérios e Metais” foram as que registaram maiores crescimentos homólogos (33,3%, 16,7% e 14%, respetivamente).

No último ano a terminar em maio de 2011, as importações cresceram 10,8%. De destacar os “Produtos Energéticos” (+3,8 p.p.) e “Material de Transporte” (+2,27 p.p.) como aqueles grupos de produtos que mais contribuíram para o crescimento das importações.

A UE-27 mantém a sua posição como principal mercado de origem das importações, tendo representado 73,2% das importações de mercadorias entre janeiro e maio de 2011.

A Espanha continua a ser o principal mercado de origem das importações de mercadorias (31% do total).

Entre janeiro e maio de 2011, as importações de mercadorias provenientes do mercado comunitário cresceram, em termos homólogos, 7,3%, sendo que provenientes dos países da UE-15 aumentaram 6,9% e as provenientes dos países do Aargamento 17,9%. As importações de mercadorias provenientes da Espanha e da Alemanha foram as que mais contribuíram para o aumento das importações (+3,3 p.p. e 2,2 p.p., respetivamente).

As importações de mercadorias provenientes de países terceiros cresceram 20,7% em termos homólogos. Destacam-se as importações provenientes da Nigéria, do Brasil e da China, que representaram 3%, 2,5% e 2,5%, respetivamente, do total das importações de mercadorias. Neste período, as importações de mercadorias provenientes da Rússia (+166,7%), do Cazaquistão (+53,1%) e da Arábia Saudita (+51,3%) foram as que registaram maior crescimento homólogo.

**Quadro 3.6. Importações de Mercadorias por Grupos de Produtos e sua Distribuição por uma Seleção de Mercados**

Grupos de Produtos	10 <sup>6</sup> Euros (Cif)		Estrutura (%)				Taxas de variação e contributos [2]			
	jan-mai		Anual		jan-mai		12 meses [1]		jan-mai	
	2010	2011	2005	2010	2010	2011	VH	contrib. p.p.[2]	VH	contrib. p.p.[2]
<b>TOTAL DAS IMPORTAÇÕES</b>	<b>22 437</b>	<b>24 809</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>10,8</b>	<b>10,8</b>	<b>10,6</b>	<b>10,6</b>
<b>Grupos de Produtos</b>										
000-Agro-Alimentares	3 058	3 570	11,9	13,8	13,6	14,4	9,4	1,3	16,7	2,3
100-Energéticos	3 268	4 356	14,1	14,6	14,6	17,6	27,3	3,8	33,3	4,9
200-Químicos	3 488	3 956	13,3	15,2	15,5	15,9	12,4	1,9	13,4	2,1
300-Pele, Mad, Cortiça e Papel	1 033	1 122	4,7	4,6	4,6	4,5	9,4	0,4	8,6	0,4
400-Têxteis, Vestuário e Calçado	1 507	1 649	6,8	6,8	6,7	6,6	10,5	0,7	9,4	0,6
500-Minérios e Metais	1 973	2 248	9,2	8,5	8,8	9,1	12,6	1,1	14,0	1,2
600-Máquinas [3]	3 647	3 667	20,5	16,4	16,3	14,8	-1,7	-0,3	0,6	0,1
700-Material de Transporte [4]	3 015	2 982	13,5	14,1	13,4	12,0	17,3	2,2	-1,1	-0,1
800-Prod. Acabados Diversos	1 447	1 258	6,0	5,9	6,5	5,1	-5,5	-0,4	-13,1	-0,8
Total sem energéticos	19 169	20 453	85,9	85,4	85,4	82,4	8,1	7,0	6,7	5,7
<b>Mercados de origem</b>										
<b>Intra UE-27</b>	<b>16 931</b>	<b>18 163</b>	<b>77,6</b>	<b>75,7</b>	<b>75,5</b>	<b>73,2</b>	<b>7,6</b>	<b>5,9</b>	<b>7,3</b>	<b>5,5</b>
dos quais:										
<b>UE-15</b>	<b>16 413</b>	<b>17 552</b>	<b>75,8</b>	<b>73,4</b>	<b>73,2</b>	<b>70,7</b>	<b>7,6</b>	<b>5,6</b>	<b>6,9</b>	<b>5,1</b>
Espanha	6 963	7 695	30,7	31,2	31,0	31,0	7,5	2,4	10,5	3,3
Alemanha	2 722	3 211	14,4	13,9	12,1	12,9	25,8	3,2	18,0	2,2
França	1 736	1 736	8,7	7,3	7,7	7,0	-3,7	-0,3	0,0	0,0
Itália	1 391	1 322	5,9	5,7	6,2	5,3	-1,0	-0,1	-4,9	-0,3
Países Baixos	1 233	1 197	4,5	5,1	5,5	4,8	2,6	0,1	-2,9	-0,2
Reino Unido	884	800	4,3	3,8	3,9	3,2	7,5	0,3	-9,5	-0,4
Bélgica	652	680	2,9	2,9	2,9	2,7	8,8	0,2	4,2	0,1
Suécia	261	285	1,1	1,0	1,2	1,1	5,9	0,1	8,9	0,1
Irlanda	196	227	0,9	1,0	0,9	0,9	11,7	0,1	15,6	0,1
<b>Aargamento</b>	<b>518</b>	<b>611</b>	<b>1,8</b>	<b>2,3</b>	<b>2,3</b>	<b>2,5</b>	<b>10,2</b>	<b>0,2</b>	<b>17,9</b>	<b>0,4</b>
<b>Extra UE-27</b>	<b>5 506</b>	<b>6 646</b>	<b>22,4</b>	<b>24,3</b>	<b>24,5</b>	<b>26,8</b>	<b>21,1</b>	<b>4,9</b>	<b>20,7</b>	<b>5,1</b>
dos quais:										
China	584	589	1,1	2,8	2,6	2,4	25,4	0,6	1,0	0,0
Nigéria	604	754	1,9	2,4	2,7	3,0	-5,2	-0,2	24,9	0,7
Brasil	425	623	1,9	1,8	1,9	2,5	23,5	0,4	46,4	0,9
EUA	338	459	2,1	1,5	1,5	1,9	14,8	0,2	35,7	0,5
Líbia	256	14	0,6	1,3	1,1	0,1	5,2	0,0	-94,7	-1,1
Cazaquistão	222	340	0,5	1,1	1,0	1,4	137,1	0,8	53,1	0,5
Angola	215	284	0,0	1,0	1,0	1,1	100,3	0,6	32,2	0,3
Noruega	282	284	1,0	0,9	1,3	1,1	-15,3	-0,2	0,6	0,0
Arábia Saudita	219	331	0,8	0,9	1,0	1,3	35,6	0,3	51,3	0,5
Rússia	124	331	0,7	0,7	0,6	1,3	19,2	0,2	166,7	0,9
Índia	176	247	0,4	0,7	0,8	1,0	45,7	0,3	40,4	0,3
Suíça	148	152	0,6	0,6	0,7	0,6	6,6	0,0	2,6	0,0
Japão	141	149	1,1	0,6	0,6	0,6	32,9	0,2	5,5	0,0
OPEP[5]	1584	1909	6,4	6,7	7,1	7,7	15,6	1,0	20,5	1,4
EFTA	438	446	1,7	1,6	2,0	1,8	-7,4	-0,1	1,8	0,0
PALOP	221	294	0,1	1,1	1,0	1,2	84,5	0,6	33,0	0,3

Fonte: GEE, com base nos dados das estatísticas do Comércio Internacional do INE (últimas versões disponíveis à data da publicação para o período considerado). Os dados do comércio intracomunitário incluem estimativas para as não respostas assim como para as empresas que se encontram abaixo dos limiares de assimilação.

Notas:

Importações: somatório das importações de mercadorias provenientes da UE com as importações de Países Terceiros.

Países ordenados por ordem decrescente de valor no ano de 2010.

[1] (jun 10-mai 11)/(jun 09-mai 10) x 100 - 100

[2] Contributos para a taxa de crescimento das importações - análise shift-share: (TVH) x (peso no período homólogo anterior) ÷ 100.

[3] Não inclui tractores.

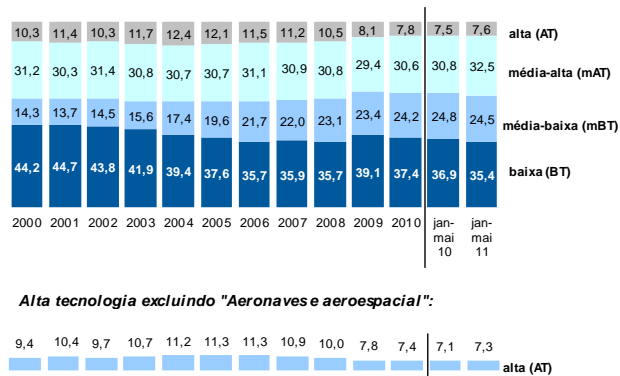
[4] Inclui tractores.

[5] Inclui Angola.

## Comércio Internacional Português por grau de Intensidade Tecnológica

Nos primeiros cinco meses de 2011, as exportações de produtos industriais transformados cresceram, em termos homólogos, 17,5%. As exportações de produtos de *média intensidade tecnológica* (média baixa+média alta) continuam a representar mais de metade do total das exportações destes produtos (57%). As exportações de produtos de média alta e de alta tecnologia foram as que registaram um maior crescimento homólogo (24% e 19,3%, respetivamente) (Figura 3.4 e Quadro 3.7).

**Figura 3.4. Exportações de Produtos Industriais Transformados, por Grau de Intensidade Tecnológica**

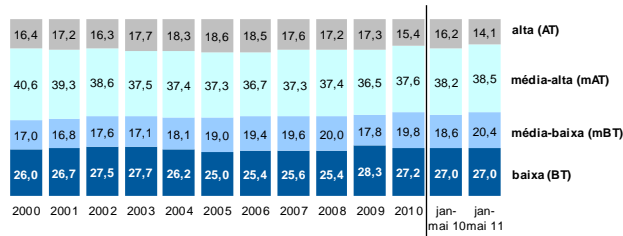


Fonte: Quadro 3.7. Exportações e Importações de Produtos Industriais Transformados, por grau de intensidade tecnológica.

As exportações dos produtos de *baixa intensidade tecnológica* representaram 35,4% do total das exportações de produtos industriais transformados e contribuíram 4,7 p.p. para o crescimento do total das exportações de produtos industriais transformados. As exportações de produtos de média alta intensidade tecnológica foram as que mais contribuíram para o aumento homólogo das exportações de produtos industriais transformados (+7,4 p.p.).

Relativamente às importações deste tipo de produtos que cresceram, em termos homólogos, 8,8%, foram os produtos de média baixa tecnologia os que mais contribuíram para o crescimento das importações dos produtos industriais transformados (+3,7 p.p.).

**Figura 3.5. Importações de Produtos Industriais Transformados, por Grau de Intensidade Tecnológica**



Fonte: Quadro 3.7. Exportações e Importações de Produtos Industriais Transformados, por grau de intensidade tecnológica.

## Quadro 3.7. Exportações e Importações\* de Produtos Industriais Transformados, por Grau de Intensidade Tecnológica

### Intra + Extra-UE

Valores em 1000 Euros

Intensidade Tecnológica	2010	janeiro a maio		Taxas variação (%)			% total prod. indust. transf.				Contributos <sup>[1]</sup> (p.p.)	
		2010	2011	média 2005-10	2010/09	jan-mai 2011/10	2009	2010	jan-mai		2010	jan-mai 2011
									2010	2011		
<b>EXPORTAÇÕES</b>												
<b>Total dos prod. indust. transformados</b>	<b>34 496 078</b>	<b>13 836 039</b>	<b>16 262 059</b>	<b>3,0</b>	<b>15,1</b>	<b>17,5</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>15,1</b>	<b>17,5</b>
Alta tecnologia	2 686 060	1 034 815	1 234 660	-5,8	10,2	19,3	8,1	7,8	7,5	7,6	0,8	1,4
- Sem Aeronáutica e aeroespacial [2]	2 538 850	985 687	1 184 382	-5,3	8,3	20,2	7,8	7,4	7,1	7,3	0,7	1,4
Média-alta tecnologia	10 550 318	4 256 394	5 279 943	2,9	19,8	24,0	29,4	30,6	30,8	32,5	5,8	7,4
Média-baixa tecnologia	8 344 929	3 434 953	3 986 748	7,4	18,8	16,1	23,4	24,2	24,8	24,5	4,4	4,0
Baixa tecnologia	12 914 771	5 109 877	5 760 708	2,9	10,3	12,7	39,1	37,4	36,9	35,4	4,0	4,7
<i>Por memória:</i>												
<b>Total das Exportações</b>	<b>36 762 238</b>	<b>14 670 054</b>	<b>17 314 306</b>	<b>3,4</b>	<b>16,0</b>	<b>18,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>16,0</b>	<b>18,0</b>
Residual [3]	2 266 160	834 015	1 052 247	11,0	32,1	26,2	5,4	6,2	5,7	6,1	1,7	1,5
<b>IMPORTAÇÕES</b>												
<b>Total dos prod. indust. transformados</b>	<b>47 097 923</b>	<b>18 417 189</b>	<b>20 032 837</b>	<b>1,7</b>	<b>8,3</b>	<b>8,8</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>8,3</b>	<b>8,8</b>
Alta tecnologia	7 232 366	2 979 886	2 818 026	-2,1	-4,1	-5,4	17,3	15,4	16,2	14,1	-0,6	-0,9
- Sem Aeronáutica e aeroespacial [2]	6 887 619	2 771 905	2 712 327	-1,3	0,2	-2,1	16,1	14,7	15,2	13,6	0,0	-0,3
Média-alta tecnologia	17 715 298	7 037 020	7 722 171	1,9	11,5	9,7	36,5	37,6	38,2	38,5	4,3	3,7
Média-baixa tecnologia	9 336 281	3 428 712	4 090 956	2,6	20,6	19,3	17,8	19,8	18,6	20,4	4,1	3,6
Baixa tecnologia	12 813 977	4 971 571	5 401 684	3,5	4,0	8,7	28,3	27,2	27,0	27,0	1,1	2,3
<i>Por memória:</i>												
<b>Total das Importações</b>	<b>57 053 115</b>	<b>22 436 629</b>	<b>24 809 047</b>	<b>2,1</b>	<b>11,0</b>	<b>10,6</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>11,0</b>	<b>10,6</b>
Residual [3]	9 955 192	4 019 440	4 776 210	4,0	26,2	18,8	15,4	17,4	17,9	19,3	4,6	3,4

Fonte: GEE, com base nos dados das estatísticas do Comércio Internacional do INE (últimas versões disponíveis à data da publicação para o período considerado). Os dados do comércio intracomunitário incluem estimativas para as não respostas assim como para as empresas que se encontram abaixo dos limiares de assimilação.

Notas:

Exportações: somatório das exportações para o espaço comunitário com as exportações para os Países Terceiros. Importações: somatório das importações com origem nos países comunitários com as importações provenientes dos Países Terceiros.

[1] Contributos para a taxa de crescimento das Exportações/Importações de produtos industriais transformados, em pontos percentuais – análise shift-share: (TVH) x (peso no período homólogo anterior) ÷ 100.

[2] Os dados referentes aos produtos de AT não são directamente comparáveis para os anos de 2004 e 2005 uma vez que, a partir de 1 de Janeiro de 2005, as reparações e manutenção de aeronaves provenientes dos países comunitários passaram a ser contabilizadas na balança de Serviços. O mesmo sucede para os dados de 2005 e 2006, na medida em que, a partir de 1 de Janeiro de 2006, o mesmo tratamento foi aplicado às aeronaves provenientes dos países terceiros.

[3] Total das Exportações (Importações) – Exportações (Importações) de produtos industriais transformados.

## Comércio Internacional de Bens e Serviços

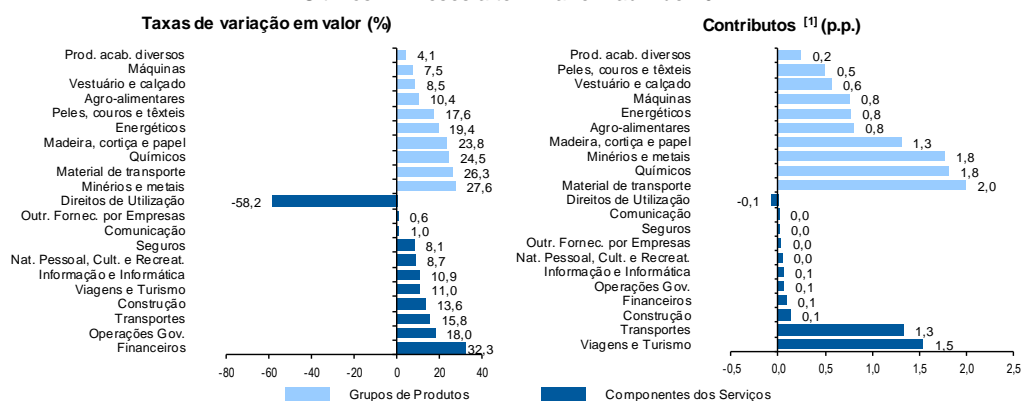
Segundo os dados divulgados para a Balança de Pagamentos para o mês de abril de 2011, as “Exportações” (crédito) de Bens e Serviços cresceram, em termos homólogos, 14,3%. A componente dos Bens foi aquela que mais contribuiu para o crescimento das “exportações” totais (11,5 p.p.).

Entre janeiro e abril de 2011, a componente dos Serviços representou 28,3% do total das “Exportações” e contribuiu 2,8 p.p. para o crescimento das “exportações” totais. No que se refere às “Importações” (débitos) o seu peso no total foi de 16% e o seu contributo ainda menos expressivo (+0,2 p.p.) (Quadro 3.8).

No painel esquerdo da Figura 3.6 compara-se o crescimento homólogo das diferentes categorias de Bens e de Serviços no último ano a terminar em março de 2011, com base em dados do INE para as “exportações” de Bens (Grupos de Produtos) e do Banco de Portugal para as “exportações” de Serviços. O painel direito mostra os contributos para a taxa de crescimento das “exportações” de Bens e Serviços.

Neste período continua a destacar-se o contributo positivo do Material de Transporte (+2 p.p.) e dos serviços inscritos na rubrica Viagens e Turismo (+1,5 p.p.).

**Figura 3.6. Taxas de Crescimento das "Exportações" de Bens e Serviços e Contributos das Componentes**  
Últimos 12 meses a terminar em abril de 2011



Fonte: Cálculos do GEE com base em dados do Banco de Portugal, para as Exportações de bens e serviços, e do INE, para o cálculo da estrutura das exportações de Bens. A distribuição do contributo das Exportações de Bens (dados da Balança de Pagamentos, banco de Portugal) pelos grupos de produtos segue a estrutura implícita na base de dados do Comércio Internacional do INE para as Exportações de Bens (somatório das Exportações de mercadorias para a UE com as Exportações para Países Terceiros).

[1] Contributos - análise shift-share: TVH x Peso no período homólogo anterior ÷ 100. O somatório corresponde à TVH das Exportações de Bens e Serviços nos últimos 12 meses, de acordo com as estatísticas da Balança de Pagamentos do Banco de Portugal (13,8%).

## Quadro 3.8. Comércio Internacional de Bens e Serviços (Componentes dos Serviços)

	Valores em milhões de Euros										
	janeiro a abril		Estrutura (%)				Taxas de variação e contributos				
			Anual		janeiro a abril		média anual 05-10	12 meses [2]		janeiro a abril	
	2010	2011	2005	2010	2010	2011		VH	contrib. p.p. [1]	VH	contrib. p.p. [1]
<b>CRÉDITO (Exportações)</b>											
<b>Bens e Serviços</b>	16 544	18 917	100,0	100,0	100,0	100,0	4,7	13,8	13,8	14,3	14,3
<b>Bens</b>	11 662	13 571	71,8	67,7	70,5	71,7	3,4	15,7	10,5	16,4	11,5
<b>Serviços</b>	4 883	5 346	28,2	32,3	29,5	28,3	7,5	9,9	3,2	9,5	2,8
Transportes	1396	1591	5,9	8,6	8,4	8,4	12,9	15,8	1,3	14,0	1,2
Viagens e Turismo	1770	1924	14,3	14,0	10,7	10,2	4,2	11,0	1,5	8,7	0,9
Comunicação	147	154	1,0	0,9	0,9	0,8	1,5	1,0	0,0	5,0	0,0
Construção	136	183	0,7	0,9	0,8	1,0	11,3	13,6	0,1	34,1	0,3
Seguros	33	43	0,2	0,2	0,2	0,2	3,6	8,1	0,0	30,1	0,1
Financeiros	44	62	0,4	0,3	0,3	0,3	-0,3	32,3	0,1	41,4	0,1
Informação e Informática	88	114	0,3	0,5	0,5	0,6	17,9	10,9	0,1	30,3	0,2
Direitos de Utilização	10	11	0,1	0,1	0,1	0,1	-5,4	-58,2	-0,1	6,9	0,0
Outr. Fornec. por Empresas	110	112	4,8	6,0	6,7	5,9	9,8	0,6	0,0	0,1	0,0
Nat. Pessoal, Cult. e Recreat.	88	84	0,4	0,5	0,5	0,4	10,5	8,7	0,0	-4,5	0,0
Operações Governamentais	61	68	0,3	0,4	0,4	0,4	8,4	18,0	0,1	11,3	0,0
<b>DÉBITO (Importações Fob)</b>											
<b>Bens e Serviços</b>	20 574	22 167	100,0	100,0	100,0	100,0	2,6	9,5	9,5	7,7	7,7
<b>Bens</b>	17 067	18 611	85,6	83,5	83,0	84,0	2,1	10,3	8,6	9,0	7,5
<b>Serviços</b>	3 507	3 555	14,4	16,5	17,0	16,0	5,5	5,2	0,9	1,4	0,2
Transportes	999	1050	4,5	4,9	4,9	4,7	4,4	7,7	0,4	5,1	0,2
Viagens e Turismo	942	961	4,3	4,5	4,6	4,3	3,8	8,0	0,4	2,1	0,1
Comunicação	144	148	0,5	0,7	0,7	0,7	6,4	-0,4	0,0	2,4	0,0
Construção	31	37	0,2	0,1	0,2	0,2	1,5	0,2	0,0	15,9	0,0
Seguros	90	77	0,3	0,4	0,4	0,3	7,0	2,0	0,0	-13,9	-0,1
Financeiros	76	97	0,3	0,4	0,4	0,4	5,7	39,1	0,1	28,6	0,1
Informação e Informática	108	124	0,3	0,6	0,5	0,6	13,3	9,5	0,1	14,7	0,1
Direitos de Utilização	149	120	0,5	0,6	0,7	0,5	8,6	-2,4	0,0	-19,7	-0,1
Outr. Fornec. por Empresas	775	758	2,8	3,5	3,8	3,4	7,1	-0,5	0,0	-2,1	-0,1
Nat. Pessoal, Cult. e Recreat.	152	153	0,5	0,7	0,7	0,7	12,0	1,8	0,0	0,4	0,0
Operações Governamentais	41	31	0,2	0,2	0,2	0,1	-2,0	-9,5	0,0	-25,0	0,0

Fonte: GEE, com base nos dados das estatísticas da Balança de Pagamentos do Banco de Portugal.

Notas:

Valores Fob para a Importação de bens.

[1] Contributos para a taxa de crescimento - Análise shift-share: (TVH) x (peso no período homólogo anterior) ÷ 100. Medem a proporção de crescimento das Exportações/Importações atribuível a cada categoria especificada.

[2] 12 meses até abril de 2011.

**Destaques**



## Evolução do Comércio Extracomunitário de Mercadorias em Portugal: 1993-2011

O comércio internacional de bens em Portugal tem-se caracterizado por ser maioritariamente intracomunitário (Figura 1.), o que se traduz nalguma dependência da economia portuguesa face à evolução económica dos seus principais parceiros europeus. Num contexto de globalização e de crescimento acentuado de economias situadas fora da União Europeia, diversificar os mercados é uma forma de aproveitar as oportunidades associadas ao crescimento desses países ao mesmo tempo que se contornam os atuais constrangimentos do mercado europeu.

Ao longo dos últimos anos tem-se assistido a um crescimento do peso do comércio extracomunitário. Assim, se em 1993<sup>1</sup> as exportações extracomunitárias representavam 19% das exportações de bens, em 2010 esse peso passou para 26%, superando o das importações de bens extracomunitárias, cuja importância relativa no período em análise não sofreu flutuações significativas.

**Figura 1. Decomposição das exportações e importações portuguesas de mercadorias**

	1993	2000	2005	2006	2007	2008	2009	2010	jan-mai		
									2010	2011	
<i>Valor nominal</i>											
										<i>unidade: milhões de euros</i>	
<b>Exportações de Bens</b>	<b>13 085</b>	<b>27 215</b>	<b>31 137</b>	<b>35 640</b>	<b>38 309</b>	<b>38 950</b>	<b>31 768</b>	<b>36 762</b>	<b>14 670</b>	<b>17 314</b>	
Intracomunitárias	10 645	22 350	24 969	27 808	29 506	28 975	23 754	27 232	10 963	12 948	
Extracomunitárias	2 440	4 864	6 168	7 832	8 804	9 975	8 014	9 531	3 707	4 366	
<b>Importações de Bens</b>	<b>20 206</b>	<b>45 706</b>	<b>51 379</b>	<b>56 295</b>	<b>59 927</b>	<b>64 194</b>	<b>51 368</b>	<b>57 053</b>	<b>22 437</b>	<b>24 809</b>	
Intracomunitárias	15 326	35 512	39 841	43 335	45 887	48 007	40 365	43 204	16 931	18 163	
Extracomunitárias	4 880	10 194	11 538	12 959	14 040	16 187	11 003	13 849	5 506	6 646	
<b>Saldo Balança Comercial</b>	<b>-7 121</b>	<b>-18 491</b>	<b>-20 242</b>	<b>-20 654</b>	<b>-21 617</b>	<b>-25 244</b>	<b>-19 600</b>	<b>-20 291</b>	<b>-7 767</b>	<b>-7 495</b>	
Intracomunitárias	-4 681	-13 161	-14 872	-15 527	-16 381	-19 032	-16 611	-15 973	-5 967	-5 215	
Extracomunitárias	-2 440	-5 330	-5 370	-5 127	-5 236	-6 212	-2 989	-4 318	-1 799	-2 280	
<i>Estrutura</i>											
										<i>unidade: %</i>	
<b>Exportações de Bens</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	
Intracomunitárias	81%	82%	80%	78%	77%	74%	75%	74%	75%	75%	
Extracomunitárias	19%	18%	20%	22%	23%	26%	25%	26%	25%	25%	
<b>Importações de Bens</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	
Intracomunitárias	76%	78%	78%	77%	77%	75%	79%	76%	75%	73%	
Extracomunitárias	24%	22%	22%	23%	23%	25%	21%	24%	25%	27%	

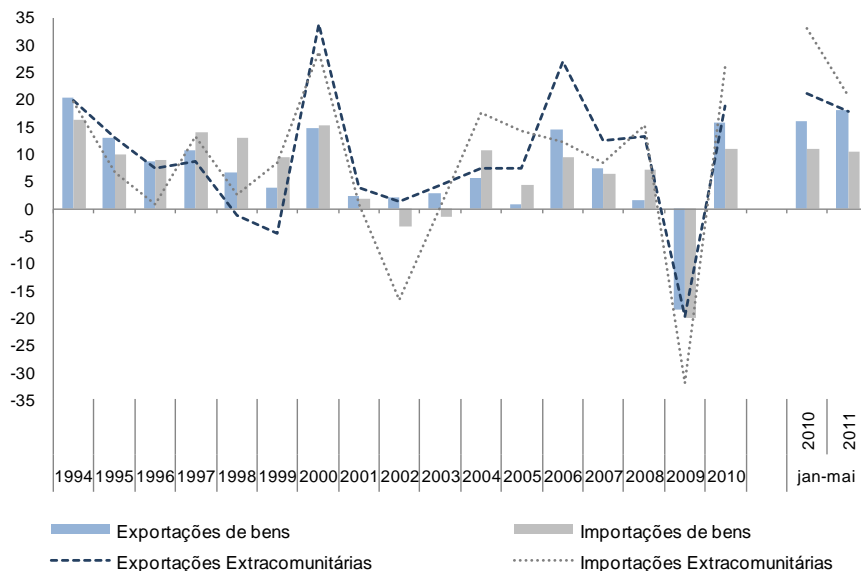
Fonte: INE.

É a partir de 2000 que as exportações extracomunitárias começam, de forma consistente, a ganhar relevância tendo-se verificado, nesta década, um crescimento das exportações extracomunitárias persistentemente superior ao crescimento das exportações totais de bens (Figura 2.)

A Figura 2 mostra que nos primeiros cinco meses de 2011, e face a igual período do ano anterior, verificou-se um abrandamento no crescimento das trocas extracomunitárias mais acentuada nas importações (17,8% de janeiro a maio de 2011 face a 21,1% em igual período de 2010 nas exportações; e 20,7% face a 33,2% para as importações e no mesmo período). Uma vez que o crescimento nominal das exportações totais de mercadorias neste período continuou a crescer (16% de janeiro a maio de 2010 para 18% em igual período de 2011) e as importações abrandaram (10,9% face a 10,6%), verificou-se um aumento do peso das importações extracomunitárias de bens para 27% (25% nos primeiros cinco meses de 2010), mantendo-se o peso das exportações extracomunitárias inalterado nos 25% (Figura 1.).

<sup>1</sup> Ano em que se inicia a série de dados do comércio internacional de bens do INE e início do mercado interno europeu, com o fim das barreiras alfandegárias.

Figura 2. Evolução das exportações e importações portuguesas de mercadorias (%)



Ao longo do período em análise, os principais mercados de destino das exportações portuguesas de mercadorias manteve um peso relativamente estável de cerca de 70%. Isto mostra que não existiu uma diversificação e/ou alargamento dos mercados extracomunitários, mas uma intensificação das exportações para determinados mercados como é o caso dos PALOP (16% em 1993 para 26% em 2010), ao mesmo tempo que se reduziram as exportações para outros como é o caso dos EUA (22% em 1993 para 14% em 2010).

Estes são exemplos do que ocorreu nos principais países de destino das exportações extracomunitárias. Mas existem outros parceiros com quem se reforçaram as exportações. É o caso dos países do Magreb (4% para 8%), do Brasil (2% para 5%) e do México que quase não tinha expressão em 1993 e em 2010 representava 4% das exportações extracomunitárias, o mesmo que nos primeiros cinco meses de 2011.

Em sentido oposto, e para além da diminuição das exportações para os EUA, verificou-se também uma redução das exportações para a Suíça (11% para 4%), Noruega (5% para 1%) e para o Japão (4% para 1%).

Figura 3. Exportações extracomunitárias por país destino

Países	1993		2000		2005		2010		jan-mai			
	10 <sup>6</sup> euros	%	10 <sup>6</sup> euros	%	10 <sup>6</sup> euros	%	10 <sup>6</sup> euros	%	2010	%	2011	%
<b>Exportações Extra das quais:</b>	<b>2 440</b>		<b>4 857</b>		<b>6 143</b>		<b>9 189</b>		<b>3 582</b>		<b>4 191</b>	
	1 717	70%	3 614	74%	4 164	68%	6 450	70%	2 501	70%	2 989	71%
PALOP	384	16%	658	14%	1 068	17%	2 420	26%	934	26%	1 021	24%
Angola	278	11%	371	8%	802	13%	1 910	21%	732	20%	785	19%
Cabo Verde	47	2%	170	3%	149	2%	263	3%	111	3%	111	3%
Moçambique	30	1%	69	1%	64	1%	149	2%	53	1%	72	2%
EUA	544	22%	1 525	31%	1 649	27%	1 303	14%	526	15%	585	14%
Magreb	90	4%	169	3%	243	4%	702	8%	270	8%	397	9%
Argélia	38	2%	26	1%	55	1%	210	2%	87	2%	172	4%
Marrocos	40	2%	108	2%	129	2%	301	3%	111	3%	150	4%
Tunísia	8	0%	31	1%	50	1%	141	2%	54	2%	65	2%
Brasil	48	2%	197	4%	178	3%	434	5%	151	4%	216	5%
México	8	0%	44	1%	86	1%	401	4%	141	4%	174	4%
Suíça	257	11%	269	6%	250	4%	329	4%	132	4%	154	4%
Turquia	38	2%	104	2%	206	3%	247	3%	104	3%	130	3%
China	24	1%	53	1%	169	3%	231	3%	90	3%	130	3%
Canadá	98	4%	145	3%	138	2%	174	2%	76	2%	76	2%
Japão	98	4%	119	2%	83	1%	127	1%	41	1%	69	2%
Noruega	128	5%	331	7%	94	2%	80	1%	36	1%	36	1%

Fonte: INE.

Esta alteração deverá estar relacionada com as alterações que ocorreram no tipo de bens exportados. Em 1993 os principais produtos exportados eram Máquinas e Aparelhos (11%) e o Vestuário (11%) e ao longo do período em análise verificou-se uma intensificação das exportações de Máquinas e Aparelhos para o mercado extracomunitário (19% em 2010), mas uma redução acentuada do vestuário (2%). Repare-se que o agregado Vestuário, Calçado e Matérias Têxteis representavam em 1993 cerca de 28% das exportações extracomunitárias de bens, peso que se reduz para 19% em 2000, atingindo apenas os 7% em 2010. A par das Máquinas e Aparelhos, a outra componente que, em termos nominais, mais se exporta para estes mercados em 2010 são os combustíveis que em 1993 representavam 7% das exportações extracomunitárias e em 2010 15%, continuando a crescer nos primeiros cinco meses de 2011.

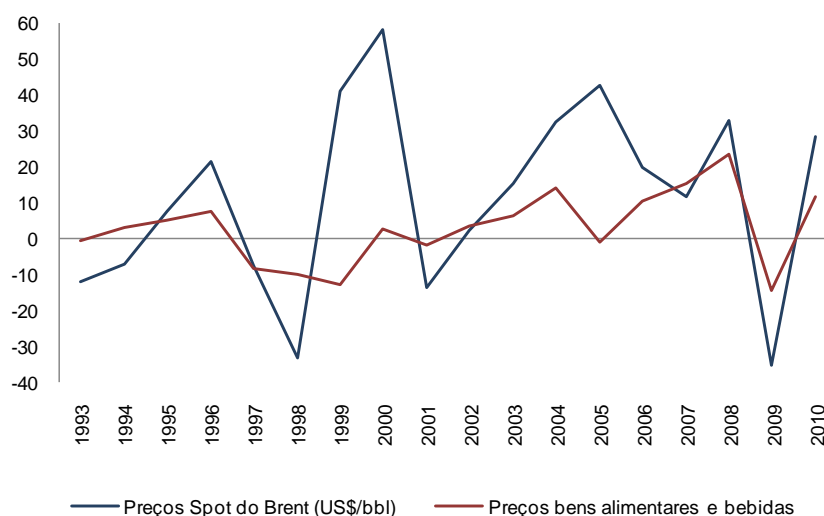
**Figura 4. Produtos exportados para o mercado extracomunitário**

Produtos	1993		2000		2005		2010		jan-mai			
	10 <sup>6</sup> euros	%	10 <sup>6</sup> euros	%	10 <sup>6</sup> euros	%	10 <sup>6</sup> euros	%	2010		2011	
									10 <sup>6</sup> euros	%	10 <sup>6</sup> euros	%
<b>Exportações Extra</b>	<b>2 440</b>	<b>100%</b>	<b>4 857</b>	<b>100%</b>	<b>6 143</b>	<b>100%</b>	<b>9 189</b>	<b>100%</b>	<b>3 582</b>	<b>100%</b>	<b>4 191</b>	<b>100%</b>
Máquinas, Aparelhos	276	11%	1 036	21%	1 801	29%	1 727	19%	698	19%	741	18%
Combustíveis	160	7%	401	8%	586	10%	1 420	15%	582	16%	650	16%
Metais Comuns	126	5%	216	4%	266	4%	747	8%	298	8%	371	9%
Alimentares	158	6%	295	6%	385	6%	695	8%	244	7%	305	7%
Químicos	99	4%	258	5%	333	5%	489	5%	189	5%	273	7%
Minerais, Minérios	216	9%	273	6%	288	5%	509	6%	214	6%	252	6%
P. Celulósica e Papel	96	4%	158	3%	265	4%	503	5%	188	5%	223	5%
Veículos e O.M. Transporte	164	7%	379	8%	424	7%	561	6%	218	6%	217	5%
Plásticos e Borracha	53	2%	136	3%	225	4%	434	5%	169	5%	215	5%
Agrícolas	114	5%	172	4%	220	4%	454	5%	147	4%	203	5%
Matérias têxteis	222	9%	507	10%	413	7%	406	4%	152	4%	198	5%
Madeira e Cortiça	170	7%	412	8%	384	6%	410	4%	168	5%	192	5%
Outros produtos	95	4%	147	3%	182	3%	397	4%	157	4%	155	4%
Vestuário	258	11%	278	6%	184	3%	160	2%	59	2%	73	2%
Óptica e Precisão	19	1%	37	1%	57	1%	144	2%	51	1%	60	1%
Calçado	195	8%	126	3%	106	2%	97	1%	36	1%	46	1%
Peles e Couros	19	1%	25	1%	24	0%	35	0%	12	0%	16	0%

Fonte: INE.

Este comportamento verificado em termos nominais nos combustíveis e também nos produtos alimentares está influenciado pela componente preço que tem vindo a crescer desde o final da última década, como mostra o gráfico seguinte.

**Figura 5. Evolução dos preços dos combustíveis e das matérias (V.H., %)**



Fonte: INE.

Por país, a Figura 6 mostra que a redução da exportação de vestuário, matérias têxteis e calçado foi responsável pela diminuição de peso de países como a Suíça e a Noruega, já que em 1993 do total das

exportações para a Suíça e Noruega o agregado Vestuário, Calçado e matérias têxteis representava 64% e 80%, respetivamente, quando em 2010, representa apenas 17% e 39%.

O aumento da exportação de produtos alimentares e de plásticos e borracha não foi suficiente para inverter essa realidade. Nos países onde se assistiu a uma intensificação das exportações portuguesas de bens como os PALOP, Magreb e Brasil, verificou-se um crescimento acentuado na exportação de Máquinas e Aparelhos.

**Figura 6. Produtos exportados para os principais mercados extracomunitários**

Produtos	PALOP		EUA		Magreb		Brasil		Suíça		Noruega	
	1993	2010	1993	2010	1993	2010	1993	2010	1993	2010	1993	2010
<b>Exportações (10<sup>6</sup> euros)</b>	<b>452</b>	<b>2 420</b>	<b>544</b>	<b>1 303</b>	<b>90</b>	<b>702</b>	<b>48</b>	<b>434</b>	<b>257</b>	<b>329</b>	<b>128</b>	<b>80</b>
Agrícolas	6%	6%	4%	2%	0%	1%	36%	44%	2%	3%	0%	1%
Alimentares	8%	16%	5%	5%	1%	2%	13%	7%	4%	12%	2%	9%
Combustíveis	1%	2%	6%	28%	6%	2%	0%	3%	0%	0%	0%	0%
Químicos	8%	7%	3%	4%	5%	2%	2%	2%	2%	10%	1%	2%
Plásticos e Borracha	0%	4%	1%	4%	2%	6%	3%	3%	1%	8%	1%	15%
Peles e Couros	0%	0%	1%	0%	1%	1%	0%	0%	1%	1%	0%	0%
Madeira e Cortiça	2%	1%	11%	9%	6%	5%	3%	1%	5%	5%	1%	0%
P. Celulósica e Papel	0%	3%	1%	6%	20%	8%	6%	1%	2%	8%	1%	6%
Matérias têxteis	7%	1%	17%	10%	19%	7%	1%	2%	7%	4%	13%	10%
Vestuário	1%	1%	9%	2%	0%	3%	0%	2%	39%	9%	52%	16%
Calçado	0%	1%	9%	1%	1%	0%	0%	0%	18%	5%	16%	12%
Minerais, Minérios	2%	5%	10%	5%	2%	5%	5%	8%	3%	3%	7%	8%
Metais Comuns	16%	12%	4%	3%	26%	23%	2%	5%	2%	4%	1%	3%
Máquinas, Aparelhos	7%	26%	13%	12%	11%	19%	24%	18%	7%	10%	2%	7%
Veículos e O.M. Transporte	14%	6%	1%	6%	1%	11%	1%	3%	1%	9%	1%	5%
Óptica e Precisão	1%	3%	1%	0%	0%	1%	0%	1%	3%	6%	0%	2%
Outros produtos	27%	7%	4%	3%	0%	5%	1%	1%	4%	4%	1%	4%

Fonte: INE.

No que se refere às importações, a Figura 7 mostra que os principais fornecedores extracomunitários continuam a ser os países exportadores de petróleo (OPEP), já que os combustíveis são também o produto mais importado (Figura 8.).

**Figura 7. Principais fornecedores no mercado extracomunitário**

Países	1993		2000		2005		2010		jan-mai			
	10 <sup>6</sup> euros	%	10 <sup>6</sup> euros	%	10 <sup>6</sup> euros	%	10 <sup>6</sup> euros	%	2010	2011	%	
<b>Importações Extra</b>	<b>4 880</b>		<b>10 192</b>		<b>11 538</b>		<b>13 849</b>		<b>5 506</b>		<b>6 646</b>	
<b>das quais:</b>	<b>3 927</b>	<b>80%</b>	<b>7 401</b>	<b>73%</b>	<b>10 086</b>	<b>87%</b>	<b>11 606</b>	<b>84%</b>	<b>4 652</b>	<b>84%</b>	<b>5 697</b>	<b>86%</b>
OPEP	930	19%	2 090	21%	3 309	29%	3 289	24%	1 388	25%	1 659	25%
Brasil	269	6%	479	5%	979	8%	1 045	8%	425	8%	622	9%
China	148	3%	382	4%	567	5%	1 570	11%	581	11%	586	9%
Magreb	424	9%	252	2%	1 488	13%	1 229	9%	477	9%	534	8%
EUA	614	13%	1 279	13%	1 068	9%	841	6%	337	6%	459	7%
Cazaquistão	1	0%	9	0%	254	2%	640	5%	222	4%	340	5%
Rússia	149	3%	248	2%	373	3%	413	3%	124	2%	331	5%
PALOP	25	1%	126	1%	68	1%	601	4%	221	4%	294	4%
Noruega	267	5%	760	7%	514	4%	528	4%	282	5%	284	4%
Índia	57	1%	170	2%	201	2%	409	3%	175	3%	246	4%
Suíça	378	8%	352	3%	326	3%	362	3%	145	3%	145	2%
Japão	625	13%	1 061	10%	582	5%	357	3%	139	3%	147	2%
Turquia	38	1%	192	2%	358	3%	321	2%	135	2%	49	1%

Fonte: INE.

Ao contrário do que se verificou nas exportações, nas importações não existiu uma alteração assinalável da estrutura dos produtos importados. Os combustíveis continuam a ser o principal produto importado dos mercados extracomunitários, embora em termos nominais se tenha verificado um reforço da sua importância relativa, já que em 1993 representavam cerca de 26% das importações extracomunitárias de mercadorias e em 2010 já representavam 46%. Nos primeiros cinco meses de 2011 esse peso continuou a aumentar para os 50%, reforçando a sua relevância na estrutura das importações face a igual período do ano anterior (46%).

Figura 8. Produtos importados do mercado extracomunitário

Produtos	1993		2000		2005		2010		jan-mai			
	10 <sup>6</sup> euros	%	10 <sup>6</sup> euros	%	10 <sup>6</sup> euros	%	10 <sup>6</sup> euros	%	2010		2011	
									10 <sup>6</sup> euros	%	10 <sup>6</sup> euros	%
<b>Importações Extra</b>	<b>4 880</b>	<b>100%</b>	<b>10 192</b>	<b>100%</b>	<b>11 538</b>	<b>100%</b>	<b>13 849</b>	<b>100%</b>	<b>5 506</b>	<b>100%</b>	<b>6 646</b>	<b>100%</b>
Combustíveis	1 281	26%	2 855	28%	4 861	42%	6 339	46%	2 534	46%	3 296	50%
Agrícolas	718	15%	1 066	10%	1 050	9%	1 342	10%	509	9%	724	11%
Máquinas, Aparelhos	745	15%	1 544	15%	1 227	11%	1 486	11%	581	11%	552	8%
Metais Comuns	98	2%	605	6%	870	8%	755	5%	301	5%	361	5%
Químicos	290	6%	419	4%	554	5%	755	5%	299	5%	351	5%
Matérias têxteis	328	7%	605	6%	424	4%	546	4%	199	4%	237	4%
Plásticos e Borracha	76	2%	170	2%	207	2%	417	3%	154	3%	225	3%
Alimentares	259	5%	344	3%	320	3%	300	2%	109	2%	178	3%
Veículos e O.M.Transportes	394	8%	1 340	13%	920	8%	632	5%	337	6%	174	3%
Outros produtos	132	3%	229	2%	251	2%	244	2%	93	2%	121	2%
Madeira e Cortiça	122	3%	330	3%	238	2%	236	2%	94	2%	104	2%
Óptica e Precisão	153	3%	248	2%	194	2%	221	2%	90	2%	90	1%
Vestuário	33	1%	54	1%	85	1%	206	1%	68	1%	80	1%
Peles e Couros	111	2%	119	1%	95	1%	124	1%	45	1%	55	1%
Calçado	40	1%	80	1%	81	1%	93	1%	35	1%	45	1%
Minerais, Minérios	51	1%	118	1%	106	1%	88	1%	36	1%	27	0%
P. Celulósica e Papel	50	1%	66	1%	54	0%	64	0%	23	0%	27	0%

Fonte: INE.

Tal como foi já referido anteriormente, a importação de combustíveis é a mais relevante e está concentrada nos países da OPEP e Magreb, com as importações provenientes de Angola a registar um crescimento nos últimos anos. Também, as importações de combustíveis do Brasil passaram a ocupar uma posição relevante da estrutura das importações provenientes desse país, já que em 2010 42% das importações do Brasil se referiram a combustíveis quando em 1993 não se importava esse produto do Brasil (Figura 9.).

Figura 9. Produtos importados por país de origem

Produtos	OPEP		Brasil		China		Magreb		Japão	
	1993	2010	1993	2010	1993	2010	1993	2010	1993	2010
<b>Importações (10<sup>6</sup> euros)</b>	<b>930</b>	<b>3 289</b>	<b>269</b>	<b>1 045</b>	<b>148</b>	<b>1 570</b>	<b>424</b>	<b>1 229</b>	<b>625</b>	<b>357</b>
Agrícolas	2%	1%	16%	29%	3%	5%	3%	1%	0%	0%
Alimentares	0%	0%	22%	6%	1%	1%	0%	0%	0%	0%
Combustíveis	94%	93%	0%	42%	0%	0%	89%	85%	0%	1%
Químicos	1%	2%	4%	2%	3%	6%	3%	3%	4%	4%
Plásticos e Borracha	0%	1%	3%	4%	3%	4%	0%	0%	2%	8%
Peles e Couros	0%	0%	18%	1%	6%	3%	0%	0%	0%	0%
Madeira e Cortiça	0%	0%	5%	2%	3%	1%	1%	1%	0%	0%
P. Celulósica e Papel	0%	0%	4%	1%	1%	1%	0%	0%	0%	0%
Matérias têxteis	1%	1%	6%	1%	7%	6%	1%	0%	1%	1%
Vestuário	0%	0%	1%	1%	3%	8%	0%	2%	0%	0%
Calçado	1%	0%	2%	1%	3%	3%	0%	0%	0%	0%
Minerais, Minérios	0%	0%	2%	0%	5%	2%	1%	1%	0%	0%
Metais Comuns	0%	0%	3%	3%	9%	12%	1%	1%	1%	4%
Máquinas, Aparelhos	0%	1%	10%	4%	22%	35%	0%	4%	34%	29%
Veículos e O.M.Transportes	0%	0%	1%	0%	0%	3%	0%	1%	52%	45%
Óptica e Precisão	0%	0%	1%	0%	5%	3%	0%	0%	5%	7%
Outros produtos	0%	0%	3%	1%	28%	8%	0%	0%	2%	1%

Fonte: INE.



## Evolução do Comércio Internacional de Portugal por Grupos de Produtos

Este artigo analisa sucintamente a evolução recente do comércio internacional de mercadorias por agrupamentos de bens, tendo como referência o ano de 2008, dado ser o ano em que o valor das exportações portuguesas alcançou um máximo histórico.

O quadro 1 apresenta a evolução nominal das exportações portuguesas de mercadorias por grupos de produtos entre os anos de 2008 e 2010 e entre os respetivos períodos infra-anuais acumulados, que consideram a última informação disponível das Estatísticas do Comércio Internacional (janeiro a maio). Uma vez que a análise desenvolvida pretende concluir acerca da evolução das trocas comerciais, tendo por base o comportamento das exportações no ano de 2008, os dados apresentados têm por base o valor a preços correntes das exportações posteriormente convertidos em índices de base 100 relativamente aos valores de 2008 (2008=100).

**Quadro 1. Evolução Nominal das Exportações Portuguesas por Grupos de Produtos**

(2008 = 100)

Grupos de Produtos	Anual			Jan - Mai			
	2008	2009	2010	2008	2009	2010	2011
<b>Total da Exportação</b>	100.0	81.6	94.6	100.0	73.6	85.8	101.3
000 <b>Agro-Alimentares</b>	100.0	95.0	101.9	100.0	91.5	94.8	106.3
100 <b>Energéticos</b>	100.0	71.6	114.2	100.0	48.2	113.0	121.3
200 <b>Químicos</b>	100.0	85.4	105.1	100.0	76.1	96.4	124.0
300 <b>Madeira, Cortiça E Papel</b>	100.0	87.9	110.8	100.0	81.6	100.5	116.4
400 <b>Peles, Couros E Têxteis</b>	100.0	83.7	95.2	100.0	80.2	87.2	104.7
500 <b>Vestuário E Calçado</b>	100.0	88.6	92.0	100.0	84.7	84.3	95.7
600 <b>Minérios E Metais</b>	100.0	76.1	93.8	100.0	66.6	81.2	106.2
700 <b>Máquinas</b>	100.0	69.0	73.4	100.0	63.6	68.1	75.4
800 <b>Material De Transporte</b>	100.0	78.6	96.0	100.0	69.2	81.2	106.5
900 <b>Produtos Acabados Diversos</b>	100.0	90.8	94.9	100.0	79.7	85.7	90.5

Fonte: GEE, com base nos dados das estatísticas do Comércio Internacional do INE (últimas versões disponíveis à data da publicação para o período considerado). Os dados do comércio intracomunitário incluem estimativas para as não respostas assim como para as empresas que se encontram abaixo dos limiares de assimilação.

Nota:

Composição dos Grupos de Produtos – 000 (Capº 01 a 24 da NC) - 100 (Capº 27) – 200 (Capº 28 a 40) – 300 (Capº 44 a 49) - 400 (Capº 41 a 43, 50 a 60 e 63) – 500 (Capº 61, 62, 64 a 67) – 600 (Capº 25, 26, 71 a 83) – 700 (Capº 84 e 85) - 800 (Capº 86 a 89) - 900(Capº 68 a 70 e 90 a 99).

Em 2009, o valor das exportações portuguesas de mercadorias a preços correntes registou uma descida acentuada em termos homólogos, patente em todos os agrupamentos de bens. As “Máquinas”<sup>1</sup> e os “Energéticos”<sup>2</sup> foram os grupos de produtos cujas exportações foram mais penalizadas, registando variações homólogas nominais negativas de 31% e 28,4%, respetivamente.

Em 2010, registou-se uma forte recuperação das exportações face a 2009. No entanto em termos globais a recuperação do valor das exportações foi insuficiente para alcançar o valor registado em 2008. Não obstante, em vários grupos de produtos o valor das exportações nominais já ultrapassou os respetivos níveis de 2008, nomeadamente, nos “Energéticos” (+14,2%), “Madeira, Cortiça e Papel” (+10,8%), “Químicos” (+5,1%) e “Agroalimentares” (+1,9%).

Dados divulgados para as Estatísticas do Comércio Internacional para os primeiros cinco meses de 2011 (últimos dados disponíveis), mostram que o valor nominal das exportações de mercadorias já ultrapassa o

<sup>1</sup> A análise do comportamento do grupo de Produtos “Máquinas” deve ter em conta o encerramento da Qimonda Portugal ocorrido em 2009.

<sup>2</sup> No caso dos “Energéticos”, para além das flutuações dos preços do Brent, a quebra prende-se essencialmente com um incidente na refinaria de Sines que obrigou à interrupção do normal processamento da matéria-prima durante aproximadamente 6 semanas no primeiro trimestre de 2009.

máximo anteriormente registado em janeiro a maio de 2008, o mesmo sendo verdade para a grande maioria dos agrupamentos de bens. As exportações de “Máquinas”, “Outros Produtos Diversos” e “Vestuário e Calçado” são as únicas que continuam a registar um valor nominal inferior ao de igual período de 2008.

O quadro 2 apresenta a evolução nominal das importações portuguesas de mercadorias por grupos de produtos entre os anos de 2008 e 2010 e entre os respetivos períodos infra-anuais acumulados (janeiro a maio) tendo por base o mesmo tratamento de valores do quadro 1.

**Quadro 2. Evolução Nominal das Importações Portuguesas por Grupos de Produtos**

(2008 = 100)

Grupos de Produtos	Anual			Jan - Mai			
	2008	2009	2010	2008	2009	2010	2011
<b>TOTAL</b>	100.0	80.0	88.9	100.0	73.4	81.7	90.3
000 <b>Agro-Alimentares</b>	100.0	92.2	95.1	100.0	88.0	88.8	103.6
100 <b>Energéticos</b>	100.0	62.7	80.8	100.0	53.2	74.3	99.0
200 <b>Químicos</b>	100.0	91.5	102.2	100.0	86.8	97.0	110.0
300 <b>Peles, Mad. Cortiça e Papel</b>	100.0	85.5	93.7	100.0	78.8	86.0	93.4
400 <b>Têxteis, Vestuário E Calçado</b>	100.0	92.3	99.5	100.0	85.6	88.0	96.3
500 <b>Minérios E Metais</b>	100.0	66.6	76.7	100.0	58.7	70.9	80.8
600 <b>Máquinas</b>	100.0	77.2	73.6	100.0	76.1	70.7	71.1
700 <b>Material De Transporte</b>	100.0	79.3	102.5	100.0	65.1	81.4	80.5
800 <b>Produtos Acabados Diversos</b>	100.0	92.4	97.1	100.0	87.6	99.0	86.0

Fonte: GEE, com base nos dados das estatísticas do Comércio Internacional do INE (últimas versões disponíveis à data da publicação para o período considerado). Os dados do comércio intracomunitário incluem estimativas para as não respostas assim como para as empresas que se encontram abaixo dos limiares de assimilação.

Nota:

Composição dos Grupos de Produtos – 000 (Capº 01 a 24 da NC) - 100 (Capº 27) – 200 (Capº 28 a 40) – 300 (Capº41 a 49) 400 - (Capº 50 a 67) – 500 (Capº 25, 26, 71 a 83) – 600 (Capº 84 e 85) – 700 (Capº 86 a 89) – 800 (Capº 68 a 70 e 90 a 99).

No caso das importações portuguesas de mercadorias, e ainda que a quebra inicial tenha sido semelhante à das exportações, aproximadamente 20% em 2010, o ritmo de convergência é visivelmente mais lento (-11,1% relativamente a 2008). Entre janeiro e maio de 2011, o valor das importações representou apenas 90,3% do valor registado em igual período de 2008.

**Quadro 3. Evolução Real do Comércio Internacional de Portugal**

	Exportação			Importação		
	2008	2009	2010	2008	2009	2010
Valores Nominais (2008 = 100)	100.0	81.6	94.6	100.0	80.0	88.9
Volume (2008 = 100)	100.0	85.9	94.7	100.0	88.6	93.5

Fonte: GEE, com base nos dados das estatísticas do Comércio Internacional do INE (últimas versões disponíveis à data da publicação para o período considerado). Os dados do comércio intracomunitário incluem estimativas para as não respostas assim como para as empresas que se encontram abaixo dos limiares de assimilação.

Em termos reais constata-se que, em 2010, a variação das Exportações<sup>3</sup> de bens relativamente aos níveis de 2008 é bastante semelhante ao apontado pela análise em termos nominais. No entanto, em 2009 a diferença entre a análise em termos reais e nominais é bastante significativa. Na base está uma desaceleração dos preços implícitos de ambos os fluxos de comércio internacional de bens, mais significativa em 2009 e do lado das Importações<sup>4</sup>.

<sup>3</sup> Deflacionadas com base nos índices de preços obtidos a partir das contas nacionais portuguesas (rácio entre valores correntes e dados encadeados em volume, base 2006, rebaseados para 2008)

<sup>4</sup> Valores Cif convertidos a fob (através do fator de conversão cif-fob 0.9529 para os anos 2008, 2009 e 2010) deflacionados com base nos índices de preços obtidos a partir das contas nacionais portuguesas (rácio entre valores correntes e dados encadeados em volume, base 2006, rebaseados para 2008)

**Artigos**



## Em Análise

### Exportações<sup>1</sup> Portuguesas por Produtos e Destinos Contributos para o Crescimento Janeiro a Abril de 2011

Walter Anatole Marques<sup>2</sup>

- *As exportações portuguesas cresceram +17,0% no período de janeiro a abril de 2011, face ao período homólogo do ano anterior.*
- *Com taxas de crescimento superiores à média perfilaram-se os grupos de produtos “Minérios e metais” (+32,1%), “Químicos” (+28,8%), “Material de transporte” (+28,7%), e “Peles, couros e têxteis” (+19,9%). Todos os restantes grupos apresentaram comportamentos positivos.*
- *Os maiores contributos para o crescimento global couberam aos grupos “Material de transporte” (20,7% do crescimento global), “Químicos” (20,1%) e “Minérios e metais” (19,1%).*
- *Em todos os 25 principais destinos, que representaram 90% do total, o valor das exportações em 2011 foi superior ao do mesmo período de 2010 (com prática estagnação em Cabo Verde).*
- *Entre os seis países que registaram os maiores ritmos de crescimento no período em análise, cinco são Países Terceiros, o que ilustra o esforço de diversificação de mercados que vem sendo desenvolvido pelos exportadores nacionais (Argélia +93,7%, México +41,9%, China +41,2%, Brasil +39,9% e Marrocos +33,3%).*
- *Espanha é o principal destino das nossas exportações, estendendo-se a sua supremacia a sete dos dez Grupos de Produtos aqui considerados: “Químicos”, “Minérios e metais”, “Agro-alimentares”, “Vestuário e calçado”, “Madeira, cortiça e papel”, “Peles, couros e têxteis” e “Produtos acabados diversos”. Por sua vez a Alemanha prevalece nos grupos “Material de transporte” e “Máquinas”.*
- *De realçar o elevado peso relativo de Angola entre os 25 principais destinos nos grupos “Minérios e metais” (5ª posição), “Agro-alimentares” (2ª posição), “Máquinas” (4ª posição), e “Produtos acabados diversos” (3ª posição).*

<sup>1</sup> Exportações aqui entendidas como o somatório das Expedições para os países comunitários com as Exportações para os Países Terceiros.

<sup>2</sup> Assessor principal da Função Pública (AP). O conteúdo deste trabalho é da exclusiva responsabilidade do autor.

## 1 - Exportações Portuguesas por Grupos de Produtos Contributos para a taxa de crescimento

Após uma descida acentuada do valor das exportações portuguesas a partir de meados de 2008, assistiu-se em 2010 ao início da sua recuperação. Nos primeiros quatro meses de 2011 as exportações cresceram +17,0% face ao período homólogo do ano anterior.

Com ritmos de crescimento superiores à média perfilaram-se os grupos de produtos “Minérios e metais” (+32,1%), “Químicos” (+28,8%), “Material de transporte” (+28,7%), e “Peles, couros e têxteis” (+19,9%).

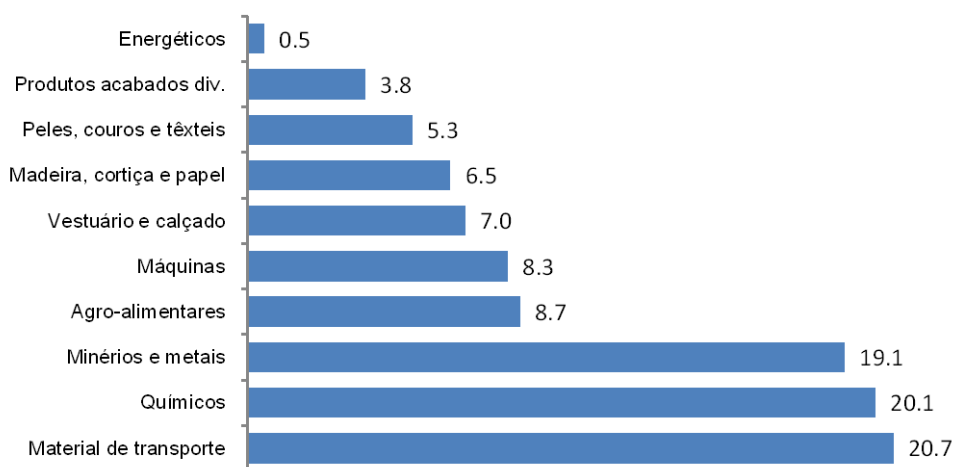
Todos os restantes grupos apresentaram comportamentos positivos: “Agroalimentares” (+13,5%), “Vestuário e calçado” e “Madeira, cortiça e papel” (+11,9% cada), “Máquinas” (+9,2%), “Produtos acabados diversos” (+7,6%) e “Energéticos” (+1,3%) (Quadro 1).

Tomando em consideração os pesos relativos de cada um dos grupos na estrutura destas exportações, verifica-se que os maiores contributos para o crescimento global de +17,0% foram dados pelos grupos “Material de transporte” (20,7%), “Químicos” (20,1%) e “Minérios e metais” (19,1%).

Seguiram-se os grupos “Agroalimentares” (8,7%), “Máquinas” (8,3%), “Vestuário e calçado” (7,0%), “Madeira, cortiça e papel” (6,5%), “Peles, couros e têxteis” (5,3%), “Produtos acabados diversos” (3,8%) e “Energéticos” (0,5%) (Gráfico 1).

**Gráfico 1 – Contributos em percentagem para o crescimento homólogo das exportações por Grupos de Produtos (+17,0%)**

Janeiro a abril de 2011



**Nota:** Contributos para a taxa de crescimento das exportações - análise *shift-share*:  $TVH \times \text{peso no período homólogo anterior} \div 100$ .

**Fonte:** A partir de dados de base do Instituto Nacional de Estatística.

### Quadro 1 – Exportações portuguesas por Grupos e Subgrupos de produtos

Janeiro a abril de 2010 e 2011

Cod.	Grupos e Subgrupos de Produtos	1000 Euros		Estrutura (%)		TVH	Contributos [1]	
		2010	2011	2010	2011		p.p.	%
	<b>TOTAL</b>	<b>11 621 857</b>	<b>13 594 460</b>	<b>100.0</b>	<b>100.0</b>	<b>17.0</b>	<b>17.0</b>	<b>100.0</b>
000	Agro-alimentares	1 274 792	1 446 949	11.0	10.6	13.5	1.5	8.7
001	Conservas de peixe	39 465	44 451	0.3	0.3	12.6	0.0	0.3
002	Vinhos	172 342	173 054	1.5	1.3	0.4	0.0	0.0
003	Outros agro-alimentares	1 062 986	1 229 443	9.1	9.0	15.7	1.4	8.4
100	Energéticos	846 422	857 129	7.3	6.3	1.3	0.1	0.5
200	Químicos	1 377 113	1 773 481	11.8	13.0	28.8	3.4	20.1
201	Farmacêuticos	166 447	198 143	1.4	1.5	19.0	0.3	1.6
202	Resinosos	17 217	55 596	0.1	0.4	222.9	0.3	1.9
203	Petroquímicos	689 102	893 257	5.9	6.6	29.6	1.8	10.3
204	Outros químicos	504 347	626 485	4.3	4.6	24.2	1.1	6.2
300	Madeira, cortiça e papel	1 081 157	1 209 312	9.3	8.9	11.9	1.1	6.5
301	Madeira	160 579	191 779	1.4	1.4	19.4	0.3	1.6
302	Cortiça	262 166	282 815	2.3	2.1	7.9	0.2	1.0
303	Pasta de papel	161 744	179 323	1.4	1.3	10.9	0.2	0.9
304	Papel e publicações	496 668	555 395	4.3	4.1	11.8	0.5	3.0
400	Peles, couros e têxteis	522 506	626 600	4.5	4.6	19.9	0.9	5.3
401	Peles e couros	32 328	45 295	0.3	0.3	40.1	0.1	0.7
402	Fibras e fios têxteis	75 357	106 027	0.6	0.8	40.7	0.3	1.6
403	Tecidos	127 560	146 346	1.1	1.1	14.7	0.2	1.0
404	Têxteis-lar	160 859	170 219	1.4	1.3	5.8	0.1	0.5
405	Outras obras têxteis	126 402	158 713	1.1	1.2	25.6	0.3	1.6
500	Vestuário e calçado	1 153 480	1 291 035	9.9	9.5	11.9	1.2	7.0
501	Vestuário de tecido	247 615	252 448	2.1	1.9	2.0	0.0	0.2
502	Vestuário de malha	474 056	529 840	4.1	3.9	11.8	0.5	2.8
503	Calçado e acess. vestuário	431 809	508 747	3.7	3.7	17.8	0.7	3.9
600	Minérios e metais	1 173 462	1 550 447	10.1	11.4	32.1	3.2	19.1
601	Minérios	170 588	252 383	1.5	1.9	47.9	0.7	4.1
602	Metais em bruto	490 989	692 373	4.2	5.1	41.0	1.7	10.2
603	Obras de metais	444 847	467 070	3.8	3.4	5.0	0.2	1.1
604	Pedras e metais preciosos	67 039	138 621	0.6	1.0	106.8	0.6	3.6
700	Máquinas	1 790 572	1 954 986	15.4	14.4	9.2	1.4	8.3
701	Máq. e aparelh. mecânicos	741 007	774 738	6.4	5.7	4.6	0.3	1.7
702	Aparelhos de som e imagem	393 485	464 954	3.4	3.4	18.2	0.6	3.6
703	Máq. escritório e informática	57 395	66 067	0.5	0.5	15.1	0.1	0.4
704	Outros aparelhos eléctricos	598 685	649 227	5.2	4.8	8.4	0.4	2.6
800	Material de transporte	1 419 938	1 827 657	12.2	13.4	28.7	3.5	20.7
801	Veículos automóveis	1 349 039	1 782 180	11.6	13.1	32.1	3.7	22.0
802	Outro material de transporte	70 899	45 477	0.6	0.3	-35.9	-0.2	-1.3
900	Produtos acabados div.	982 415	1 056 865	8.5	7.8	7.6	0.6	3.8
901	Cerâmica e vidro	437 354	468 152	3.8	3.4	7.0	0.3	1.6
902	Armas e munições	14 872	12 402	0.1	0.1	-16.6	0.0	-0.1
903	Outros produtos acabados	530 189	576 311	4.6	4.2	8.7	0.4	2.3

[1] Contributos para a taxa de crescimento das exportações - análise *shift-share*: TVH x peso no período homólogo anterior ÷ 100.

Fonte: A partir de dados de base do Instituto Nacional de Estatística.

## 2 – Os 25 Principais Mercados de Destino das Exportações

### Taxas de variação homóloga

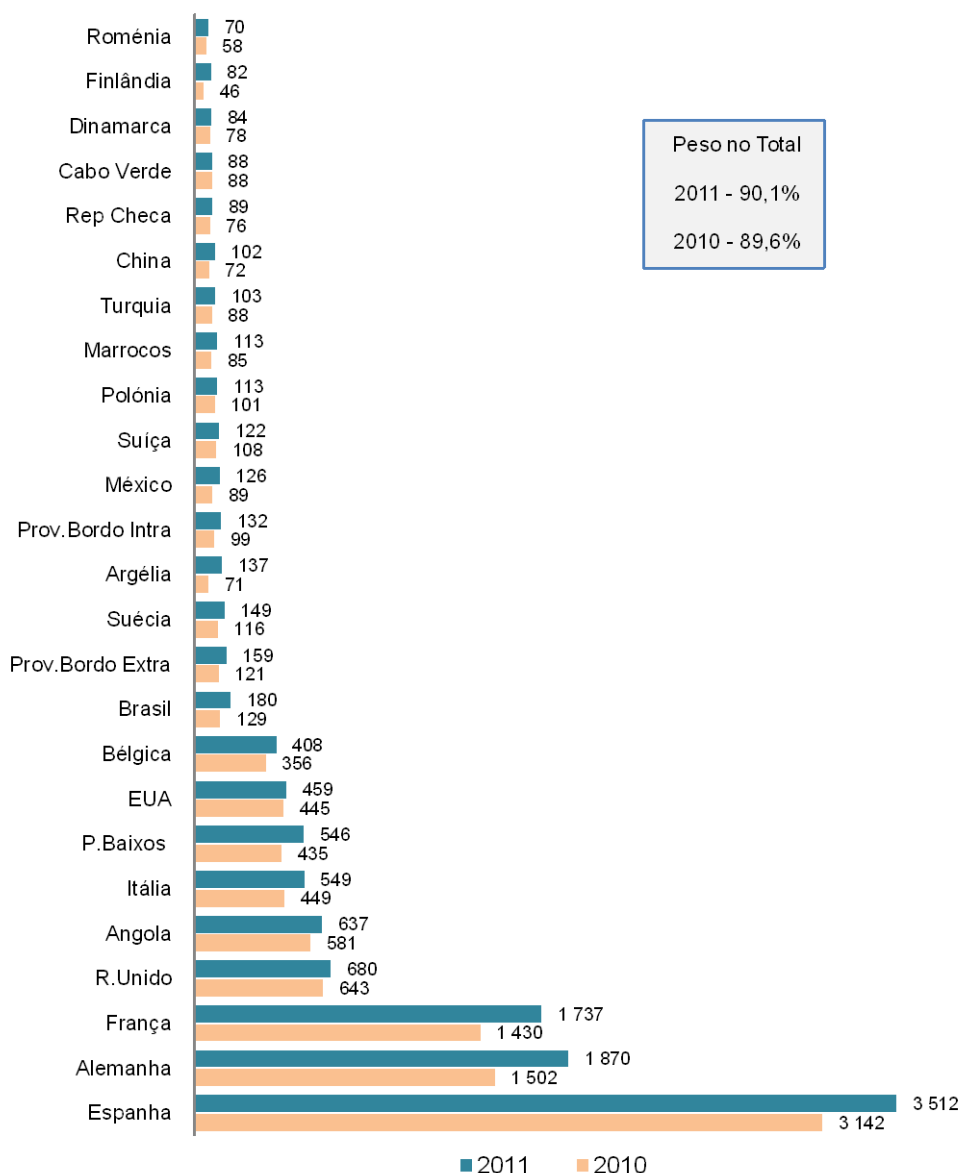
Nove países foram o destino de cerca de 77% das exportações nacionais nos quatro primeiros meses do ano: Espanha (25,8%), Alemanha (13,8%), França (12,8%), Reino Unido (5,0%), Angola (4,7%), Itália (4,0%), Países Baixos (4,0%), EUA (3,4%), e Bélgica (3,0%).

Em todos os 25 principais destinos das mercadorias, que representaram 90% do total, o valor das exportações em 2011 foi superior ao do mesmo período do ano anterior (com prática estagnação em Cabo Verde) (Gráfico 2).

**Gráfico 2 – Os 25 principais destinos das exportações portuguesas**

Janeiro a abril de 2010 e 2011

(milhões de Euros)

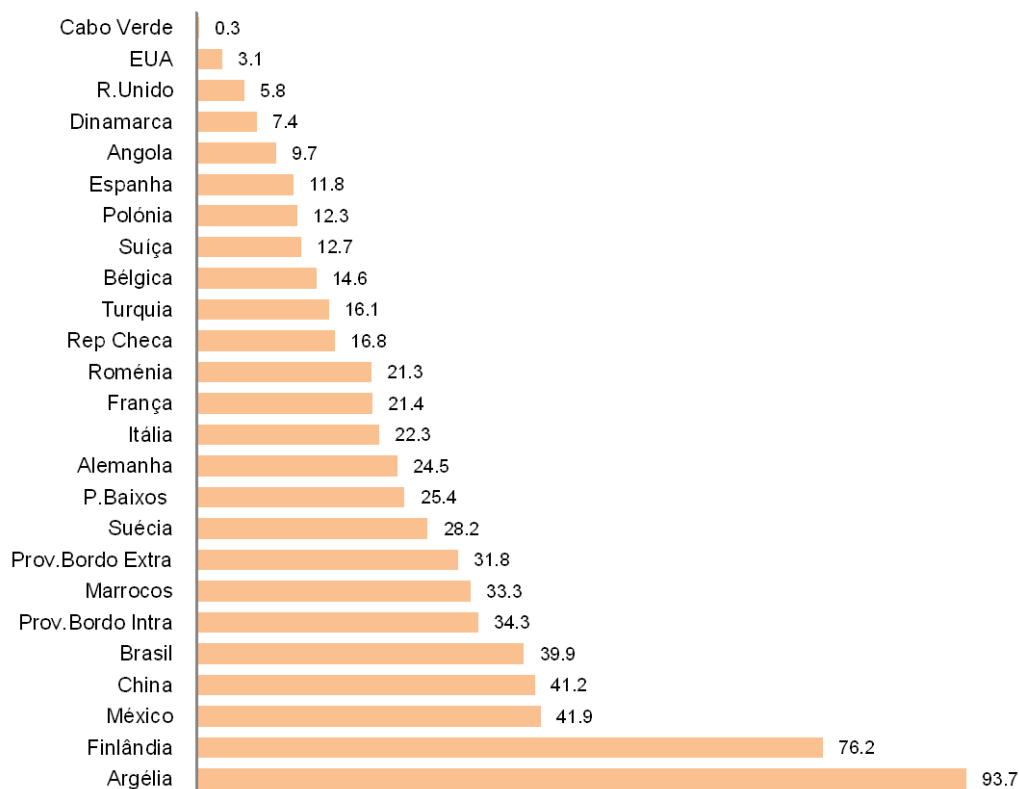


Fonte: A partir de dados de base do Instituto Nacional de Estatística.

O maior ritmo de crescimento ocorreu nas exportações para a Argélia, que quase duplicaram em 2011 (+93,7%), a que se seguiu a Finlândia (+76,2%), o México (+41,9%), a China (+41,2%), o Brasil (+39,9%), e Marrocos (+33,3%), se nos abstrairmos dos fornecimentos para Provisões de Bordo.

De sublinhar que entre estes seis países cinco deles são Países Terceiros, o que ilustra o esforço de diversificação de mercados que vem sendo desenvolvido pelos exportadores nacionais (Gráfico 3).

**Gráfico 3 - Taxas de variação homóloga das exportações portuguesas para os 25 principais destinos entre janeiro a abril de 2010 e 2011 (%)**



Fonte: A partir de dados de base do Instituto Nacional de Estatística.

### 3 – Principais Destinos das Exportações em 2011 por Grupos de Produtos

Espanha é o principal destino das nossas exportações, estendendo-se a sua supremacia a sete dos dez Grupos de Produtos aqui considerados, ordenados por ordem decrescente do seu contributo para o crescimento global: “Químicos” (28,8% do Grupo em 2011), “Minérios e metais” (38,2%), “Agroalimentares” (37,3%), “Vestuário e calçado” (24,9%), “Madeira, cortiça e papel” (24,9%), “Peles, couros e têxteis” (20,6%), “Produtos acabados diversos” (30,2%).

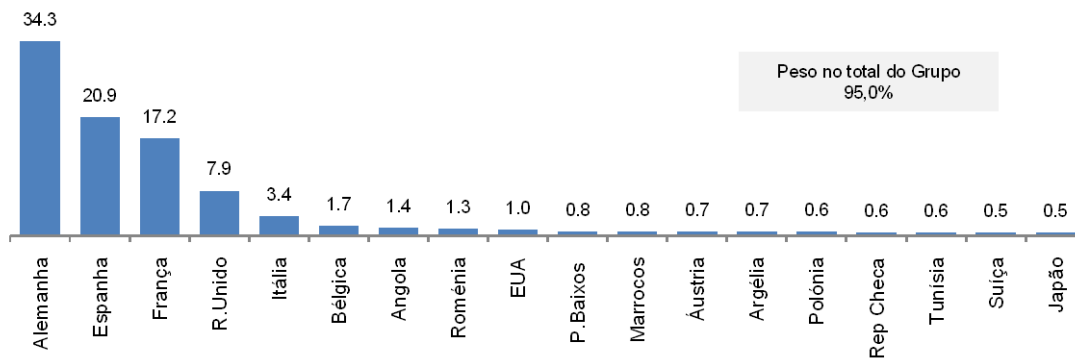
Por sua vez a Alemanha prevalece nos grupos “Material de transporte” (34,3%) e “Máquinas” (21,3%).

No grupo “Energéticos” predominam os fornecimentos para Provisões de Bordo, tanto para o espaço intra como extracomunitário (31,8%), mas também aqui, ao nível de países, a Espanha é o principal destino (13,8%), seguida dos EUA (11,6%).

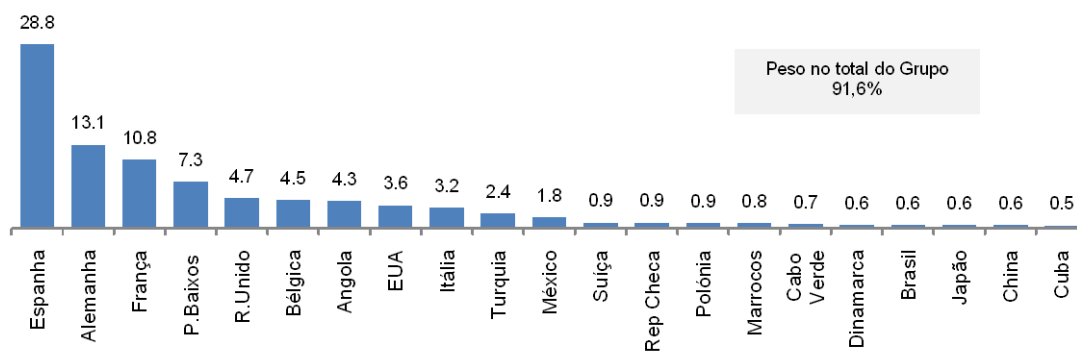
De realçar o peso relativo de Angola nos grupos “Minérios e metais” (5ª posição, com 5,6% do total do grupo), “Agroalimentares” (2ª posição, com 10,3%), “Máquinas” (4ª posição, com 7,6%), e “Produtos acabados diversos” (3ª posição, com 8,1% do total do grupo).

Nos Gráficos 4 a 13, que se seguem, encontram-se representados os principais mercados de destino das exportações, por Grupos de Produtos (mais de 90% do total por Grupo) ordenados por ordem decrescente dos seus contributos para o crescimento global no período de janeiro a abril de 2011.

**Gráfico 4 - Material de transporte**



**Gráfico 5 - Químicos**



**Gráfico 6 - Minérios e metais**

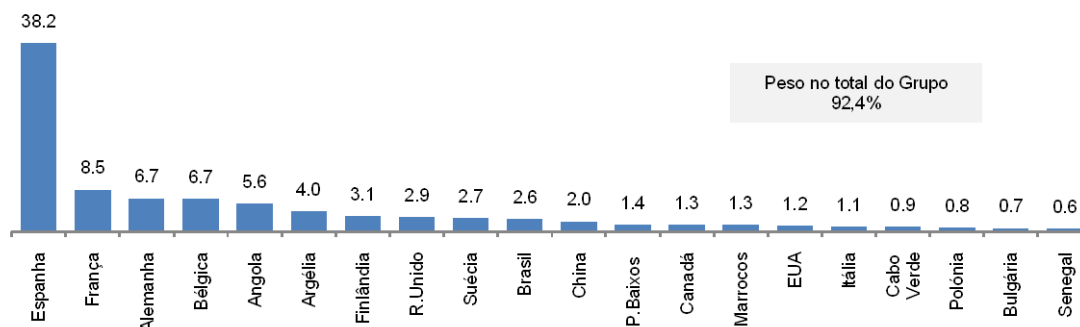


Gráfico 7 - Agro-alimentares

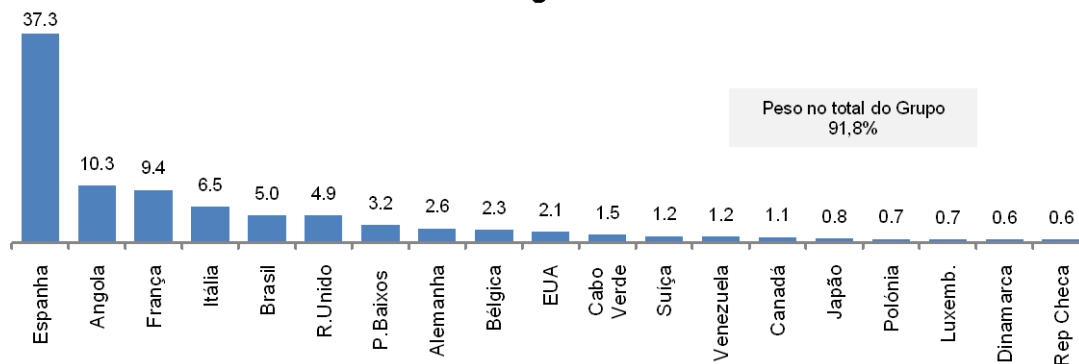


Gráfico 8 - Máquinas

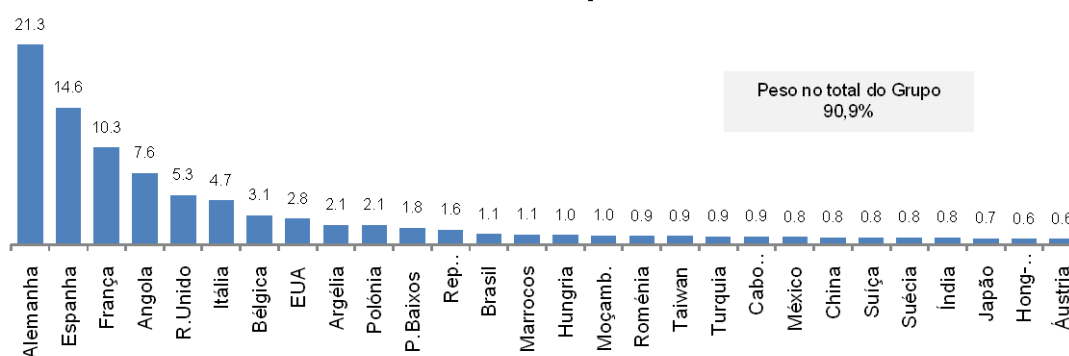


Gráfico 9 - Vestuário e calçado

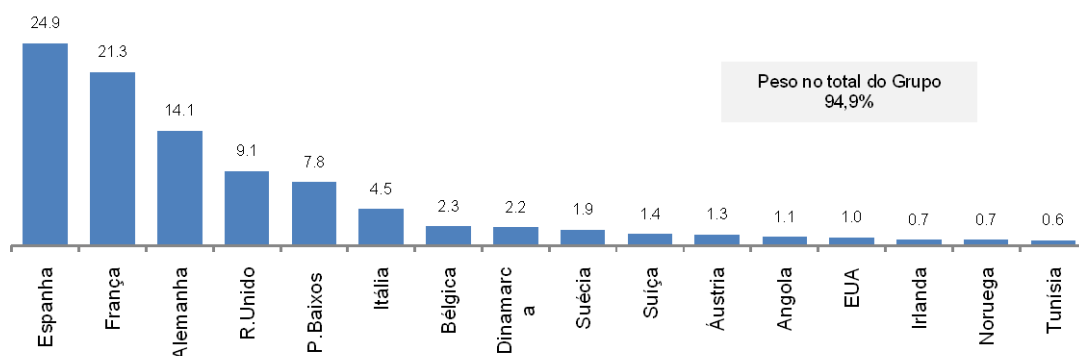
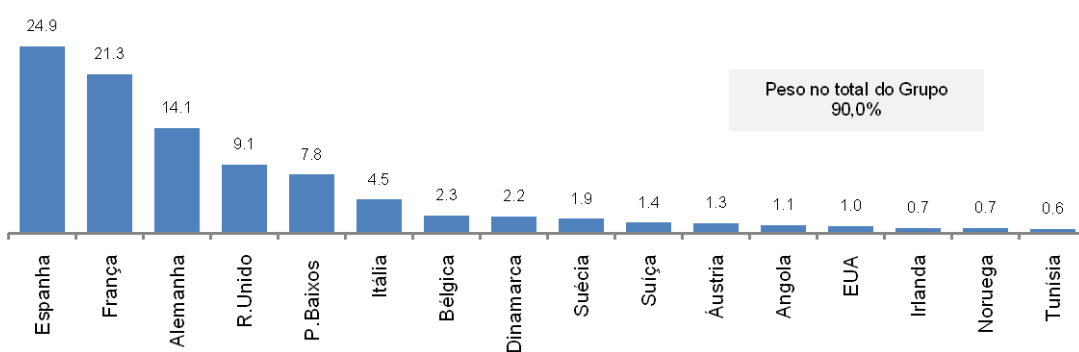
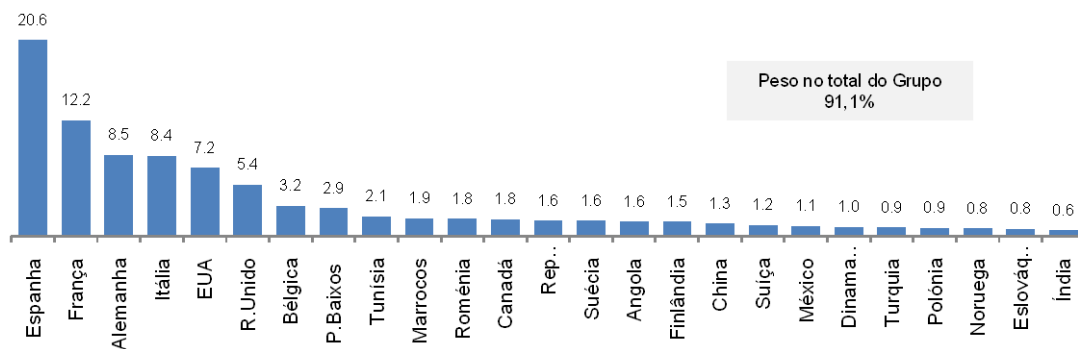
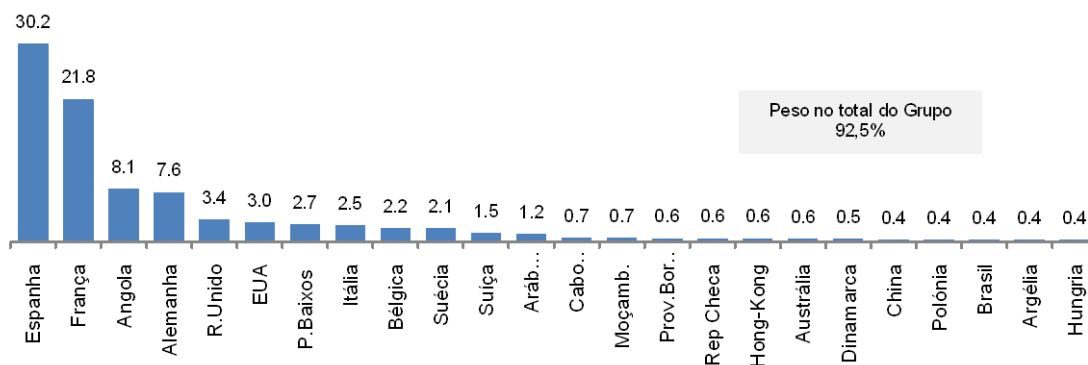
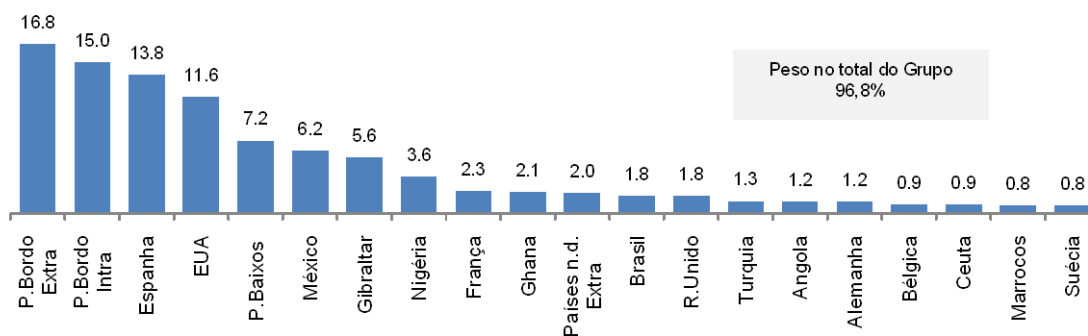


Gráfico 10 - Madeira, cortiça e papel



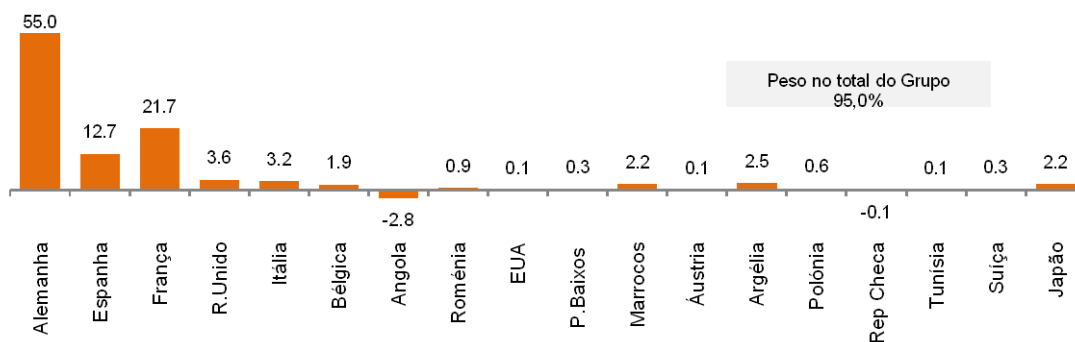
**Gráfico 11 - Peles, couros e têxteis****Gráfico 12 - Produtos acabados diversos****Gráfico 13 - Energéticos**

Fonte: Dados de base do Instituto Nacional de Estatística.

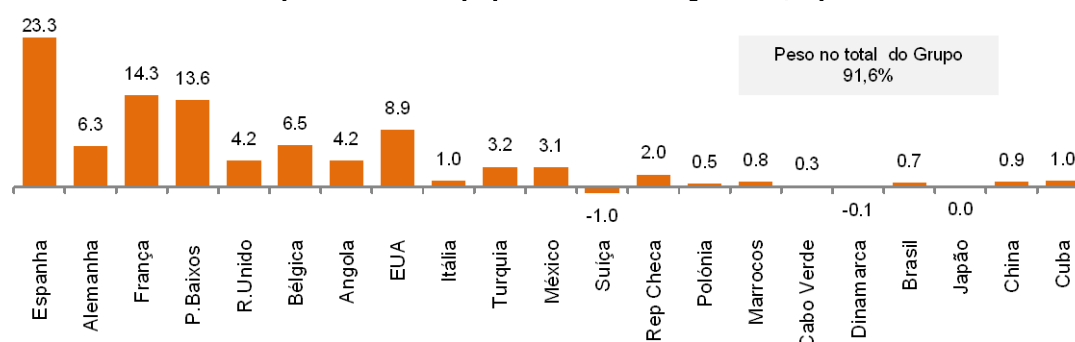
#### 4 – Contributos dos Principais Mercados de Destino das Exportações em 2011 para a Taxa de Crescimento em cada Grupo de Produtos

Nos Gráficos 14 a 23 que se seguem, encontram-se representados os contributos dos principais mercados de destino para o crescimento de cada Grupo de Produtos, sempre com uma representatividade superior a 90%. Os países encontram-se ordenados por ordem decrescente do seu peso relativo no respetivo Grupo, à semelhança dos gráficos anteriores.

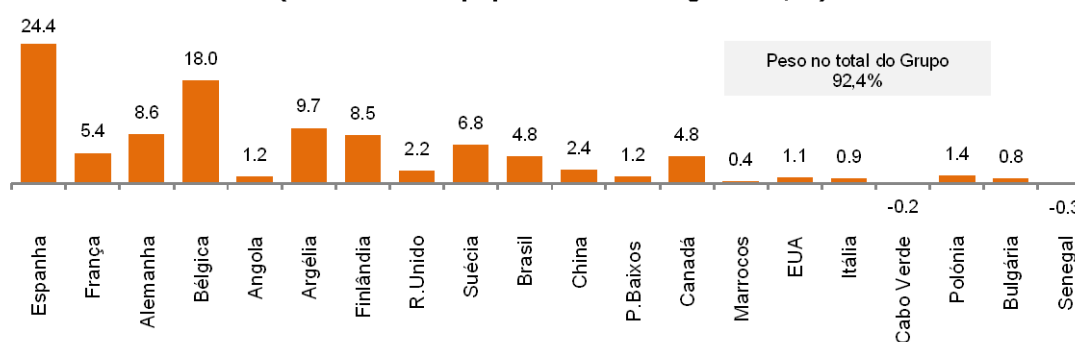
**Gráfico 14 - Material de transporte**  
(contributo do Grupo para o crescimento global: 20,7%)



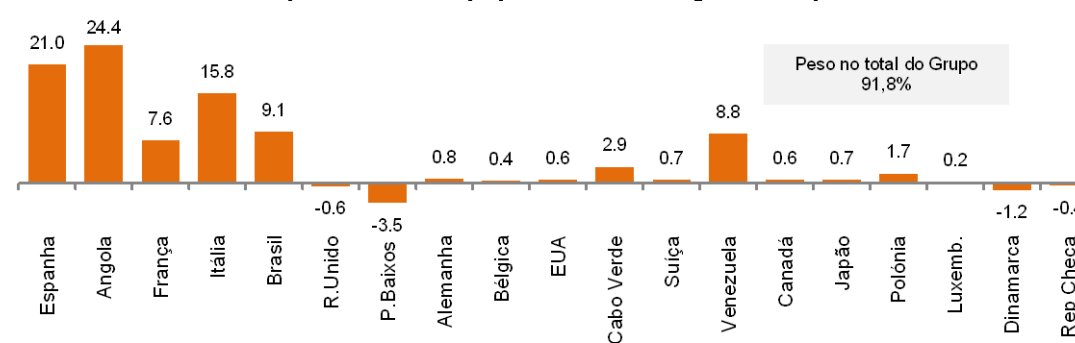
**Gráfico 15 - Químicos**  
(contributo do Grupo para o crescimento global: 20,1%)



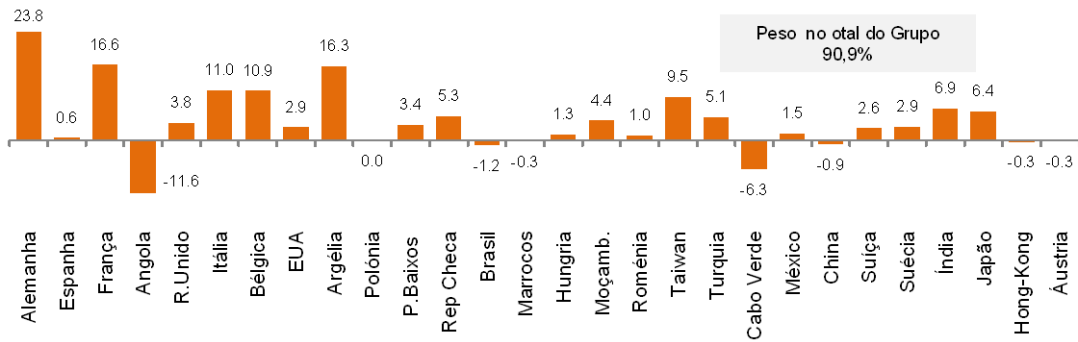
**Gráfico 16 - Minérios e metais**  
(contributo do Grupo para o crescimento global: 19,1%)



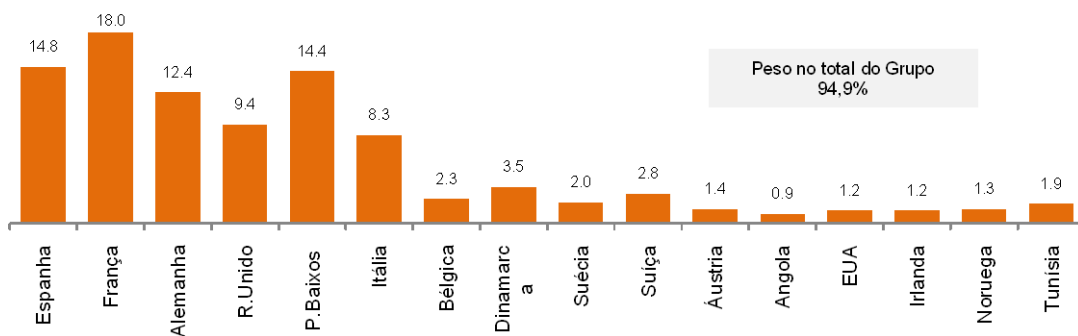
**Gráfico 17 - Agro-alimentares**  
(contributo do Grupo para o crescimento global: 8,7%)



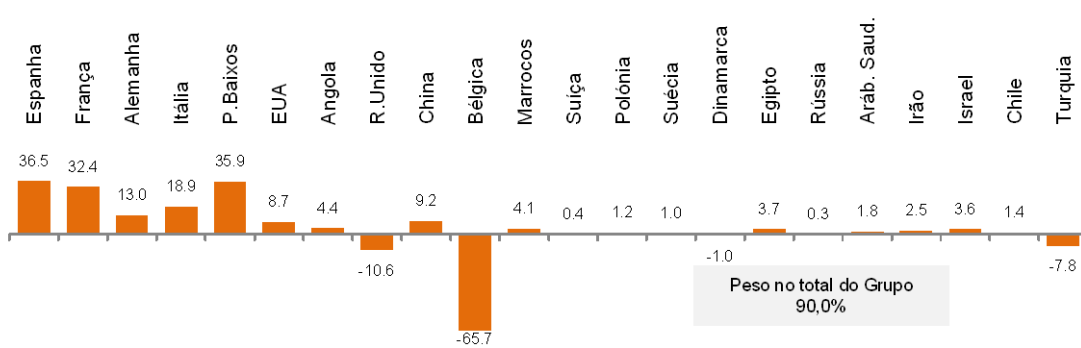
**Gráfico 18 - Máquinas**  
(contributo do Grupo para o crescimento global: 8,3%)



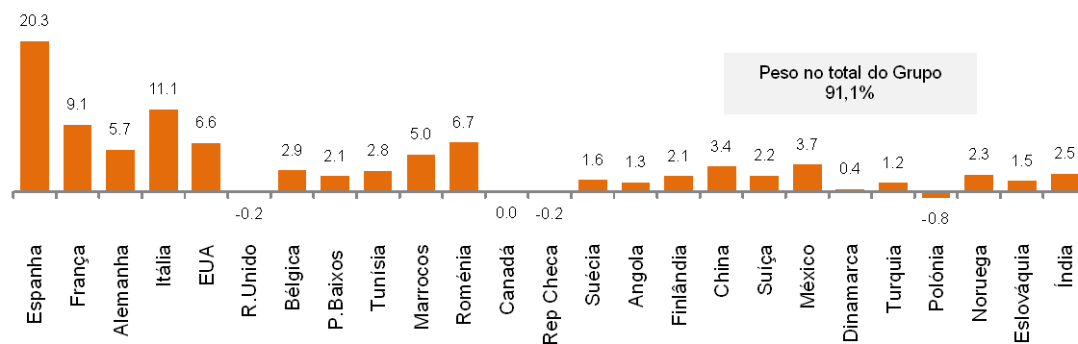
**Gráfico 19 - Vestuário e calçado**  
(contributo do Grupo para o crescimento global: 7,0%)



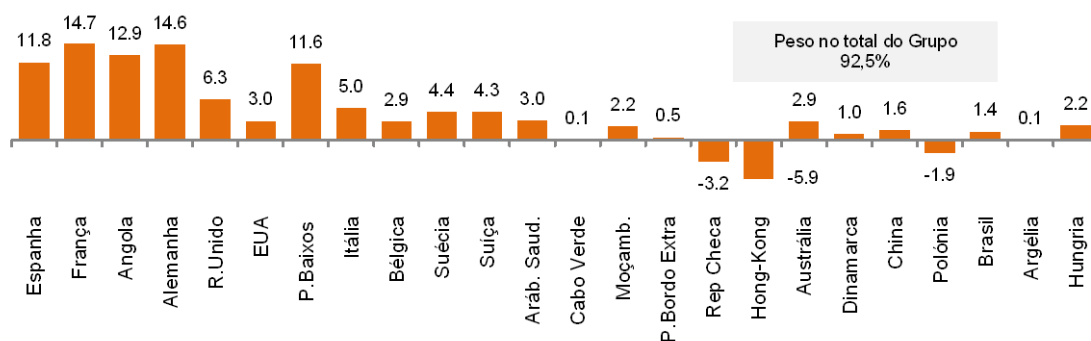
**Gráfico 20 - Madeira, cortiça e papel**  
(contributo do Grupo para o crescimento global: 6,5%)



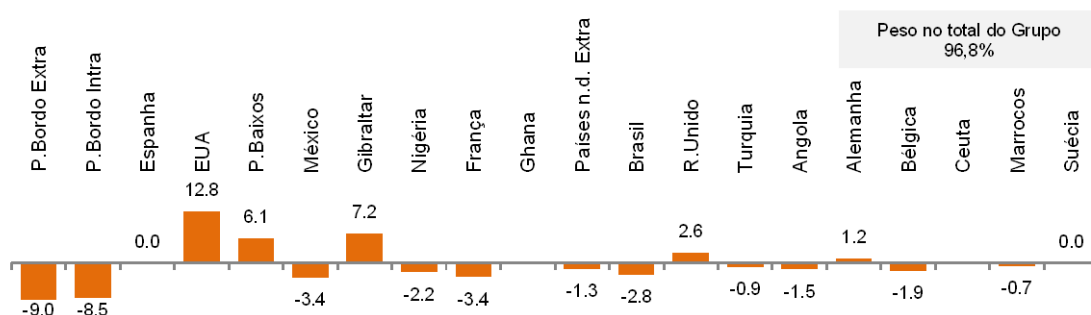
**Gráfico 21 - Peles, couros e têxteis**  
(contributo do Grupo para o crescimento global: 5,3%)



**Gráfico 22 - Produtos acabados diversos**  
(contributo do Grupo para o crescimento global: 3,8%)



**Gráfico 23 - Energéticos**  
(contributo do Grupo para o crescimento global: 0,5%)



[1] Contributo para a taxa de crescimento das exportações - análise *shift-share*:  $TVH \times \text{peso no período homólogo anterior} \div 100$ .

Fonte: A partir de dados de base do Instituto Nacional de Estatística.

## 5 – Produtos NC-4 que mais Contribuíram para a Taxa de Crescimento das Exportações

Entre os produtos, definidos a 4 dígitos da Nomenclatura Combinada (NC-4), que mais contribuíram para a taxa de crescimento global das exportações, destacam-se os “Automóveis de passageiros” (+50,9%, com um contributo de 13,5%), as “Partes e acessórios de veículos automóveis e tratores” (+5,1% e 6,1% de contributo) (Quadro 2).

Seguiram-se os “Minérios de cobre” (+99,2% e 4,0%), o “Ouro” (+123,5% e 3,4%), o “Calçado” (+17,3% e 3,1%), as “Barras de ferro ou aço não ligado (+92,2% e 3,1%), os “Hidrocarbonetos cíclicos” como benzeno, tolueno, etc. (+126,8% e 2,8% de contributo), os “Fios e cabos elétricos isolados (+29,1% e 2,6%), os “Hidrocarbonetos acíclicos”, como etileno, propileno, etc. (+56,3% e 2,4%, o “Papel e cartão” (+12,5% e 2,1%), os “Pneus novos” (+22,1% e 2,1%), o “Fio-máquina de ferro ou aço (+80,4% e 1,9%), as “Colofónias e ácidos resinicos” (+246,7% e 1,9%), os “Polímeros de etileno em formas primárias” (+60,6% e 1,8%), os “Veículos automóveis para o transporte de mercadorias” (+23,9% e 1,7%), e as “Chapas, folhas, películas e similares de plástico não alveolar” (+31,2% de taxa de crescimento e 1,6% de contributo para o crescimento global), produtos que no seu conjunto contribuíram para 54% do crescimento global.

Quadro 2 - Produtos NC-4 que mais contribuíram para a taxa de crescimento das exportações no período de janeiro a abril de 2011

(ordenados por ordem decrescente dos respetivos contributos)

NC-4	Descritivo	Estrutura (%)		TVH	Contributos [1]	
		2010	2011		p.p.	%
	<b>Total da Exportação</b>	<b>100.00</b>	<b>100.00</b>	<b>16.97</b>	<b>16.97</b>	<b>100.00</b>
8703	Automóveis de passageiros e mistos; automóveis de corrida	4.49	5.79	50.87	2.29	13.46
8708	Partes e acessórios de tractores e veículos automóveis	4.94	5.10	20.88	1.03	6.07
2603	Minérios de cobre e seus concentrados	0.68	1.15	99.20	0.67	3.96
7108	Ouro em formas brutas, semimanufacturadas ou em pó	0.47	0.90	123.54	0.58	3.41
6403	Calçado sola borracha/plástico/couro e parte superior couro natural	3.06	3.07	17.31	0.53	3.13
7214	Barra de ferro/aço não ligado forjado/laminado/estirado/extrudado a quente	0.57	0.94	92.21	0.53	3.10
2902	Hidrocarbonetos cíclicos (benzeno/tolueno/xileno/estireno/etc)	0.37	0.72	126.77	0.47	2.77
8544	Fios/cabos/fibra óptica/condutores eléctricos, isolados, c/s/peças conexão	1.53	1.69	29.14	0.45	2.64
2901	Hidrocarbonetos acíclicos (etileno/propileno/butileno/etc)	0.73	0.98	56.26	0.41	2.42
4802	Papel/cartão não revestido p/escrita/fins gráficos/cartões/etc, em rolos/folhas	2.91	2.79	12.50	0.36	2.14
4011	Pneumáticos novos, de borracha	1.63	1.70	22.09	0.36	2.12
7213	Fio-máquina de ferro ou aço não ligado	0.41	0.63	80.35	0.33	1.95
3806	Colofónias e ácidos resinosos; essências e óleos; gomas fundidas	0.13	0.39	246.66	0.33	1.92
3901	Polímeros de etileno em formas primárias	0.51	0.70	60.57	0.31	1.81
8704	Veículos automóveis para transporte de mercadorias	1.18	1.25	23.89	0.28	1.67
3920	Outras chapas/folhas/películas/tiras/lâminas, de plástico não alveolar	0.88	0.99	31.18	0.28	1.62
8527	Receptores rádio-difusão/telefonia/telegrafia c/s/gravado/reprod/relogio	2.40	2.24	9.34	0.22	1.32
0307	Moluscos e outros invertebrados vivos/frescos/refrig/secos/salg	0.20	0.33	96.45	0.19	1.13
8542	Circuitos integrados e microconjuntos electrónicos	0.01	0.17	1299.44	0.18	1.06
8526	Radares e aparelhos de radionavegação/radiotelecomando	0.02	0.17	967.72	0.18	1.05
2924	Compostos função carboxiamida/amida do ácido carbónico	0.11	0.25	160.11	0.18	1.04
8409	Partes de motores de explosão ou diesel	0.53	0.60	32.50	0.17	1.02
7601	Alumínio em formas brutas	0.52	0.57	28.67	0.15	0.87
3921	Outras chapas/folhas/películas/tiras e lâminas, de plástico	0.30	0.38	47.97	0.14	0.85
3004	Medicamentos fins terapêuticos/profiláticos, acondicionados p/venda retalho	1.22	1.16	11.59	0.14	0.83
4703	Pastas químicas de madeira, à soda/sulfato, excepto p/dissolução	1.06	1.02	12.80	0.14	0.80
6109	T-shirts e camisolas interiores, de malha	1.73	1.60	7.78	0.13	0.79
7204	Desperdícios e sucata de ferro ou aço	0.46	0.51	27.60	0.13	0.76
2203	Cerveja de malte	0.37	0.42	34.37	0.13	0.75
2909	Éteres diversos, peróxido cetona e s/derivado halogénico/sulfon/nitrad/nitrosado	0.00	0.11	2682.53	0.12	0.73
7007	Vidro de segurança, temperado/formado por folhas contracolladas	0.19	0.27	62.20	0.12	0.71
5607	Cordões/cordas/cabos, mesmo impregnado/revestido de borracha/plástico	0.39	0.44	29.86	0.12	0.69
4504	Corriça aglomerada, com ou sem aglutinantes e suas obras	1.06	1.01	10.79	0.11	0.68
0604	Folhas/ramos s/ flores/botões, ervas, musgo, frescos/secos/preparados	0.08	0.17	130.35	0.11	0.65
2716	Energia eléctrica	0.24	0.30	43.78	0.11	0.63
8531	Aparelho eléctrico sinaliz. acústica/visual (campainhas/sirenes/alarmes)	0.10	0.17	103.79	0.10	0.61
7210	Laminados planos ferro/aço não ligado, revestidos, >= 600mm largura	0.36	0.40	28.62	0.10	0.61
3808	Insecticidas/fungicidas/herbicidas/inibidores germinação/outros	0.10	0.17	100.63	0.10	0.58
6115	Meias-calças/meias, incluindo para varizes, de malha	0.36	0.39	27.53	0.10	0.58
8517	Aparelho eléctrico telefonia/telegrafia/telecomunicação, por fios	0.28	0.32	34.94	0.10	0.57
6302	Roupa de cama, mesa, toucador ou cozinha	1.00	0.93	9.51	0.09	0.56
1507	Óleo de soja mesmo refinado	0.14	0.20	68.37	0.09	0.55
3904	Polímeros cloro-vinilo/outras olefinas halogenadas, formas primárias	0.38	0.40	24.42	0.09	0.54
1509	Azeite de oliveira, mesmo refinado	0.35	0.37	25.56	0.09	0.52
5501	Cabos de filamentos sintéticos	0.14	0.20	60.15	0.09	0.51
2402	Charutos, cigarrilhas e cigarros, de tabaco ou seus sucedâneos	0.89	0.84	9.51	0.08	0.50
3923	Embalagens/rolos/cápsulas/tampas, de plástico	0.33	0.35	25.70	0.08	0.50
4016	Outras obras de borracha vulcanizada não endurecida	0.16	0.21	50.82	0.08	0.49
9401	Assentos mesmo transformáveis em cama e suas partes	1.53	1.38	5.44	0.08	0.49
8301	Cadeados/fechaduras/ferragens metálicas comuns e s/chaves	0.32	0.34	25.35	0.08	0.48
8503	Partes de motores/generadores eléctricos e de grupos electrogéneos	0.03	0.10	256.24	0.08	0.48
8481	Torneiras e válvulas	0.69	0.66	11.59	0.08	0.47
2710	Óleos de petróleo (nafta/white spirit/gasolina/jet/gasóleo/fuel/turbif)	6.04	5.23	1.32	0.08	0.47
	Representatividade da amostra (%):	48.60	53.16	27.95	13.58	80.04

[1] Contributos para a taxa de crescimento das exportações - análise *shift-share*: TVH x peso no período homólogo anterior ÷ 100.

Fonte: A partir de dados de base do Instituto Nacional de Estatística.

No Quadro 3 relacionam-se os principais produtos NC-4 que contribuíram negativamente para a taxa de crescimento das exportações no período em análise.

Quadro 3 - Principais produtos NC-4 com contributo negativo para a taxa de crescimento das exportações no período de janeiro a abril de 2011

(ordenados por ordem crescente dos respetivos contributos)

NC-4	Descritivo	Estrutura (%)		TVH	Contributos [1]	
		2010	2011		p.p.	%
	<b>Total da Exportação</b>	<b>100.00</b>	<b>100.00</b>	<b>16.97</b>	<b>16.97</b>	<b>100.00</b>
8504	Transformadores/coversores eléctric, bobinas reactância/auto-indução	0.72	0.44	-28.17	-0.20	-1.19
8901	Barcos para o transporte de pessoas ou mercadorias	0.19	0.00	-100.00	-0.19	-1.11
2711	Gás de petróleo e outros hidrocarbonetos gasosos	0.39	0.18	-44.20	-0.17	-1.00
8541	Diodos, transistores e outros dispositivos c/semicondutores	0.27	0.12	-48.11	-0.13	-0.77
7308	Construções em ferro ou aço e suas partes	0.68	0.49	-14.80	-0.10	-0.59
3909	Resinas aminicas/fenólicas e poliuretanos, formas primárias	0.63	0.47	-12.88	-0.08	-0.47
3907	Poliésteres e resinas epóxicas/polycarbonatos, formas primárias	0.15	0.07	-48.12	-0.07	-0.43
6910	Lavatórios/banheiras/bidés/sanitários/autoclism etc, de cerâmica	0.33	0.22	-20.94	-0.07	-0.40
6203	Fatos/conj/casacos/calças/jardim/bermudas/calções, de tecido, p/H	0.80	0.63	-8.00	-0.06	-0.38
2304	Bagaço soja/outr resid extracção óleo, mesmo triturados/pellets	0.09	0.02	-71.95	-0.06	-0.37
4009	Tubos borracha vulcaniz não endurec (mesmo c/ juntas/uniões/etc)	0.14	0.08	-35.24	-0.05	-0.29
2523	Cimentos hidráulicos (incluindo clinkers), mesmo corados	0.36	0.27	-12.62	-0.05	-0.27
4704	Pastas químicas de madeira, ao bissulfito, excepto p/dissolução	0.16	0.10	-27.29	-0.04	-0.26
8474	Máq trabalhar terras/pedra/minérios/comb sólidos/ciment/gesso/etc	0.23	0.16	-18.83	-0.04	-0.26
7010	Garrafas/frascos/ampolas/embalagens/rolhas/tampas etc, de vidro	0.81	0.66	-5.01	-0.04	-0.24
8511	Aparelh eléctric de ignição/arranque (bobinas/velas/geradores, etc.)	0.13	0.08	-30.97	-0.04	-0.24
3304	Produtos de beleza incluindo anti-solares e bronzeadores	0.10	0.05	-39.30	-0.04	-0.23
8480	Caixas de fundição; moldes para metais/vidro/borracha/plástico	1.00	0.83	-3.91	-0.04	-0.23
5107	Fios de lã penteada, não acondicionados para venda a retalho	0.04	0.01	-79.30	-0.04	-0.21
7610	Construções em alumínio e suas partes	0.23	0.17	-15.16	-0.04	-0.21
8426	Cábreas; guindastes; pontes rolantes; pórticos de descarga	0.13	0.08	-25.79	-0.03	-0.20
2516	Granito/pórfiro/basalto/arenito e outras pedras em blocos/placas	0.12	0.08	-26.36	-0.03	-0.19
8415	Aparelhos ar condic c/ventilador e regulador temperatura/humidade	0.15	0.10	-20.47	-0.03	-0.18
8803	Partes de veículos aéreos com e sem motor	0.33	0.25	-9.39	-0.03	-0.18
8421	Centrifugadores, aparelhos p/filtrar líquidos/gases	0.15	0.11	-18.63	-0.03	-0.17
8402	Caldeiras a vapor (não incluindo para aquecimento central)	0.09	0.05	-32.58	-0.03	-0.16
8535	Interruptores/seccionadores/aparelh protecção/ligação eléctric, >1 KV	0.04	0.01	-69.79	-0.03	-0.16
1001	Trigo e mistura de trigo com centeio	0.03	0.01	-77.80	-0.03	-0.16
9029	Outros contadores (de voltas, taxímetros, velocímetros, etc)	0.09	0.05	-30.97	-0.03	-0.16
2817	Óxido de zinco; peróxido de zinco	0.03	0.00	-97.04	-0.03	-0.16
8502	Grupos electrogéneos e conversores rotativos, eléctricos	0.15	0.11	-17.48	-0.03	-0.15
2933	Comp heterocicl apenas de hetero-átomo azoto; ácid/sais nucleicos	0.03	0.00	-88.68	-0.03	-0.15
8302	Ferragens/guarnições/rodízios/fechos/etc, em metais comuns	0.19	0.14	-13.73	-0.03	-0.15
	Representatividade da amostra (%):	8.96	6.02	-21.46	-1.92	-11.33

[1] Contributos para a taxa de crescimento das exportações - análise *shift-share*: TVH x peso no período homólogo anterior ÷ 100.

Fonte: Dados de base do Instituto Nacional de Estatística.



## **Iniciativas e Medidas Legislativas**



## 1. Iniciativas

Iniciativa	Sumário
<p>Reunião Conselho ECOFIN</p> <p>12 de julho de 2011</p>	<p>Do debate ocorrido no Conselho ECOFIN de 12 de julho de 2011 destacam-se os seguintes temas:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <b>Exercício de <i>stress test</i> no sector bancário e medidas de apoio:</b> O Conselho examinou a disponibilidade e credibilidade das medidas de apoio ao setor bancário, preparadas para mitigar as fragilidades identificadas pelo exercício europeu de <i>stress test</i> coordenado pela Autoridade Bancária Europeia (EBA), cujos resultados foram entretanto divulgados no dia 15 de julho. O Conselho confirmou, ainda, as soluções privadas como resposta preferencial aos problemas identificados, tendo destacado a importância de medidas públicas caso as primeiras se revelem insuficientes. Por último, o Conselho acordou monitorizar os desenvolvimentos, bem como a implementação das medidas anteriormente referidas. Tanto a realização do exercício de <i>stress test</i>, como a preparação e acompanhamento de medidas de apoio ao setor bancário, são parte determinante da resposta global à crise, tal como aprovada pelo Conselho Europeu de março.</li> <li>▪ <b>Apresentação do programa de trabalhos da Presidência Polaca:</b> O Conselho tomou nota da apresentação do programa de trabalhos da Presidência polaca relativo ao segundo semestre de 2011 para o Conselho Ecofin, no qual são estabelecidos os seguintes objetivos: (i) implementação dos procedimentos relativos à atual governação económica e prossecução dos trabalhos para obtenção do acordo político com o Parlamento Europeu, com vista à implementação do pacote legislativo referente ao reforço da coordenação das políticas económicas dos estados-membros, (ii) adoção antecipada de propostas para melhorar a regulação e supervisão dos mercados financeiros e desenvolver regras para a gestão de crises, (iii) adoção atempada do orçamento da UE para 2012, (iv) desenvolvimento dos trabalhos em curso no âmbito da fiscalidade e (v) coordenação da representação externa da UE.</li> <li>▪ <b>Pacto de Estabilidade e Crescimento</b> <p><b>Decisão do Conselho que revoga a decisão sobre a existência de um défice excessivo na Finlândia:</b> O Conselho aprovou uma decisão que encerra o procedimento por défice excessivo para a Finlândia, após considerar os dados fornecidos pelo Eurostat, que revelam que o défice deste país se situou em 2.5% do PIB em 2010 (abaixo do valor de referência fixado pelo Tratado, de 3% do PIB).</p> <p><b>Conclusões do Conselho sobre as implicações da situação económica na supervisão orçamental e nos procedimentos por défice excessivo:</b> Na sequência da aprovação pelo Conselho das recomendações específicas por país, no âmbito do primeiro Semestre Europeu, as conclusões do Conselho reiteram a necessidade de os estados-membros terem em conta estas recomendações nas suas decisões futuras, nomeadamente nos seus orçamentos para 2012. As conclusões reforçam igualmente a necessidade dos estados-membros prosseguirem a consolidação orçamental em linha com os requisitos do Pacto de Estabilidade e Crescimento.</p> <p>Na véspera desta reunião, os Ministros dos estados-membros da área do euro assinaram o Tratado que cria o Mecanismo Europeu de Estabilidade.</p> </li> </ul>
<p>Eliminação dos direitos especiais detidos pelo Acionista Estado</p>	<p>Foi aprovado o decreto-lei que elimina os direitos especiais detidos pelo acionista Estado na EDP – Energias de Portugal, S.A., na Galp Energia, SGPS, S.A., e na Portugal Telecom, SGPS, S.A.</p> <p>Esta decisão enquadra-se no compromisso assumido por Portugal no Programa de</p>

Iniciativa	Sumário
Conselho de Ministros de 5 de julho de 2011	Assistência Financeira acordado com a União Europeia, o Fundo Monetário Internacional e o Banco Central Europeu.
Compromisso Eficiência	O Conselho de Ministros estabeleceu as linhas gerais do Plano de Redução e Melhoria da Administração Central, no âmbito do Compromisso Eficiência.
Conselho de Ministros de 20 de julho de 2011	O Conselho de Ministros fixou como objetivo mínimo uma redução de pelo menos 15% no total das estruturas orgânicas dependentes de cada ministério, e de pelo menos 15% no número de cargos dirigentes, tanto de nível superior, como de nível intermédio.  Este processo será finalizado no Conselho de Ministros de 26 de outubro que aprovará as leis orgânicas dos Ministérios.
Alteração ao Código de Trabalho	O Conselho de Ministros aprovou uma proposta de lei que procede à alteração ao Código do Trabalho, estabelecendo um novo sistema de compensação pela cessação do contrato de trabalho, aplicável apenas aos novos contratos.
Conselho de Ministros de 20 de julho de 2011	A proposta de lei concretiza uma das medidas para a modernização do mercado de trabalho contemplada no Acordo Tripartido para a Competitividade e Emprego, de março de 2011, e também expressamente prevista no memorando conjunto com a União Europeia, o Fundo Monetário Internacional e o Banco Central Europeu.  Essas compensações, com limites máximos, passam a corresponder ao valor de 20 dias de retribuição base e diuturnidades por cada ano de serviço.
Concessão de passaportes  Conselho de Ministros de 20 de julho de 2011	O Conselho de Ministros aprovou decreto-lei que transfere dos Governos Cívicos para o Diretor Nacional do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras a competência para a concessão de passaportes. Com esta medida, o número de locais para requerer o passaporte passa de 27 para 319.
Lei das Comunicações Eletrónicas  Conselho de Ministros de 21 de julho de 2011	O Conselho de Ministros aprovou proposta de lei que procede à alteração à Lei das Comunicações Eletrónicas, decorrente da transposição de Diretivas comunitárias.  No regime comunitário, que ora se transpõe, são identificáveis os seguintes eixos principais: o reforço de uma regulação independente e de uma ação regulatória que promova a inovação e o investimento; o reconhecimento da gestão eficiente do espectro como vetor fundamental de promoção de bem-estar e de desenvolvimento económico; a consolidação do mercado interno, entre outros, através da criação do Organismo de Reguladores Europeus das Comunicações Eletrónicas; o fortalecimento da proteção dos consumidores de serviços de comunicações eletrónicas, incluindo os utilizadores com deficiência; e a promoção de comunicações seguras através do reforço da segurança e integridade das redes.
Aumento das tarifas dos transportes coletivos rodoviários  Comunicado do Ministério da Economia e do Emprego	No seguimento do compromisso assumido pelo Estado Português no memorando de entendimento com a troika, e face à situação económica e financeira das empresas públicas do setor dos transportes, são alteradas as tarifas dos transportes coletivos rodoviários. As condições já definidas são as seguintes:  a) A fixação em 2,7% de percentagem máxima de aumento médio nos preços atualmente praticados para os títulos relativos aos transportes coletivos rodoviários interurbanos de passageiros até 50 quilómetros.  b) A fixação em 15,0% da percentagem máxima de aumento médio nos preços atualmente praticados para os títulos intermodais e combinados das Áreas Metropolitanas de Lisboa e do Porto, para os títulos dos transportes rodoviários urbanos de Lisboa e do Porto, para os transportes ferroviários até 50 quilómetros e para os transportes fluviais.  c) A criação de títulos de transporte a preços reduzidos, promovendo a justiça e proteção social a agregados familiares de menores rendimentos, a implementar a 1

## Iniciativa

## Sumário

	de setembro de 2011.
Segunda alteração à Lei-quadro das Privatizações Conselho de Ministros de 28 de julho de 2011	<p>O Conselho de Ministros aprovou uma proposta de lei que procede à segunda alteração à Lei-quadro das Privatizações, eliminando os direitos especiais do Estado em empresas privatizadas.</p> <p>É assim concluído o processo de alteração legislativa necessária à execução dos compromissos assumidos internamente e no memorando de entendimento com a União Europeia, o Fundo Monetário Internacional e o Banco Central Europeu, no que respeita à eliminação dos direitos especiais do Estado em empresas privatizadas.</p> <p>A proposta de lei atualiza ainda o regime jurídico das reprivatizações e extingue a Comissão de Acompanhamento das Reprivatizações.</p>
Calendário para a extinção faseada das tarifas reguladas de eletricidade e de gás natural Conselho de Ministros de 28 de julho de 2011	<p>O Conselho de Ministros aprovou uma resolução que estabelece o calendário para a extinção faseada das tarifas reguladas de eletricidade e de gás natural, bem como as medidas necessárias à proteção dos consumidores, em especial dos economicamente vulneráveis. O calendário agora aprovado estipula a extinção gradual das tarifas reguladas de venda a clientes finais de eletricidade e gás natural a partir de 1 de Julho de 2012.</p> <p>Numa primeira fase, extinguem-se as tarifas reguladas dos clientes finais de eletricidade com potência contratada igual ou superior a 10,35kVA e clientes finais de gás natural com consumo anual igual ou inferior a 10 000 m<sup>3</sup>. A partir de 1 de Janeiro de 2013, todos os clientes finais de eletricidade e gás natural deverão estar em condições de optar pelo regime de preços livre. Até à escolha por cada cliente do seu comercializador de mercado, aplicar-se-ão as tarifas transitórias, a fixar e monitorizar pela ERSE. Em paralelo, está prevista a adoção de uma tarifa social de venda de gás natural aos consumidores economicamente vulneráveis, à semelhança do definido para a eletricidade, bem como a adoção de instrumentos de relacionamento comercial adotados às necessidades desses mesmos consumidores.</p>

## 2. Seleção de Medidas Legislativas

Assunto/Diploma	Descrição
<i>Isenção de IRC</i> <i>Despacho n.º 9250/2011, DR n.º 142, Série II de 26.07.2011</i>	Isenção do IRC ao abrigo do art.º 10.º do Código do IRC, do Coro da Sé Catedral do Porto
<i>Decreto-Lei n.º 90/2011, DR n.º 141, Série I de 2011-07-25</i>	Elimina os direitos especiais detidos pelo acionista Estado na EDP - Energias de Portugal, S. A., na GALP Energia, SGPS, S. A., e na Portugal Telecom, SGPS, S. A.
<i>Pagamento de vencimentos e subsídios</i> <i>Aviso n.º 14589/2011, DR n.º 139, Série II, de 21.07.2011</i>	Informação para que a partir do mês de Agosto de 2011 inclusive os valores mensais destinados ao pagamento dos vencimentos e subsídios não poderão sair da Tesouraria Central do Estado antes das datas indicadas
<i>Lista de bens imóveis do domínio privado do Estado Português</i> <i>Aviso n.º 14588/2011, DR n.º 139, Série II, de 21.07.2011</i>	Lista de bens imóveis do domínio privado do Estado Português
<i>Requisitos fundos próprios carteira de negociações</i> <i>Decreto-Lei n.º 88/2011, DR n.º 138, Série II, de 20.07.2011</i>	Visa reforçar os requisitos de fundos próprios para a carteira de negociações e para reutilizações, bem como os poderes do BP em matéria de políticas de remuneração
<i>Decreto-Lei n.º 87/2011, D.R. n.º 136, Série I de 2011-07-18</i>	Estabelece o regime aplicável ao reconhecimento e transmissão dos ajustamentos tarifários regulares devidos às entidades reguladas do sector do gás natural.

Assunto/Diploma	Descrição
<i>Taxa supletiva - juros moratórios</i> Aviso n.º 14190/2011, DR n.º 134, Série II, de 14.07.2011	Taxa supletiva de juros moratórios em vigor no 2.º Semestre 2011
<i>Isenção de IRC</i> Despacho n.º 9048/2011, DR n.º 134, Série II de 14.07.2011	Isenção do IRC ao abrigo do artg.10º. do Código do IRC, do GEOTA - Grupo de Estudos de Ordenamento do Território
<i>Decreto-Lei n.º 86-A/2011, D.R. n.º 132, Suplemento, Série I de 2011-07-12</i>	Aprova a Lei Orgânica do XIX Governo Constitucional
<i>Resolução do Conselho de Ministros n.º 28/2011, D.R. n.º 131, Série I de 2011-07-11</i>	Cria a estrutura de missão para o acompanhamento da execução do memorando conjunto com a União Europeia, o Fundo Monetário Internacional e o Banco Central Europeu.
<i>Isenção de IRC</i> Despacho n.º 8993/2011, DR n.º 131, Série II de 11.07.2011	Isenção do IRC ao abrigo do artg.10º. do Código do IRC, da ACÁCIA -Associação para a Cooperação Internacional com África
<i>Taxas de juro</i> Aviso n.º 13838/2011, DR n.º 129, Série II, de 07.07.2011	Publicação das taxas de juro para o mês de Julho já multiplicada pelo fator 0,96 é de 2,15646%
<i>Taxas de juro</i> Aviso n.º 13837/2011, DR n.º 129, Série II, de 07.07.2011	Publicação das taxas de juro para o mês de Julho é de 2,24631%, que multiplicada pelo fator 1,10 é de 2,47094
<i>Lista de aposentados e reformados</i> Aviso n.º 13835/2011, DR n.º. 129, Série II de 07.07.2011	Lista de aposentados e reformados a partir de 1 de Agosto de 2011
<i>Isenção de IRC</i> Despacho n.º 8951/2011, DR n.º 129, Série II de 07.07.2011	Isenção do IRC ao abrigo do artg.10º. do Código do IRC, do Circulo Católico de Operários de Vila do Conde
<i>Isenção de IRC</i> Despacho n.º 8901/2011, DR n.º 128, Série II de 06.07.2011	Isenção do IRC ao abrigo do artg.10º. do Código do IRC da Federação de Folclore Português
<i>Isenção de IRC</i> Despacho n.º 8900/2011, DR n.º 128, Série II de 06.07.2011	Isenção do IRC ao abrigo do artg.10º. do Código do IRC da Amnistia Internacional - Portugal
<i>Procedimentos de contratação</i> Despacho n.º 8846/2011, DR n.º. 127, Série II de 05.07.2011	A Unidade Ministerial de Compras do Ministério do MAI (UMC-MAI) assume a condução dos procedimentos de contratação cujo objeto seja a aquisição de bens ou serviços nas categorias identificadas na lista anexa ao despacho.
<i>Procedimentos de contratação</i> Despacho n.º 8847/2011, DR n.º. 127, Série II de 05.07.2011	Centralização na Unidade Ministerial de Compras do MC, da condução dos procedimentos de contratação de aquisições, relativas às categorias de bens e serviços constantes na lista anexa ao despacho.
<i>Garantia pessoal do Estado</i> Despacho n.º 8845/2011, DR n.º 127, Série II de 05.07.2011	Concessão de garantia pessoal do Estado para cumprimento das obrigações de capital e juros do empréstimo obrigacionista a emitir pela CGD, S.A
<i>Isenção de IRC</i> Despacho n.º 8802/2011, DR n.º 126, Série II de 04.07.2011	Isenção do IRC ao abrigo do artg.10º. do Código do IRC da AFEP - Associação para a Formação de Pais
<i>Isenção de IRC</i> Despacho n.º 8801/2011, DR n.º 126, Série II de 04.07.2011	Isenção do IRC ao abrigo do artg.10º. do Código do IRC do Grupo de Ação Social do Porto - G.A.S.Porto
<i>Condições gerais da série "OT 6,40 %- Fevereiro 2016</i> Declaração de retificação n.º 1067/2011, DR n.º 125, Série II, de 01.07.2011	Retificação ao aviso 10074/2011, publicado no DR, 2ª Série, n.º 86, de 4 de Maio de 2011 (autorizações limites de endividamento)
<i>Resolução n.º 13/2011. D.R. n.º 124, Série II de 2011-06-30</i>	Exonera os governadores civis, cometendo aos secretários dos governos civis a responsabilidade de assegurar as atuais funções até à sua redistribuição por outras entidades da administração central e da administração local.

## **Abreviaturas Utilizadas**



